

PAULO SÉRGIO SILVA

60 + 4. OUTROS ANOS DA MESMA CRISE.

HISTÓRIA E IMAGEM.

**PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM HISTÓRIA
DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUCSP**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO – SIMPÓSIO TEMÁTICO

ORIENTAÇÃO: PROFA. DRA. MARIA IZILDA SANTOS DE MATOS

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Qualquer conjunto de idéias se transforma, quando mais não seja por formalização, estabilização ou simplificação para fins didáticos, depois que passa a ser ensinado em escolas primárias e secundárias, e muitas vezes em universidades. Interpretar o mundo e transformá-lo são coisas diferentes, embora organicamente ligadas.

(HOBSBAWM, Eric. *Como mudar o mundo*. 2011, p. 313)

Mas se com a idade a gente dá para repetir certas histórias, não é por demência senil, é porque certas histórias não param de acontecer em nós até o fim da vida.

(BUARQUE, Chico. *Leite derramado*. 2009, p. 184)

FRAGMENTOS DA DISSERTAÇÃO

Apresentação

Nos sessenta do vinte, aqui no Brasil, *imagens fotográficas* fizeram-se *sujeitos* quando se transformaram em *evidências* do marcante período da crise institucional ali instalada e, posteriormente constatada através do advento do Golpe de Estado Militar, dos primeiros meses de 1964.

Aquele era o período em que – *do lado debaixo do Equador* – refletia o embate de culturas políticas abastecido pela *bipolarização de paradigmas consagrados (capitalismo versus comunismo)*, contextualizadores ativos da chamada *Guerra Fria* na qual, sustentava-se a incessante *disputa por hegemonia* personalizada no intransigente controle de um alinhamento econômico-político-cultural ao mesmo tempo determinante para a quantificação dos poderes em permanente beligerância.

O decênio vivido – *os sessenta do vinte* – observado a partir deste presente, oferece argumentações documentais – *textos e imagens* – e esclarecedoras evidências do processo de desconstrução da embrionária base institucional democrática gerada nos anos pós-1946 caracterizada por *eleições livres; pluripartidárias nos três níveis de poder; promulgada pela Constituição Republicana nos meses posteriores ao final da Segunda Guerra*. Sob fortíssimo contágio ideológico amalgamado por um tempo histórico de apaixonado engajamento político – pró ou anti soviéticos e/ou norte-americanos -, aqueles anos de bipolarização corporificaram um *alinhamento público e privado*, ao mesmo tempo, tenso e grandioso, que, morbidamente, parecia apontar para a edificação de uma hecatombe mundial.

O cenário das operações vislumbrava uma eventual destruição generalizada que, por sua vez, era progressivamente construído e registrado pelas lentes fotográficas que acompanhavam o trabalho diário da *imprensa escrita*, convivendo naturalmente com um farto e empolgante noticiário: a *construção do muro de Berlim (1957)*; a *Revolução Cubana (1959)*; a *crise dos mísseis na base Cubana (1961)*; a *Guerra do Vietnã (1965-1975)*; entre outros, efetivando entre nós memórias de um tempo que equivocadamente pretendia-se justificar a *destruição antes da elaboração*.

“*Me sinto como um navio abandonando os ratos*”. Sarcástico e brilhante, Millôr Fernandes¹ procurava explicar aquela conjuntura política pré-64. A revista *O Cruzeiro* ostentava o título de ‘maior revista brasileira’ pelos números de vendagem alcançados, contudo sua linha editorial conservadora e anti-esquerdista não coadunava com a livre e independente criatividade de colaboradores como Millôr que, ao criar a matéria: *A verdadeira história do paraíso* – diga-se, para a própria revista – foi acusado de envolvê-la em uma postura anticristã, o que veio a se transformar na justificativa formal para aquela *publicação ilustrada semanal* demiti-lo.

PIF PAF revista criada em 1964 por Millôr Fernandes, procurava representar o contraponto à postura editorial conservadora de *O Cruzeiro* e um dos resultados imediatos da formação consistiu na aceleração da ascendente *produção jornalística independente/alternativa* revigorada na esteira da redemocratização do final dos anos 40 e, naquele momento, integrando uma sociedade cada vez mais urbanizada, interativa, regrada, criteriosa e crítica.

A chamada *imprensa alternativa* – também identificada como *nanica* ou *rebelde* – gradualmente incorporava-se aos hábitos de leitura daquela sociedade que, irreversível e prontamente, refletia o cenário de enfrentamento dos paradigmas capitalista/comunista, bem como as especificidades daquele jornalismo:

¹ PIF PAF – Quarenta anos depois (2005) nesta revista o jornalista Millôr Fernandes relatou como *O Cruzeiro* o havia demitido acusando-o de escrever ‘matéria insultosa às convicções religiosas do povo brasileiro’: Fiquei flabbergasted. Em bom português, besta! Durante 25 anos tinha trabalhado na revista, que nós, um bando de garotos, havíamos aumentado de 10.000 para 750.000 exemplares semanais [...] e aí voltei ao Brasil. Sem emprego, naturalmente. O ambiente jornalístico – a meu favor – estava quente. A revista **O Cruzeiro** tinha sido tão odiosa e, e tão tosca, na sua agressão, que reuniu toda a imprensa contra ela. E olhem que **O Cruzeiro** era a organização jornalística mais importante da época [...] foi aí que a moçada [...] me pressionou para transformar as duas páginas de **O Cruzeiro** em publicação semanal. E logo, sem saber, estávamos fazendo o primeiro tablóide da imprensa carioca (mais tarde a Documentação do Exército definiria assim e me chamaria de “esquerdista”, que até hoje não sei o que é. Eles também não, pois me convocaram várias vezes para explicar.) *apud* FERNANDES, Millôr. *PIF PAF - quarenta anos depois*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Argumento Editora, 2005, ps. 9 a 11.

Contem quatro dos significados essenciais desta imprensa: o de algo que não está ligado a políticas dominantes; o de uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes; o de única saída para uma situação difícil e, finalmente, o do desejo das gerações dos anos 60 e 70, de protagonizar as transformações sociais que pregavam.²

Na década de 60 a gradual consolidação dos *alternativos* junto aos leitores, promovia não só uma inesperada concorrência aos tradicionais *diários da grande imprensa nacional* como também detonava sobre eles contundentes derrotas “no campo ideológico, ao quebrar, com sua linha populista e nacionalista”. Aquele subjetivo embate de idéias e notícias também se estendia “no campo formal, ao revolucionar o jornalismo diário; no campo mercadológico, ao atrair o maior público leitor das grandes cidades” e, complementando, determinava “no campo institucional, ao abocanhar favores do Estado, antes exclusivos dessas famílias”³.

Num rápido e certamente incompleto resgate sobre o surgimento e a consolidação da chamada *grande imprensa nacional*, também conhecida como: *grandes diários; jornalões*; e, outros, sobressai com acentuada insistência a expressão “*sob controle das famílias*” que, entre outras possibilidades, costuma-se associá-las à perpetuação temporal no comando da informação diante da exuberância de poder nela contida, tornando-se possível observar a permanente dualidade estrutural que acompanha aqueles setores da comunicação interpenetrados ao exercício de *informar e/ou formatar* comandos ideologizados.

Nos anos pré e pós 64, no eixo do sul-sudeste do país, apenas seis famílias controlavam os principais *diários* da imprensa escrita. No Rio de Janeiro a *Família Marinho (O Globo)* e a *Família Nascimento Brito (Jornal do Brasil)*; em São Paulo a *Família Mesquita (O Estado de S. Paulo)* e a *Família Frias (empresa Folha da Manhã)*; e, no sul a *Família Caldas Júnior (O Correio do Povo e Folha da Tarde)*, segundo tradição conceitual de pesquisadores deste tema.

Complementando o grupo das famílias controladoras dos principais conglomerados da imprensa escrita do país, destacava-se a *família Chateaubriand*. A morte do patriarca Assis Chateaubriand em 1968 transformaria o grupo *Diários Associados* em empresas que conviveriam com o

² KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários – nos tempos da imprensa alternativa*. 1ª ed. São Paulo: Scritta Editorial, 1991, p. XIII

³ KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários – nos tempos da imprensa alternativa*. 1ª ed. São Paulo: Scritta Editorial, 1991, ps. 10 e 11.

final do apogeu e que passariam a redimensionar seu próprio poderio que, no auge, espalhava-se pelo país ostentando “36 jornais; 18 revistas; 36 rádios; e, 18 emissoras de T.V.”⁴. O *Diários Associados* somados às cinco famílias restantes supracitadas – eventual ou propositadamente – responsabilizaram-se por uma *condução oligopólica – informação e formatação* – produzindo conclusões impressas sobre a vida político-econômico-cultural marcadas por singular proximidade com o poder estatal retroalimentando o mesmo e usufruindo dos reflexos provindos desse jogo de interesse mútuo.

Conta-se que o general Olympio Mourão Filho, em entrevista, declarou ter acompanhado através dos jornais os acontecimentos que antecederam o golpe de 1964. Em 31 de março, sob o impacto da manchete do jornal *O Globo* “Instalou-se um soviete na Marinha de Guerra” decidiu fazer uma proclamação ao país e marchar com suas tropas. Com isso antecipou o golpe, causando transtorno aos demais articuladores [...] Os jornais expressam a opinião pública. Só que na grande imprensa (a empresarial) o murmúrio da ‘vox populi’ (voz do povo) ecoa longínquo enquanto ressoa forte a ‘vox domini’ (voz dos dominantes).⁵

Objeto desta dissertação, aqueles anos que antecederam o golpe militar de 64, apresentam-se como legítimos portadores de *evidências* que, instigantes projetam para a necessária *construção de diálogos* entrelaçadores entre as *fontes documentais* e as múltiplas possibilidades dos *sujeitos e de suas histórias* – afloradas ou por aflorarem – naquela conjuntura. Desta forma, entende-se que para a aproximação da compreensão daquele período, não seria recomendável o descarte do *embate dos paradigmas* – *Guerra Fria: EUA e URSS monopolizavam/manipulavam através de suas representações, decisões e comportamentos* – a conjuntura golpista que imperava naquele início de década na qual, entre outros, os países latino-americanos eram os principais envolvidos.

“Países em desenvolvimento”, como o Brasil, sobreviveriam sem o embate hegemônico daqueles paradigmas? Uma reinterpretação centrada apenas na história política nos colocaria diante de todos os *sujeitos, evidências* e respostas daquele contexto histórico? Quais indagações devem ser propostas às *fontes*, para se obter um *diálogo factível e consistente* que envolva e dimensione a extensão do poderio de comunicação – *informando e*

⁴ www.diariosassociados.com.br/linhadotempo/abertura.html (acessado em 08/07/2012).

⁵ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e história do Brasil*. 1ª ed. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988, ps. 17 e 18.

formatando – da chamada *grande imprensa*? São essas (e não apenas estas), algumas das inquietações conceituais a serem pensadas por esta dissertação.

O fazer historiográfico permanentemente transformador, a todo instante, mostrava-se como um *democrático receptor e misturador de abrangências* que se sujeitam à compreendê-lo sem a passividade de apenas aceitá-lo mas, para além, *reinterpreta-lo através da dinâmica inquietante do novo*. Essa pesquisa sugere que a *temporalidade* aqui proposta para análise – Brasil dos primeiros anos da década de 60 – interaja consistentemente com *representações cotidianas* produzidas pelas *imagens* – *fotójornalismo* – postadas nos *periódicos* do eixo Rio-São Paulo. Assim, entende-se haver viabilidade para a constatação que **60 + 4. Outros anos da mesma crise** configura-se como um projeto de **história e imagem**.

Constitui-se também papel da imprensa, ir além do ato de informar “*não adianta simplesmente apontar que a imprensa e as mídias ‘tem uma opinião’*” a dimensão da representatividade daquele segmento de comunicação completa-se quando também identificamos “*que em sua atuação delimitam espaços, demarcam temas, mobilizam opiniões, constituem adesões e consensos*”. Eventualmente, é notória a atuação da imprensa não apenas *informando*, mas *formatando* condições favoráveis à parceiros ou a si própria “*como força social que atua na produção de hegemonia, a todo o tempo, articula uma compreensão da temporalidade, propõe diagnósticos do presente e afirma memórias de sujeitos, de eventos e de projetos, com as quais pretende articular as relações presente/passado e perspectivas de futuro*”⁶.

Uma das principais especificidades desta dissertação será a utilização de dois grandes periódicos da imprensa brasileira fazendo uso de suas publicações compreendidas no período de *janeiro de 1961 a abril de 1964*. A escolha da **Folha de São Paulo**⁷ e do **Última Hora**⁸ – respectivamente, um

⁶ CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa in Projeto História 35 – História e Imprensa*. São Paulo: Editora da PUCSP, 2007 – as historiadoras afirmam: “*Agindo como força ativa na constituição dos processos de hegemonia social, os jornais e revistas atuam: no fomento à adesão ou ao dissenso, mobilizando para a ação; [...] na produção de referências homogêneas e cristalizadas para a memória social; [...] na formação de nossa visão imediata de realidade e de mundo (ps. 260 e 261)*”.

⁷ Em 19 de fevereiro de 1921, Olival Costa e Pedro Cunha fundam o jornal "Folha da Noite". Em julho de 1925, é criada a "Folha da Manhã", edição matutina da "Folha da Noite". A "Folha da Tarde" é fundada 24 anos depois. Em 1º de janeiro de 1960, os três títulos da empresa ("Folha da Manhã", "Folha da Tarde" e "Folha da Noite") se fundem e surge o jornal Folha de S.Paulo. Em 1962, Octavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho assumem o controle da empresa Folha da Manhã - http://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml (acessado em 01/09/2012)

⁸ O surgimento do diário fluminense Última Hora, deu-se no início da década de 50 sob influência direta da disputa política envolvendo Getúlio Vargas (PTB) e Carlos Lacerda (UDN): “Vargas começou a pensar num jornal que, sem ser do governo, pudesse defender suas iniciativas, e escolheu Samuel Wainer para viabilizá-lo. A Última Hora circulou pela primeira vez em junho de 1951 e seis meses depois já era o

jornal paulista e outro fluminense – permitirá a realização constante do *contraponto de culturas políticas* entre aqueles veículos de comunicação utilizando-se de eventuais diferenças nas linhas editoriais, repercutindo os acontecimentos condutores que, de alguma forma, *informavam e/ou formatavam* condições para a aproximação e interação aos muitos sujeitos envolvidos na posterior eclosão do *golpe militar de março/abril de 64*.

Aqueles anos do início da década de 60 serão especialmente observados através da *pesquisa e problematização* de assuntos contemplados nas **primeiras páginas** – “*vitrine da publicação que, por meio de ‘chamadas’ de matérias, fotos, manchetes e slogans, indicam ênfase em determinados temas e questões*”⁹ – fornecedoras de *evidências* que ao serem produzidas e distribuídas aos leitores, ativam naturalmente *valores, projetos, consenso, dissensos, compreensões, distorções, apoios, oposições e, uma imensurável forma/quantidade de comportamentos sociais dialogáveis*:

É no processo de produção da publicação que o grupo se constitui enquanto agente ativo, constituindo ao mesmo tempo aliados e adversários. Essa compreensão torna pertinente perguntar *quem fala* e com que credenciais, em defesa de que projetos e com quais alianças.¹⁰

Cabe aqui resgatar dados e opiniões de estudiosos sobre a conjuntura na qual os *periódicos* que deram sustentabilidade a essa dissertação – *Folha de S. Paulo* e *Última Hora: de como se constituíram; suas linhas editoriais; seus posicionamentos políticos diante dos principais acontecimentos*, levando a transformá-los em *sujeitos/fontes* dessa pesquisa.

A tentativa de projetar uma única, límpida e breve imagem da trajetória jornalística do *Grupo Folha* tratar-se-ia de uma perigosa pretensão. Há na composição deste *Diário* um bom número de diferentes condutores/proprietários que contribuíram decisivamente para a

vespertino de maior circulação no Rio de Janeiro. Em março de 1952, o jornal começou a circular em São Paulo. A imprensa anti-Vargas desfechou uma campanha contra Wainer, acusando-o de favoritismo nas transações que efetuara com o Banco do Brasil. Liderada pela Tribuna da Imprensa, de Carlos Lacerda, a campanha assumia cada vez maior agressividade.” - http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/samuel_wainer (acessado em 01/09/2012)

⁹ CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa in Projeto História 35 – História e Imprensa*. São Paulo: Editora da PUCSP, 2007, p. 264.

¹⁰ CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa in Projeto História 35 – História e Imprensa*. São Paulo: Editora da PUCSP, 2007, p. 265.

heterogeneidade do seu desalinho político quanto ao *comportamento editorial* ao longo da *temporalidade da exposição de suas opiniões*: em 1921, chegava às bancas de jornais a *Folha da Noite* e sua trajetória permanece atuante até os dias atuais. Sobre as *Folhas*:

A evidência da imagem que se quer da *Folha de S. Paulo* tem um significado particular na imprensa brasileira, dada a complexidade da história da empresa marcada por diferentes proprietários e defesas políticas diferenciadas. Os principais jornais do conglomerado, as 'Folhas', como são conhecidas as publicações *Folha de S. Paulo*, *Folha da Tarde*, *Folha da Manhã* e *Folha da Noite*, em seus respectivos contextos, nunca gozaram de uma imagem pública bem delineada. Suas imagens variaram no decorrer de suas trajetórias, diferentemente de concorrentes como *O Estado de S. Paulo*, que há algum tempo possui uma imagem reconhecida de jornal conservador e liberal entre o público leitor. As mudanças nas linhas editoriais, as alterações no comando da empresa, os lançamentos, relançamentos e a aquisição de diferentes publicações são alguns dos fatores que contribuíram para a dificuldade encontrada na instituição de uma imagem para a empresa.¹¹

O conglomerado jornalístico *Folha de S. Paulo* manteve-se entrelaçado ao *processo histórico editorial* do país nas últimas nove décadas, entre sua criação e os dias atuais:

O Grupo Folha é formado atualmente pelos jornais *Folha de S. Paulo* e *Agora São Paulo*, pela empresa de acesso à internet Universo On Line (UOL), pela editora Publifolha, a agência de pesquisas Datafolha, além de outras empresas gráficas e de produção da notícia, como a Folhapress. Suas origens remontam ao 1921, quando do lançamento da *Folha da Noite* por Olival Costa, Pedro Cunha, Léo Vaz, Mariano Costa, Ricardo Figueiredo, Antonio dos Santos Figueiredo e Artêmio Figueiredo [...] Em agosto de 1962 teve início o período fundamental para constituição do conglomerado. A Empresa Folha da Manhã passou para o controle dos empresários Octávio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho, encerrado recentemente.¹²

Com efeito, fixando-se no recorte de 1961 a 1964 proposto por esta pesquisa, identificados como sendo anos imediatamente atrelados ao embate de culturas políticas que – entre outras especificidades – cobrava de todos os

¹¹ PIRES, Elaine Muniz. *Imprensa, ditadura e democracia: a construção da auto-imagem dos jornais do Grupo Folha (1978-2004)* in *Projeto História n. 35 - História e imprensa*. 1ª ed. São Paulo: Editora PUC/SP, 2007, ps. 307 e 308.

¹² PIRES, Elaine Muniz. *Imprensa, ditadura e democracia: a construção da auto-imagem dos jornais do Grupo Folha (1978-2004)* in *Projeto História n. 35 - História e imprensa*. 1ª ed. São Paulo: Editora PUC/SP, 2007, ps. 307 e 308.

meios de comunicação definições de *apoio e/ou oposição* na sua *linha editorial*; sob o comando da *família Frias* é possível encontrar o *Grupo Folha* sustentando uma ambigüidade produtora de *radicais antagonismos ideológicos envolvendo a instituição ou as pessoas* ligadas a ela:

Nos anos 80, quando a ditadura militar instituída no Brasil em 1964 entrava em seus momentos finais, a empresa remodelou sua estratégia e a *Folha de S. Paulo* tornou-se o jornal de maior circulação no país em 1986, posto mantido até os dias atuais sob o comando de Otávio Frias Filho, filho do principal proprietário do Grupo Folha. O falecimento de seu pai, Octávio Frias de Oliveira, considerado um dos 'barões' da imprensa brasileira, em 29 de abril de 2007, aos 94 anos, marcou uma série de debates sobre o papel da mídia na sociedade brasileira e trouxe à tona questionamentos sobre a imagem criada pelo e para o Grupo Folha nas últimas décadas.¹³

Desta forma, durante os anos pós-64 submerge na atuação do *Grupo Folha* as chamadas *memórias dissonantes* sobre o posicionamento da *linha editorial* daquele *diário* que, por vezes, mostrava-se sob aparente dualidade:

Enquanto o proprietário era aclamado como um dos principais responsáveis pelo retorno da democracia ao país na década de 1980 pela maioria das personalidades que lhe renderam homenagens, memórias dissonantes eram reveladas. Poucos dias após sua morte, Hamilton Octávio de Souza e Vasco Oscar Nunes, jornalistas da Folha entre 1983 e 1986 e de 1970 a 1979 respectivamente, publicaram no portal 'Comunique-se' – e posteriormente no site do 'Observatório da Imprensa' – suas versões sobre o empresário '*para não deixar que a história seja reescrita conforme os interesses dos poderosos*'. Nunes citou, entre outros exemplos, a censura praticada e os agentes do Departamento de Ordem Política e Social que trabalharam na sede da empresa. E assim definiu Frias: *Frias era, como se diz, um 'come quieto', um 'por dentro, pão bolorento, por fora bela viola'... Qualquer pessoa que o conhecesse o julgava uma ótima pessoa. Cortez, gentil, amigável, fala mansa, um diplomata, um 'gentleman'. Mas no recôndito do seu egoísmo era um ditador.*¹⁴

¹³ PIRES, Elaine Muniz. *Imprensa, ditadura e democracia: a construção da auto-imagem dos jornais do Grupo Folha (1978-2004)* in *Projeto História n. 35 - História e imprensa*. 1ª ed. São Paulo: Editora PUC/SP, 2007 – Portal Comunique-se, 14/05/2007.

¹⁴ PIRES, Elaine Muniz. *Imprensa, ditadura e democracia: a construção da auto-imagem dos jornais do Grupo Folha (1978-2004)* in *Projeto História n. 35 - História e imprensa*. 1ª ed. São Paulo: Editora PUC/SP, 2007 – Portal Comunique-se, 14/05/2007.

Por outro lado, a conjuntura responsável pela aparição do *periódico Última Hora*¹⁵, remonta da primeira metade do século passado – quando o político Getúlio Vargas, dito “*padrinho político*” daquele jornal estendeu-se no poder por quinze anos (1930-1945) – apesar da edição inaugural ter chegado às bancas de jornais em 1951, coexistindo com o chamado *Segundo Governo de Vargas* (1951-1954) marcado pelo enrijecer do embate *petebistas versus udenistas* – UDN: partido orientado por políticos conservadores, próximos a referida burguesia nacional e promotores da imediata instalação de um projeto para o desenvolvimento do país articulado com o capital internacional; PTB: partido vinculado aos setores trabalhistas e esquerdistas que ao apoiar o governo nacionalista de Vargas contribuía para fomentar o clima de antagonismo e intranqüilidade da época. Irremediavelmente, a prática cotidiana da política brasileira passava a conviver com o *cenário de múltiplas verdades*, publicadas diariamente nas páginas dos jornais.

Quanto à *Última Hora*, foi o único jornal que, sem ressalvas, ficou até o fim ao lado do presidente. A sobrevida que Getúlio Vargas daria à democracia, ao emprestar um sentido político ao suicídio, como deixou claro na carta-testamento, se aplicaria também ao jornal oficioso de seu governo. A *Última Hora* ainda teria alguns anos pela frente com as mesmas características que haviam motivado a sua criação.¹⁶

Sobre a participação do jornal *Última Hora*, interpenetrado à conjuntura ligada à morte de Vargas:

A *Última Hora*, antes desprestigiada pela campanha lacerdista [Carlos Lacerda – 1914 a 1977 – principal líder udenista e ferrenho opositor de Vargas, quando escrevia no jornal *Tribuna de Imprensa* de sua propriedade], engrandeceu-se perante o público. O suicídio de Vargas provocou intensa comoção popular. O periódico expressou as emoções e alimentou-as até as últimas conseqüências. A manchete de 24/8/1954 exalta o presidente morto: ‘Última mensagem de Getúlio

¹⁵ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e história do Brasil*. 1ª ed. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988 – “A partir de 1946 a imprensa atuou livremente. Na década de 50 o ex-ditador [Getúlio Vargas] voltou à cena política, desta vez através das urnas. Seu reaparecimento perante o público resultou de um ato jornalístico: Samuel Wainer, jornalista dos Diários Associados de Assis Chateaubriand, entrevistou o político e o resultado desta entrevista foi o lançamento de sua candidatura. Wainer, opositor de Vargas na revista *Diretrizes*, publicada durante o Estado Novo, tornou-se fiel seguidor de Getúlio a partir daí. O candidato ganhou a eleição sem contar com o apoio da grande imprensa; nesse episódio demonstrou que sua habilidade para seduzir o público era maior que a da própria imprensa. Consciente da necessidade de ter uma base de sustentação no meio jornalístico, o Presidente eleito procurou Samuel Wainer, com quem articulou a criação do jornal *Última Hora*, em 1951. A partir dessa época travou-se intensa peleja entre esse órgão getulista e os porta-vozes da UDN (União Democrática Nacional) – O Estado de S. Paulo e *Tribuna de Imprensa*, principalmente.

¹⁶ PILAGALLO, Oscar. *História da imprensa Paulista – Jornalismo e poder de D. Pedro I a Dilma*. 1ª ed. São Paulo: Editora Três Estrelas, 2011, ps. 141 e 142.

Vargas ao povo brasileiro. Deu a vida e o sangue pela libertação do Brasil'. No centro da primeira página estampou-se a figura de Vargas e em torno dela foram publicadas denúncias contra os responsáveis pela tragédia e mensagens do presidente [...] Outros periódicos também prestaram homenagem ao presidente morto, mas a *Última Hora* suplantou, de longe, a todos.¹⁷

Ao longo da década de 50 e, certamente, no período pré-golpe de 64, muitas das características aqui expostas sobre os diários *Folha de S. Paulo* e *Última Hora*, transformaram-se em *fontes documentais e imagéticas*, objetos desta pesquisa.

Outra das principais especificidades desta dissertação, será a constante *problematização* sobre qual papel a **iconografia – imagens** – presente no cotidiano informativo daqueles *Diários*, se dispunha representar quando dividia o disputado espaço das *primeiras páginas* com *manchetes, textos, gráficos* e outros? Tratava-se apenas de mero destaque *visual ilustrativo* cuja eventual existência de legenda tornava-o redundante? Em destaque nas *primeiras páginas as imagens*, estariam “*buscando traduzir a posição editorial em outra linguagem*”? Poderiam “*reforçar, complementar, extrapolar e, por vezes, entrar em tensão com a abordagem da parte textual*”¹⁸? Sem dúvida, estas serão algumas das questões a serem analisadas ao longo do desenvolvimento desta dissertação.

Com efeito, decididamente, como um dos alicerces conceituais deste trabalho, considera-se de fundamental importância a obra *Testemunha ocular – história e imagem*¹⁹, em particular, quando se envolve intensamente na tarefa de incluir a *interpretação de imagens* como um seguro e necessário *novo fazer da historiografia*. Busca-se incorporar a este estudo, conclusões que referendam a temporalidade de várias e diferentes imagens produzidas como verdadeiros prolongamentos contextuais que naturalmente – nas suas *infinitas leituras* – venham demonstrar incontáveis nuances à traduzir/detalhar sociedades e suas características. A atualidade do pensamento na obra referida sobre o cotidiano urbano que nos cerca, assim como as irremediáveis e intermitentes *intervenções visuais* a que estamos envolvidos no dia a dia impõe a todos – inclui-se a historicidade – a seguinte reflexão:

¹⁷ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e história do Brasil*. 1ª ed. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988, ps. 51 e 53.

¹⁸ CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa in Projeto História 35 – História e Imprensa*. São Paulo: Editora da PUCSP, 2007 (p. 264).

¹⁹ BURKE, Peter. *Testemunha ocular – história e imagem*. 1ª ed. Bauru: EDUSC, 2004.

Nos próximos anos, será interessante observar como os historiadores de uma geração exposta a computadores, bem como à televisão, praticamente desde o nascimento e que sempre viveu num mundo saturado de imagens vai focar a evidência visual em relação ao passado.²⁰

A *Escola de Warburg*²¹ inicialmente localizada na cidade de Hamburgo, entre outros pensadores, contava até 1933 com a produção acadêmica de *Erwin Panofsky* (1892-1968), período em que a Alemanha confirmava a então irreduzível ascensão do nazismo, sobejamente identificado por perseguições, censura e prisões àqueles que não alinhavam-se à cultura política do regime. Pós 1933, emigrando para a América, Panofsky se fará autor de uma bibliografia consistente posta a serviço dos estudos de história e imagem.

Em 1939, com *Studies in Iconology*²², consagrava a metodologia que passava a ser conhecida como um *conceito interpretativo visual* – logo comparado à *hermenêutica* (arte da interpretação de textos) – que, gradualmente robusteceria as convicções de que as *imagens quando analisadas oferecem diferentes níveis de entendimentos e, nelas estão contidos significados que extrapolam a plasticidade da arte*.

Para o autor, estando diante de uma imagem, o *primeiro nível* observado é o *significado natural* ali existente. Normalmente, são selecionados os *vários objetos contidos na imagem: pessoas, prédios, relevo, vegetação, animais e, eventualmente, cenas do evento ali representado – jogos, batalhas, procissões, comemorações*, entre outros. O *segundo nível*, proposto no seu ensaio em Oxford, refere-se ao *significado convencional das imagens*, nele o *olhar interpretativo* mantém-se *restrito ao reconhecimento de cenas* que retratam clássicos acontecimentos do passado: identificação de *perfis de heróis e heroínas*, identificação de *cenas religiosas*, identificação de *batalhas*, entre outros.

Contudo, a proposta para o *terceiro nível: significado intrínseco* – “os *princípios subjacentes que revelam a atitude básica de uma nação, um*

²⁰ BURKE, Peter. *Testemunha ocular – história e imagem*. 1ª ed. Bauru: EDUSC, 2004, p. 16.

²¹ BURKE, Peter. sobre a Escola de Warburg: “O grupo mais famoso de iconografistas seria encontrado em Hamburgo nos anos que antecederam a ascensão de Hitler ao poder. Nesse grupo se incluíam Aby Warburg (1866-1929), Fritz Saxl (1890-1948), Erwin Panofsky (1892-1968) e Edgar Wind (1900-1971), estudiosos com boa educação clássica e grande interesse por literatura, história e filosofia” (EDUSC, 2004. ps. 44-45)

²² PANOFSKY, Erwin in NEW YORK: Oxford UP apud BURKE, Peter. *Testemunha ocular – história e imagem*. 1ª ed. Bauru: EDUSC, 2004. (p. 45)

*período, uma classe, uma crença religiosa ou filosófica.*²³ – apontava para a possibilidade da *leitura de imagens* vertente ou “*um modelo metodológico de investigação e análise crítica das fontes fotográficas na sua individualidade, embora visando também seu ulterior aproveitamento no trabalho histórico*”²⁴.

O *significado intrínseco* propiciava à todos, caminhos para avançar para além do **conceito iconográfico** (*representação através da imagem*) e entrelaçar ao **conceito iconológico** (*explicação/estudo de imagem*): “*é nesse nível que as imagens oferecem evidência útil, de fato indispensável, para os historiadores culturais*”²⁵.

A invenção e o aprimoramento da *produção fotográfica* permitiram ao pesquisador a rara possibilidade de agregá-la ao texto literário acrescentando, compondo ou negando, aos novos diálogos as evidências ali contidas. O autor citando o historiador norte americano Daniel Boorstin – especialista na análise do contexto social que envolve a consolidação da industrialização naquele país – propõe: “*as imagens vividas chegam a ofuscar a pálida realidade*”²⁶.

“*As imagens fotográficas têm o apelo da evidência, que é, por si mesma, capaz de nos persuadir*”. Os historiadores culturais, particularmente, iriam apropriar-se deste novo registro de acontecimentos – instantâneo e revelador – que, entre outras especificidades, no ato da construção do produto final – a *fotografia* – apenas reproduz a simples e única indução do próprio autor e, muitas vezes, democraticamente, livra-se de influências indesejáveis: “*a imagem fotográfica produz uma representação pela qual se acredita que as linhas e formas fotográficas caracterizam-se por ter uma semelhança nativa com elas mesmas.*”²⁷.

A imagem do real retida pela fotografia (quando preservada ou reproduzida) fornece o testemunho visual e material dos fatos aos espectadores ausentes da cena. A imagem fotográfica é o que resta do acontecido, fragmento congelado de uma realidade passada, informação maior de vida e morte, além de ser o produto final que

²³ PANOFFSKY, Erwin in NEW YORK: Oxford UP *apud* BURKE, Peter. *Testemunha ocular – história e imagem*. 1ª ed. Bauru: EDUSC, 2004. (p. 45)

²⁴ KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 3ª. ed revista e ampliada. Cotia: Ateliê Editorial, 2009 (p. 20).

²⁵ BURKE, Peter. *Testemunha ocular – história e imagem*. 1ª ed. Bauru: EDUSC, 2004 (p. 43).

²⁶ The image, New York, 1964 *apud* NEIVA Jr, Eduardo. *A imagem*. 2ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Editora Ática, 2006, p. 64.

²⁷ NEIVA Jr, Eduardo. *A imagem*. 2ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Editora Ática, 2006, ps. 66 e 67.

caracteriza a intromissão de um ser fotógrafo num instante dos tempos²⁸

O período de análise proposto por esta dissertação – *os sessenta do vinte*, retratando os anos imediatamente anteriores ao *golpe de estado militar de 1964* – registra o funcionamento de importantes *Diários* nos principais centros urbanos do país. A esta constatação temporal referente a *imprensa escrita brasileira* acrescenta-se a da **produção de imagens para jornais (fotojornalismo)**, que transformar-se-á em fonte natural de informação e interpretação juntamente com os *textos, gráficos, ilustrações* e outros a fim de interagir/dialogar com os *sujeitos e evidências* daquele momento histórico.

O caminho percorrido até hoje por estes pesquisadores na tentativa de efetivação de *estudos das fontes visuais*, se emparelhado aos mesmos *estudos de documentos textuais*, têm sido de superação. Certamente, *objetivas* à procura de *subjetividades* compunham *pautas* milimetricamente pré-concebidas pelas *redações*. Assim, daquele presente e naqueles documentos visuais, permanecem pulsantes muitas das evidências a serem interrogadas por pesquisadores a procura de *visualidade interpretativa* para as inúmeras subjetividades que mascaram o intrincado *jogo do poder*.

Aquela tradicional percepção histórica alicerçada na *Escola Metódica e Positivista* de parte do século XIX transitória para as primeiras décadas do século XX, propagadora da máxima do *documento escrito e, somente ele, teria a confiabilidade da verdade*, produziu vários obstáculos e um grande desafio – não só para o diálogo do historiador com o *conceito da visualidade*, como o da *oralidade*, entre outros a serem superados:

Ao desconsiderarem a busca da verdade única e central, historiadores interessados em abordagens menos peremptórias e mais difusas fizeram uso de imagens em seus estudos, à procura de reflexões que permitissem a eles conhecer as práticas humanas ao longo dos tempos, suas formas de expressão, seus registros da vida cotidiana, suas maneiras de apreender e dar significado ao vivido através de representações.²⁹

Tais reflexões ao habilitar o acesso a outros conceitos envolvendo *visualidades e historiografia*, corroboram com o segmento de pesquisadores

²⁸ KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 3ª. ed revista e ampliada. Cotia: Ateliê Editorial, 2009, ps 36 e 37.

²⁹ PARANHOS, Kátia Rodrigues; LEHMKUHL, Luciene; PARANHOS, Adalberto (orgs.) *História e imagens: textos visuais e práticas de leitura*. 1ª ed. Campinas: Mercado de Letras Edições, 2010, p. 54.

que se dedicam à tarefa da *obtenção de significação* para inúmeras metáforas contidas nas mais variadas imagens. Resgatá-las detalhadamente interpretando seu *significado intrínseco* é, ao mesmo tempo, descoberta e valorização das evidências ali representadas.

Para exemplificar, especialmente no Brasil do início de 1963, naquele presente, as incertezas sobre a situação administrativa do país como o intenso movimento dos *representantes dos quartéis* no cenário político; o agitado clima internacional refletindo os interesses da *Guerra Fria*; *situacionistas* (pró-João Goulart) e *oposicionistas* (pró-militares) buscando as vantagens da vitória; tornavam a escolha no voto *SIM* ou no voto *NÃO* uma *prontidão constitucional* para todo o país. Que tal refletir sobre o exemplo registrado na *Primeira Página* de um conceituado *Diário* do Rio de Janeiro no início de 1963 quando a nação era convocada para sufragar nas urnas sua decisão sobre a *manutenção ou retirada* do Sistema Parlamentarista vigente desde 1961?

JORNAL DO BRASIL

100 - 100 ANOS - Fundação do Império Brasileiro - 15 de Novembro de 1888

100 - 100 ANOS - Fundação do Império Brasileiro - 15 de Novembro de 1888

Goulart convoca brasileiros a votar hoje

CAMPOS PREGA APROXIMAÇÃO COM OS EUA

O presidente Juscelino Kubitschek, ao convocar os brasileiros a votar hoje, afirmou que o Brasil precisa se aproximar dos Estados Unidos e da América Latina, para vencer as dificuldades econômicas e sociais que enfrenta.

Chileno se aproxima da América

Chileno se aproxima da América Latina, afirmou o presidente Juscelino Kubitschek, ao convocar os brasileiros a votar hoje.

Papa trata mensagens com respeito

Papa trata mensagens com respeito, afirmou o presidente Juscelino Kubitschek, ao convocar os brasileiros a votar hoje.



Estimamos a todos os brasileiros a votar hoje, afirmou o presidente Juscelino Kubitschek, ao convocar os brasileiros a votar hoje.

Pedraço é no Caderno Especial

Pedraço é no Caderno Especial, afirmou o presidente Juscelino Kubitschek, ao convocar os brasileiros a votar hoje.

As urnas

As urnas, afirmou o presidente Juscelino Kubitschek, ao convocar os brasileiros a votar hoje.

Conceito errôneo a tradicional República da Casa Pedro



FLAMENGO

Flamengo, afirmou o presidente Juscelino Kubitschek, ao convocar os brasileiros a votar hoje.

Flamengo, afirmou o presidente Juscelino Kubitschek, ao convocar os brasileiros a votar hoje.

G. Pina condena decisão

G. Pina condena decisão, afirmou o presidente Juscelino Kubitschek, ao convocar os brasileiros a votar hoje.



SEJA UM PARCEIRO, afirmou o presidente Juscelino Kubitschek, ao convocar os brasileiros a votar hoje.

SEJA UM PARCEIRO, afirmou o presidente Juscelino Kubitschek, ao convocar os brasileiros a votar hoje.



Foto 2: Quepe sobre o abacaxi



Foto 3: Quepe do general



Foto 4: O abacaxi da decoração

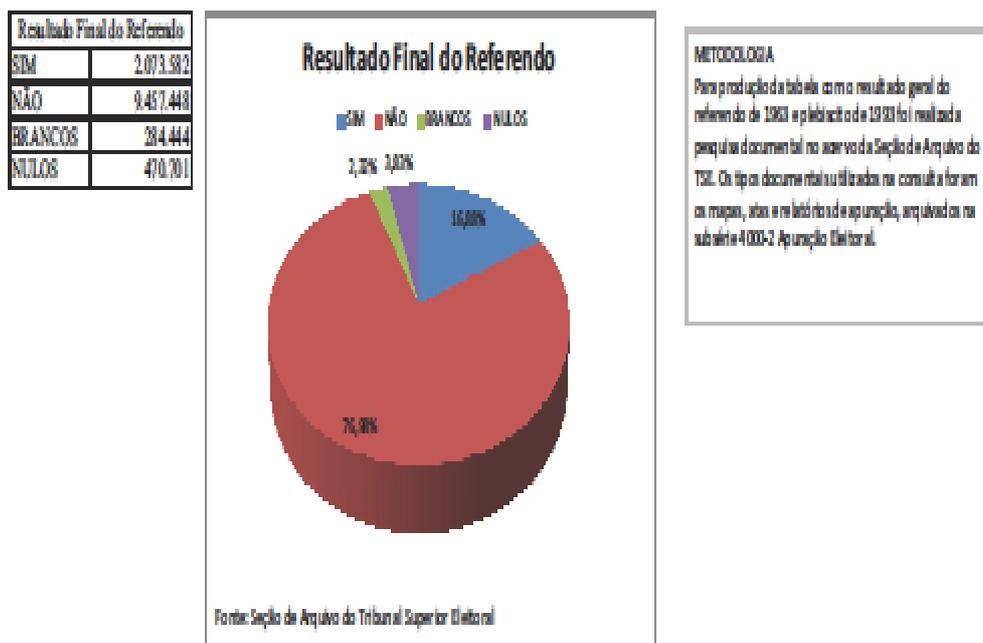
A primeira página do *Jornal do Brasil*, editado na cidade do Rio de Janeiro, datada de 06 de janeiro (domingo) e 7 de janeiro (segunda-feira) de 1963, estampou uma foto com a legenda: *Churrasco com simbolismo*³⁰ que para a pesquisa aqui proposta, escancarava a posição política de grande parte do militarismo nos anos pré-64 diante do Referendo Constitucional que determinaria a manutenção ou não do sistema então vigente no país, submetendo-se ao questionamento: “*Aprova o ato adicional que instituiu o Parlamentarismo?*”. Aquele processo eleitoral criava uma evidente disputa entre os partidários do então presidente – o petebista João Goulart – defensores da volta do modelo presidencialista, unificação das *chefias de Governo e Estado no Poder Executivo* (caracterizado na cédula pelo voto NÃO) e, seus opositores – destaque para os militares e udenistas – que enxergavam na manutenção do modelo parlamentarista (caracterizado na cédula pelo voto SIM), uma forma legalizada de manter o Chefe de Estado afastado das decisões governamentais que assim permaneceria sob custódia do Presidente do Conselho de Ministros (Primeiro Ministro).

Analisadas visualmente as referidas fotografias, nota-se que um *quepe – acessório do fardamento de oficiais da hierarquia militar* – destaca-se no conjunto da imagem e quase se confunde com a *fruta do abacaxi* imediatamente localizada abaixo e sob o mesmo. Tal cenário conspiraria para a obtenção de uma conclusão simplista de que um mero e surpreendente acaso teria produzido – entre tantas outras – aquela imagem no “tal churrasco” aludido pela legenda.

Todavia, ao buscar o *sentido intrínseco* desta imagem, correlacionando-a a conjuntura político-social do seu pertencimento – *dia da realização do Referendo Nacional que determinaria o futuro do sistema administrativo do país* – vislumbra-se *significações auto-explicativas* para as pesquisas pré-eleitorais – posteriormente confirmadas – que a derrota dos udenistas e militares seria inevitável e acachapante:

³⁰ http://memoria.bn.br/?bib=030015_028pasta=ano1963pesq=-030015_02 – (acessado em 09/04/2012)

O Referendo Constitucional realizado em janeiro de 1963, segundo a Justiça Eleitoral, apurou números que confirmaram ampla disparidade entre vencedores e perdedores:



Fonte: <http://www.justicaeleitoral.jus.br/arquivos/referendo-de-1963> (acessado em 01/09/2012)

O descuido do comandante do Primeiro Exército, General Osvaldo Ferreira Alves, acomodando seu quepe sobre a balaustrada que compunha a mesa do churrasco decorada na sua parte inferior com frutas tropicais (destaque para o abacaxi) reivindica do historiador a aplicação do *conceito de iconologia – explicação/estudo da imagem* – a fim de decifrar a metáfora ali estabelecida: os militares teriam ficado com o abacaxi?

Perceber, na mais elevada sensibilidade de sintonia fina, as múltiplas características definidoras da sociedade brasileira que compunham as inter-relações de poder do início da década de 60 até o desfecho golpista com a ruptura dos direitos democráticos em abril de 1964, torna-se, acima de tudo, deixar-se conduzir por veredas da *história cultural*: “*tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada ‘a ler’*”³¹.

³¹ CHARTIER, Roger. *A história cultural – entre práticas e representações*. Tradução: Maria Manuela Galhardo. 1ª ed. São Paulo: Editora Difel, 1990, ps. 16 e 17.

Naquele contexto, tanto no plano internacional, como na especificidade das questões nacionais, identificava-se uma *conjuntura em perfeita interatividade* na qual resquícios de *neutralidade* são vigorosamente substituídos por *práticas (construção do sentido de realidade)* e *representações (diálogos entre sujeitos/atores sociais formatadores da realidade)* transformadas em condutoras às *novas leituras* e *novas compreensões* de uma sociedade anteriormente estabelecida:

Por isso essa investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio.³²

Com efeito, para uma intersecção entre a História Cultural e a História Política do período em análise: “[...] a estratégia do capital monopolístico transnacional no Brasil e dos interesses financeiro-industriais locais, para expressar suas demandas em nível de Estado nacional”, oferece a identificação de segmentos articuladores das ações que resultariam no golpe de Estado ocorrido em 64, em especial os setores econômico-financeiro-administrativos de significativa importância para o controle do Estado; que, para o autor, “não se limitava a uma mera imposição econômica. Dependia sobretudo de suas ações políticas”³³.

Um dos muitos conceitos político-cultural assumido pelos EUA, em meados do século passado, dialogando com o *conceito de práticas e representações* aqui proposto, demonstrava que para muito além do investimento na fabricação dos mais diferentes e poderosos tipos de armas para serem utilizadas em um eventual enfrentamento militarizado, a *Agência Central de Inteligência (CIA)* também promovia a criação e manutenção do *Congresso pela Liberdade Cultural* – entre 1950 a 1967 – funcionando como canal aberto de *diálogo e representação* na conquista de apoio político para o projeto capitalista norte-americano pelo resto do mundo naquele período de evidente bipolarização:

No seu ápice, o Congresso pela Liberdade Cultura teve escritórios em 35 países, empregava dúzias de funcionários, publicava mais de vinte

³² CHARTIER, Roger. *A história cultural – entre práticas e representações*. Tradução: Maria Manuela Galhardo. 1ª ed. São Paulo: Editora Difel, 1990, p. 17.

³³ DREIFUSS, René Armand. *1964 – A conquista do Estado – Ação política, poder e golpe de classe*. 7ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008, p. 79.

prestigiosas revistas, organizava exposições de arte, possuía um serviço de notícias e atrações, organizava sofisticadas conferências internacionais e premiava músicos e artistas com prêmios e apresentações públicas. Sua missão era empurrar a inteligência da Europa Ocidental para longe de sua velha fascinação para com o marxismo e o comunismo, em direção a uma visão mais palatável do 'modo de vida americano' (American Way of Life) [...] foi a arma secreta na luta da Guerra Fria da América, uma arma a qual, no campo cultural, teve uma extensiva presença.³⁴

O caderno The New York Times da *Folha de S. Paulo* (04/04/2011) publicava o artigo: *America, a idéia – EUA mantêm sua influência sobre o imaginário global*:

O vernáculo americano está em toda parte, uma referência visual, cultural e lingüística, sem a qual parece impossível enquadrar nossas vidas. Nenhuma potência emergente -nem a China, nem a Índia, nem o Brasil- sequer começou a assumir esse papel. Esses países podem ser alvo de interesse, mas não foram internalizados, não chegaram a habitar os nossos sonhos. [...] São potências do "cuide da sua vida". Sua intenção, por enquanto, é a constante acumulação de riqueza. Seu poder material cresce, mas seu impacto emocional sobre o mundo é estático.³⁵

As conclusões explicitadas neste artigo tornavam-se ainda mais importantes por confirmar e atualizar o alcance do estado norte-americano na construção da sua *História Cultural*, bem como a amplitude das *práticas e representações* daquele país que permanecem amplamente reverberadas no contexto mundial, contribuindo decisivamente para o sólido alicerce que o fez um país hegemônico.

“Nossas impressões dos acontecimentos importantes e complexos podem ser permanentemente moldados por um único repórter fotográfico”³⁶, afirmação obtida no Museu Nacional de Fotografia, Cinema e Televisão, em Bradford (1989). Tal constatação alinhava-se com justeza ao conceito construído nas últimas décadas do século passado que retratava as *imagens*

³⁴ SAUNDER, Francis Stornor. *A guerra fria cultural. A CIA e o mundo das letras e das artes*, The New York Press, 1999, p. 12.

³⁵ Roger Cohen, nascido na Inglaterra (1955), jornalista e autor de livros, que através de sua coluna do The New York Times propõe reflexões sobre a conjuntura mundial da atualidade, pontuando o papel dos norte-americanos e de suas representações culturais que fortalecem a hegemonia daquela potência.

³⁶ EVANS, Harold *apud* BURKE, Peter (org). *A escrita da história – novas perspectivas*. 1ª ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1992, p. 266.

para além da mera ilustração ou de um segmento moderno de obra de arte, transformando a concepção da produção fotográfica como *fontes históricas* dotadas de vestígios prontos para abastecer de evidências as novas ferramentas de historicidade a espera de seus pesquisadores.

Os estudos de visualidade na historiografia, atualizando o Método Panofsky, constituíram-se importantes aliados interpretativos quando absorveram e somaram-se ao conceito de representação: “Assim como os historiadores, os fotógrafos não apresentam reflexos da realidade, mas representações da realidade”³⁷. Tal conceito também pode atualizar-se quando:

Além disso, o modelo de interpretação pictórica derivado da distinção de Erwin Panofsky entre os níveis pré-iconográfico, iconográfico e iconológico foi há muito tempo teoricamente superado pela compreensão de que a indicação é afinal indistinguível da conotação [...] talvez a posição mais interessante adotada hoje em dia seja a de que o material visual do passado, especificamente a sua arte, só pode ser adequadamente interpretado através da criação de um novo material visual – a arte como parte de um campo de comportamento representacional – que seja rigorosa e conceitualmente disciplinado [...] o significado do material visual se modifica; as interpretações diferem através dos limites cronológicos e culturais: aqueles que conhecemos só podem ser sempre aqueles que nós próprios geramos.³⁸

Particularmente, na segunda metade do século XX, as atividades e as produções dos historiadores absorveram e se deixaram absorver pela forte e necessária transatividade com os demais setores das *ciências humanas* – *sociologia; antropologia; etnologia; geografia*; entre outras – contribuindo firmemente na construção de uma *História Social Cultural* – que consistentemente descola-se da *História Estrutural*; da história de *temas centralizados e de longa duração*, enquanto, decididamente, incorporava-se aos estudos *multitemáticos das fontes*, compostos de *múltiplos sujeitos/atores em reduzidos espaços temporais*, identificando suas *práticas e representatividades* como condutoras das *afirmações e/ou questionamentos* de suas individualidades.

³⁷ BURKE, Peter (org). *A escrita da história – novas perspectivas*. 1ª ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1992, p. 27.

³⁸ GASKELL, Ivan *apud* BURKE, Peter (org). *A escrita da história – novas perspectivas*. 1ª ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1992, ps. 261, 262 e 264.

Neste contexto, o crescimento tanto quantitativo, como qualitativo – não necessariamente nessa ordem – da *História Social Cultural* alicerçava plenamente o surgimento de novas pesquisas fundamentadas nos mais diversos *atores e locais sociais* vitalizando estudos envolvendo as *artes plásticas; a fotografia; o cinema; a televisão; a internet;* entre outros. Desta forma, o emprego das *fontes visuais* foram se tornando centrais nos diversos recortes sugeridos pelos historiadores em seus recorrentes retornos ao passado. Sugerindo a conclusão “*não acredito que o historiador esteja mais bem situado para tratar da imagem visual: ele ou ela está antes de tudo preocupado com as questões críticas atuais*”³⁹ e, que foi complementada: “*não há nada a fazer diante do peso do passado, além de tomar consciência dele*”⁴⁰.

Separados temporalmente na construção de suas respectivas *Escritas sobre a História*, os autores⁴¹ ofertam um sutil, singelo e consistente diálogo sobre *o passado, a fotografia, sua aplicação na atualidade* e a importância de interagir com suas *práticas e representações*.

Atualmente, é impossível fazer história social sem levar em consideração o universo das práticas sociais concretas e o das representações, criações simbólicas, rituais, costumes e atitudes diante da vida e do mundo [...].⁴²

Assim como, o ato de representar através da imagem estática seria:

A fotografia é o meio visual em que os acontecimentos passados são com frequência tornados mais acessíveis pela resposta emocional do momento. Isto porque a fotografia traz em si uma relação material e causal com seu sujeito.⁴³

³⁹ GASKELL, Ivan *apud* BURKE, Peter (org). *A escrita da história – novas perspectivas*. 1ª ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1992, p. 267.

⁴⁰ BRAUDEL, Fernand *apud* PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história* 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012, p. 204.

⁴¹ GASKELL, Ivan *apud* BURKE, Peter (org). *A escrita da história – novas perspectivas*. 1ª ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1992; PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

⁴² PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012, p. 206.

⁴³ GASKELL, Ivan *apud* BURKE, Peter (org). *A escrita da história – novas perspectivas*. 1ª ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1992, p. 265.

No prosseguimento a esse diálogo, entende-se que o documento fotográfico por vezes aloja-se e interage socialmente com o *sujeito* ali representado:

As monografias usam de *status*: já não se exige que elas sejam representativas, mas que analisem o cerne de um funcionamento social ou individual. Pelo próprio fato de se manterem à distância, elas revelam de algum modo, ‘em negativo’, as normas implícitas de uma sociedade.⁴⁴

Portanto, a *secularidade de fatos, acontecimentos e seus sujeitos históricos* compõem-se, muitas vezes, do inesperado e único instante do clicar uma câmera:

Os apologistas do foto-jornalismo vão adiante, para sugerir que a informação sobre qualquer acontecimento comunicado por um fotógrafo nos proporciona o conhecimento vital desse acontecimento. Na verdade, o passado recente é cada vez mais conhecido através de imagens parcialmente fortuitas e instantâneas.⁴⁵

Desta forma, o espaço que se abre nesta presente dissertação – **60 + 4. Outros anos da mesma crise. História e imagem.** – construirá sua estrutura metodológica sustentando-se na composição desta **apresentação**; da **organização de três capítulos** e de **considerações finais**.

A divisão em capítulos fez-se necessária a fim de qualificar a distribuição dos *sujeitos/atores* protagonistas – oriundos dos mais diversos e diferentes lugares sociais – na perspectiva de prover um *efetivo e amplo diálogo* entre eles envolto na temporalidade de 1961 até 1964, contexto que presenciava a *formatação do Golpe Militar de Estado*, concluído em abril de 1964.

Com o título de **Do cultural ao político: sustos e sucessos de um país equilibrista**, o capítulo 1 será composto por subdivisões em itens: **1.1. Superando o estigma de vira-latas** – item dedicado para a apresentação do cenário cultural do início da década de 60; **1.2. De fenômeno político às forças terríveis** – item dedicado à trajetória do político Jânio Quadros da presidência à renúncia; **1.3. Pobre denunciamento rico** – item dedicado à compreensão da pressão nacional e internacional contra o presidente João Goulart; da volta do chamado “perigo vermelho”; e, o fracasso da tentativa de golpe em 1961. E, ainda, recorrerá às fotos estampadas nas *Primeiras Páginas dos periódicos Folha de S. Paulo e Última Hora*, do período proposto, para

⁴⁴ PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012, p. 206.

⁴⁵ GASKELL, Ivan *apud* BURKE, Peter (org). *A escrita da história – novas perspectivas*. 1ª ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1992, ps. 265 e 266.

analisar/problematizar a ativa presença política de Jânio Quadros; o avanço do crescimento urbano industrial no país; as intensas disputas político-partidárias; a ascensão do ideal de classe e sindicalismo; as conquistas esportivas e culturais; e, a intensa participação da imprensa escrita permeando tais acontecimentos.

O capítulo 2, intitulado: **Do nacional ao transnacional: oficinas e arenas que também contam operações**, composto pelos subitens: 2.1. “**Com brasileiro não há quem possa**” – item dedicado para a apresentação do cenário cultural do início da década de 60 e algumas conquistas do país; 2.2. **Presidentes (bossa nova?) do Conselho de Ministros** – item dedicado à trajetória dos Primeiros Ministros da República parlamentarista e o surgimento de operações envolvendo o Brasil e o capitalismo internacional – IPES e IBAD; 2.3. **Referendando a cisão** – item dedicado a trajetória eleitoral que levava ao referendo/plebiscito de janeiro de 1963 – sustentado pelas fotos estampadas nas *Primeiras Páginas dos periódicos Folha de S. Paulo e Última Hora*, do período proposto, recorrerá aos inúmeros *vestígios produzidos naquele presente* que identificavam o difícil convívio entre o *nacionalismo* e o *internacionalismo*, divisor de culturas políticas entre partidários e opositores do Presidente João Goulart; a entrada em operação de organizações como o *Instituto Brasileiro de Ação Democrática – IBAD* e o *Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais – IPES*; às conquistas esportivas e culturais promotoras de *ufanismos e alienações* sob a ativa e cotidiana interpretação da *imprensa escrita*.

Do virtual ao visceral: A marcha em construção da quarta feira de cinzas, será a titulação para o capítulo 3 que, da mesma forma dos anteriores, contará com subitens: 3.1. **Cabras marcados que não morrem: parei na contramão!** – item dedicado para a apresentação do cenário cultural dos meses imediatamente anteriores a abril de 1964; 3.2. **Em nome de todos: marchas e contramarchas** – item dedicado à compreensão do efervescente período político composto por marchas e passeatas de apoio ou oposição ao governo Goulart às vésperas do golpe; 3.3. **Práticas e representações de um estado golpeado** – item dedicado à compreensão da consolidação do golpe político militar de 1964.

Na complementação desta capitulação consolidar-se-á o intermitente diálogo entre os capítulos, bem como revisitar-se-á os antecedentes políticos responsáveis pela articulação e concretização da *ruptura constitucional*; da efetiva *presença popular – racional ou passional* – ocupando os espaços públicos com suas *marchas*; o sólido alinhamento hierárquico dos militares no cumprimento de seus objetivos; a *cultura* ocupando um posicionamento político

ideologizado; a *imprensa escrita* se instalando no *centro das ações*, ora apenas *informando* seus leitores, ora *formatando* os interesses dos seus pares.

Por fim, recorrendo ao compositor Chico Buarque de Holanda que, ao escrever os versos da canção *O que será? (À flor da terra)* – 1976, promovia no seu *presente* a possibilidade de retomada ao *passado* gerador do golpe de 1964, e sinalizava através de seus versos, importantes indícios para o que fora a prática insolente – *repressão armada; atos de exceção; intransigência política; censura à vários setores da sociedade*; entre outros – daquele breve hiato (1964 a 1976), em que revisitá-lo dialoga com a “*memória de um tempo onde lutar por seu direito é um defeito que mata*”⁴⁶

O que será que será / que todos os avisos não vão evitar / porque
todos os risos vão desafiar / porque todos os sinos irão replicar /
[...] o que não tem governo, nem nunca terá / o que não tem vergonha,
nem nunca terá / o que não tem juízo.⁴⁷

⁴⁶ Luiz Gonzaga do Nascimento Jr (Gonzaguinha) – 1945-1991 – compositor, letrista, filho do cantor e compositor pernambucano Luiz Gonzaga. Autor de dezenas de canções da música popular brasileira, entre elas: *Pequena memória de um tempo sem memória – a legião dos esquecidos* (De volta ao começo-1980) – *Memória de um tempo onde lutar / por seu direito / é um defeito que mata / São tantas lutas inglórias / São histórias que a história / qualquer dia contará / de obscuros personagens / as passagens, as coragens / são sementes espalhadas nesse chão / de Juvenais e de Raimundos / tantos Júlios de Santana / uma crença num enorme coração / dos humilhados e ofendidos / explorados e oprimidos / que tentaram encontrar a solução / São cruces sem nomes, sem corpos, sem datas / memória de um tempo onde lutar por seu direito / é um defeito que mata [...]*
http://www.gonzaguinha.com.br/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=34&Itemid=56 (acessado em 01/09/2012)

⁴⁷ HOLLANDA, Francisco Buarque de, *O que será? (À flor da terra)* – 1976.
<http://www.chicobuarque.com.br/construcao/index.html> (acessado em 01/09/2012)

Capítulo 1

Do cultural ao político: sustos e sucessos de um país equilibrista

Assuntos Diversos

Necrologia	4	Magistério	7
Justiça	3	Administração	7
Religião	3	Economia e Finanças	18
Esportes	6	Catálogos	17

1ª FOLHA DE S. PAULO

EDIÇÃO FOLHA DA MANHÃ - 3 HORAS
ANO XXXV São Paulo - Terça-feira, 17 de abril de 1960 N.º 11.040

PRIVILEJO DO TEMPO

Oferecida pelo Instituto Regional de Meteorologia a redação da 1ª folha de São Paulo e do Estado de São Paulo. TEMPO tem direito a baixar seu preço no fim de semana. VÍCIOS: veneno, roubado para o sul com relâmpago branco no fim de semana. TEMPERATURA elevada a partir das 12 horas do dia de ontem. Chuva: 100% de umidade. (Informações em... pag. - 1.ª ed.)

BRASILIA: TRABALHO AINDA MAIS ACELERADO NA ARRANCADA FINAL PARA A TRANSFERENCIA

NESTA EDIÇÃO

27.000 universitários em greve

Art. 28 do Código de Processo Penal

Art. 28 do Código de Processo Penal, que estabelece a competência para julgar os crimes de homicídio, está sendo discutido no Congresso Nacional. O texto prevê que os crimes de homicídio serão julgados pelo Tribunal de Justiça do Estado onde ocorreu o crime. (Pag. 1 - 1.ª ed.)

Julgamento do assassino de Floral Pimenta

Floral Pimenta, assassinado em 1958, será julgado pelo Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo. O julgamento será realizado em 20 de maio. (Pag. 1 - 1.ª ed.)

NOSSA OPINIÃO

Em nome da soberania do Brasil, o governo deve tomar medidas para garantir a integridade territorial do país. A soberania é um princípio fundamental do direito internacional. (Pag. 1 - 1.ª ed.)

MALGROU UM LEVANTE ARMADO NA VENEZUELA

CARACAS, 16 (UPI) — O governo da Venezuela, apesar das dificuldades econômicas, conseguiu derrotar um levante armado que ameaçava a soberania do país. O levante foi liderado por militares descontentes com o governo. (Pag. 1 - 1.ª ed.)

Detensões

CARACAS, 16 (UPI) — Próximas negociações entre o governo venezuelano e os rebeldes devem levar a uma solução pacífica para o conflito. O governo está disposto a negociar com os rebeldes. (Pag. 1 - 1.ª ed.)

Atento o exercito, mas sem tomar nenhuma providencia especial

RIO, 16 (FOLHA DE S. PAULO) — O exército brasileiro está atento às movimentações na Venezuela, mas não tomou nenhuma medida especial. O exército está preparado para qualquer eventualidade. (Pag. 1 - 1.ª ed.)

Apresentação de "Gimbo" em Paris

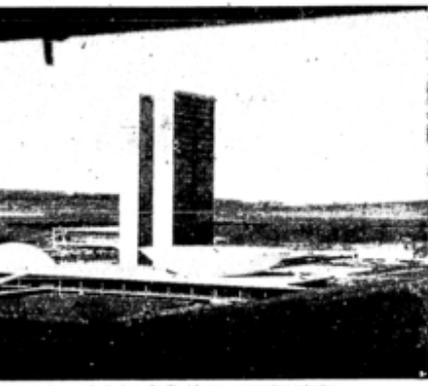
PARIS, 16 (AP) — O cão "Gimbo", apresentado em uma exposição em Paris, é considerado o melhor cão do mundo. O cão foi criado em um programa de melhoramento genético. (Pag. 1 - 1.ª ed.)

Vigilância em todo o país

As autoridades brasileiras estão realizando uma operação de vigilância em todo o país para garantir a segurança nacional. A operação envolve a monitorização de atividades suspeitas. (Pag. 1 - 1.ª ed.)

III Exposição-Feira de Zebu

A III Exposição-Feira de Zebu, realizada em São Paulo, atraiu milhares de visitantes. A exposição mostrou a diversidade das raças de zebu. (Pag. 1 - 1.ª ed.)



O conjunto do Congresso Nacional em Brasília, há cerca de 10 dias após a inauguração.

NOVA ONDA DE PRISÕES A NEGROS NA AFRICA DO SUL

JOHANNESBURGO, 16 (UPI) — Cerca de 60 africanos foram presos em uma operação policial em Johannesburgo. Os presos são acusados de participação em atividades subversivas. (Pag. 1 - 1.ª ed.)

9 pessoas mortas em queda de avião

STRENGTHVILLE (Ore.), 16 (UPI) — Um avião comercial caiu em uma montanha, matando nove pessoas. O avião estava em voo regular. (Pag. 1 - 1.ª ed.)

Sete Camara e Batista Ramos tomam posse hoje

O 7.º Congresso Nacional e o governador do Estado de Guanabara tomaram posse hoje. O governador é Armando Falcão. (Pag. 1 - 1.ª ed.)

O estado de Verwoerd

JOHANNESBURGO, 16 (UPI) — O estado de Verwoerd, na África do Sul, está enfrentando dificuldades econômicas. O governo está tomando medidas para superar as dificuldades. (Pag. 1 - 1.ª ed.)

Atento o exercito, mas sem tomar nenhuma providencia especial

RIO, 16 (FOLHA DE S. PAULO) — O exército brasileiro está atento às movimentações na Venezuela, mas não tomou nenhuma medida especial. O exército está preparado para qualquer eventualidade. (Pag. 1 - 1.ª ed.)



III Exposição-Feira de Zebu em São Paulo.

A III Exposição-Feira de Zebu, realizada em São Paulo, atraiu milhares de visitantes. A exposição mostrou a diversidade das raças de zebu. (Pag. 1 - 1.ª ed.)

Reinicia-se a Conferencia do Desarmamento

GENEVA, 16 (UPI) — O primeiro dia da Conferência do Desarmamento começou com discussões sobre o controle de armas nucleares. Os participantes são de vários países. (Pag. 1 - 1.ª ed.)

CHEGOU ONTEM A OTAVA O GENERAL DE GAULLE

OTAVA, 16 (UPI) — O general Charles De Gaulle chegou ontem a Otava, no Canadá, para uma visita oficial. O general é o chefe do Estado-Maior francês. (Pag. 1 - 1.ª ed.)

Príncipe Hira com seus pais

PRINCÍPE HIRA, herdeiro do trono do Nepal, chegou ontem a Paris com seus pais. O príncipe está em uma visita oficial. (Pag. 1 - 1.ª ed.)

O menino Peugeot afirma que não havia mulher entre os sequestradores

PARIS, 16 (UPI) — O menino sequestrado afirma que não havia uma mulher entre os sequestradores. O menino está em segurança. (Pag. 1 - 1.ª ed.)

Novas desordens internas ameaçam o governo de Castro

NOVAS desordens internas ameaçam o governo de Castro em Cuba. Há rumores de movimentos subversivos. (Pag. 1 - 1.ª ed.)



O novo primeiro-ministro italiano, Alcide De Gasperi.

O novo primeiro-ministro italiano, Alcide De Gasperi, chegou ontem a Roma. De Gasperi é o chefe do governo italiano. (Pag. 1 - 1.ª ed.)

Greve do fume em presidio espanhol

MADRID, 16 (AP) — A greve dos fumeiros em um presídio espanhol levou a uma situação de tensão. Os fumeiros exigem melhores condições de trabalho. (Pag. 1 - 1.ª ed.)

Príncipe Hira com seus pais

PRINCÍPE HIRA, herdeiro do trono do Nepal, chegou ontem a Paris com seus pais. O príncipe está em uma visita oficial. (Pag. 1 - 1.ª ed.)

O menino Peugeot afirma que não havia mulher entre os sequestradores

PARIS, 16 (UPI) — O menino sequestrado afirma que não havia uma mulher entre os sequestradores. O menino está em segurança. (Pag. 1 - 1.ª ed.)

Novas desordens internas ameaçam o governo de Castro

NOVAS desordens internas ameaçam o governo de Castro em Cuba. Há rumores de movimentos subversivos. (Pag. 1 - 1.ª ed.)

Príncipe Hira com seus pais

PRINCÍPE HIRA, herdeiro do trono do Nepal, chegou ontem a Paris com seus pais. O príncipe está em uma visita oficial. (Pag. 1 - 1.ª ed.)

O menino Peugeot afirma que não havia mulher entre os sequestradores

PARIS, 16 (UPI) — O menino sequestrado afirma que não havia uma mulher entre os sequestradores. O menino está em segurança. (Pag. 1 - 1.ª ed.)

Novas desordens internas ameaçam o governo de Castro

NOVAS desordens internas ameaçam o governo de Castro em Cuba. Há rumores de movimentos subversivos. (Pag. 1 - 1.ª ed.)

Príncipe Hira com seus pais

PRINCÍPE HIRA, herdeiro do trono do Nepal, chegou ontem a Paris com seus pais. O príncipe está em uma visita oficial. (Pag. 1 - 1.ª ed.)

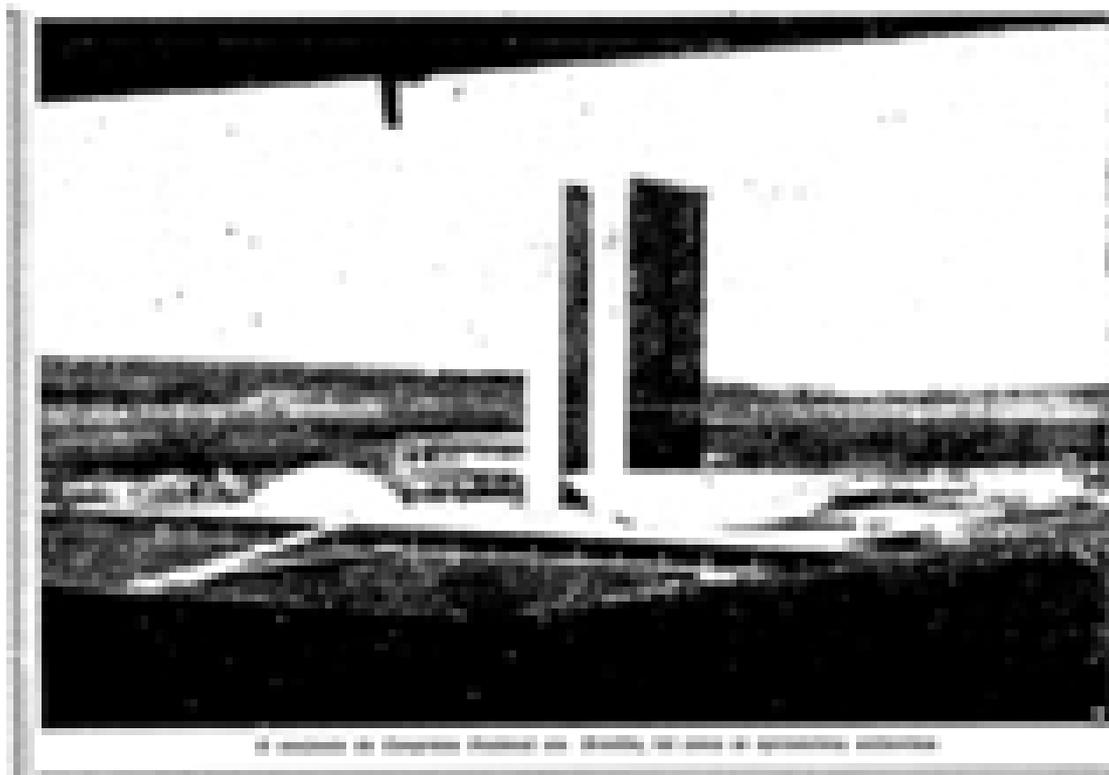
O menino Peugeot afirma que não havia mulher entre os sequestradores

PARIS, 16 (UPI) — O menino sequestrado afirma que não havia uma mulher entre os sequestradores. O menino está em segurança. (Pag. 1 - 1.ª ed.)

Novas desordens internas ameaçam o governo de Castro

NOVAS desordens internas ameaçam o governo de Castro em Cuba. Há rumores de movimentos subversivos. (Pag. 1 - 1.ª ed.)

BRASILIA: TRABALHO AINDA MAIS ACELERADO NA ARRANCADA FINAL PARA A TRANSFERENCIA



XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

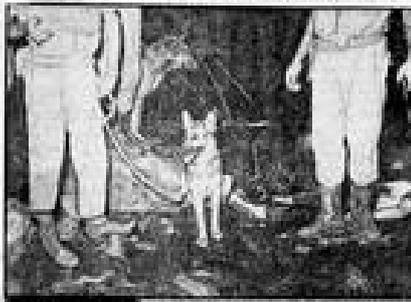
ANPUH
BRASIL

**SETTE CÂMARA: POSSE ÀS 11 HORAS DO PRIMEIRO GOVERNADOR DA GUANABARA
VEREADORES PASSAM HOJE A DEPUTADOS: "GAIOLA" SERÁ ASSEMBLÉIA AMANHÃ**

BATISTA RAMOS: SALÁRIO-MÍNIMO RECLAMA REVISÃO

**ICADO DO ABISMO O CORPO DO PEQUENO
BORIS: CÃES POLICIAIS BUSCAM SAUL**

Brasília: Retoque Final na "Toilette"



Ultima Hora

**CRISE UDENISTA PROSEGUE:
LEANDRO INSISTE NA RENÚNCIA**

19 DE ABRIL

19 de abril de 1964. O Brasil vive um momento de profunda crise política e social. O governo de Juscelino Kubitschek encontra-se em uma situação delicada, com o Congresso Nacional em sessão extraordinária para discutir a renúncia do presidente. O povo brasileiro aguarda ansiosamente o desenrolar dos acontecimentos.



Zelo Hora

**MAQUINA FERRAZ
NA CAPITAL DO RIO**



COMPARTILHO DO L. ESCRITO: SEM PROTEÇÃO SEM ALIADO

Um documento que revela a situação política e social do Brasil em 1964. O autor discute a importância da imprensa e da participação popular na construção de uma nova ordem política.

TRUQUE DE JARINA EM VISÃO SECRETA PARA A CÂMARA

Um relato sobre o comportamento de Jarina Rodrigues de Moraes durante sua passagem pelo Congresso Nacional. A história revela os bastidores de uma das figuras mais controversas da política brasileira.

INTERROMPIDO O "CARNAVAL DO ADEUS": FALTOU DINHEIRO



CEBESEIRA HOJE NO RIO

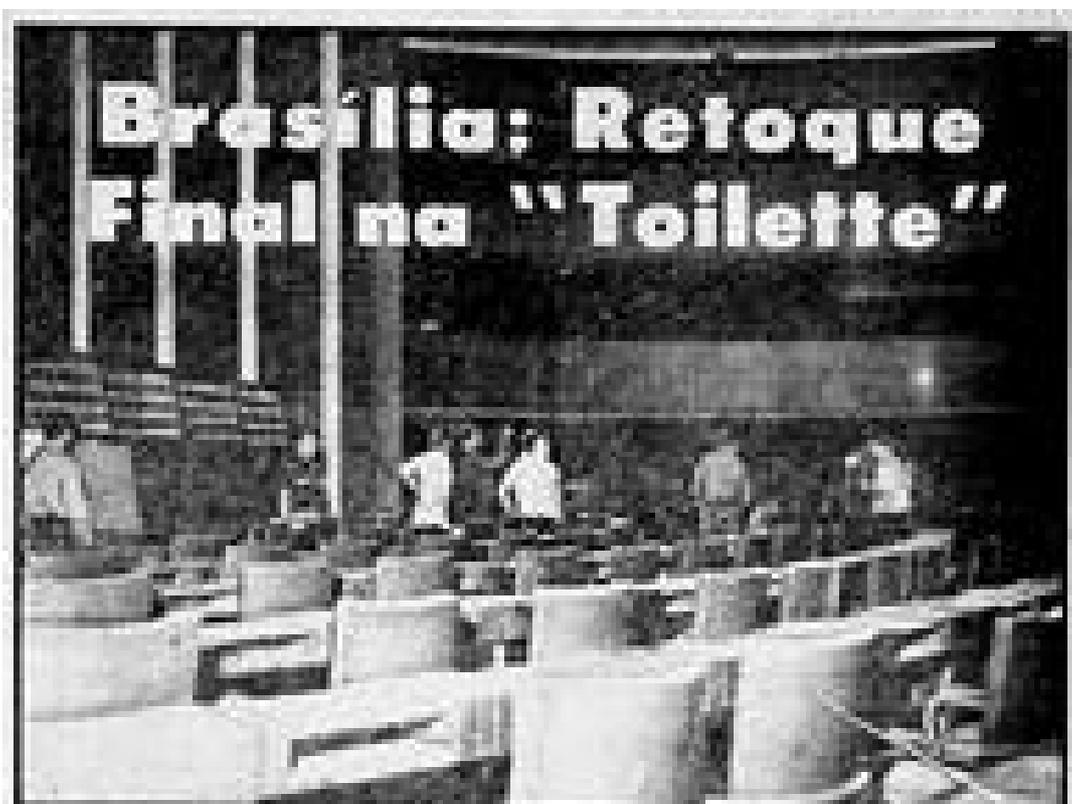
Uma reportagem sobre a chegada de Cebesira ao Rio de Janeiro. O texto descreve a recepção e o ambiente da cidade durante esse período.



Conrad Wilson (Magrela de Matos) Chega Com Secretária "Bossa Nova"



Motoristas de Táxi Debatem Hoje Nova Tabela de Aumento
ILUSTRAÇÃO NA PAGINA 2



“Fotografia é Memória e com ela se confunde”⁴⁸, retroalimentando a percepção aí expressada que, se transferida para o acontecimento histórico que envolvera a construção e posterior troca da capital política do país, *dimensiona-se e qualifica a fonte documental e imagética* contida no destaque jornalístico estampado nas *primeiras páginas da Folha de S. Paulo e do Última Hora (19/04/1960)*:

Uma única imagem contém em si um inventário de informações acerca de um determinado momento passado; ela sintetiza no documento um fragmento do real visível, destacando-o do contínuo da vida. O espaço urbano, os monumentos arquitetônicos, o vestuário, a pose e as aparências elaboradas dos personagens estão ali congelados na escala habitual do original fotográfico: informações multidisciplinares nele gravadas – já que resgatadas pela heurística e

⁴⁸ KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 3ª ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2002, p. 132.

devidamente situadas pelo estudo técnico – iconográfico – apenas aguardam sua competente interpretação.⁴⁹

Envolvida nos *anos JK* (1956-1961), o início da década de 60, entrelaça-se à constatação de que o governo que se extinguiu – será também identificado posteriormente pelo destacado número de *obras de infra-estrutura na burocracia administrativa (SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste); no setor energético (ELETROBRÁS); no avanço industrial (Indústria automobilística);* entre outras que, indubitavelmente, contribuíram para o clima de euforia que boa parte da população vivenciava. Os mais *exaltados* – que nem sempre são os mais *equilibrados* – replicavam intermitentemente o *slogan juscelinista: 50 anos em 5*.

A Brasília de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa propagada pelo *político de Diamantina*, como a *síntese* do seu *Programa de Metas*⁵⁰, interpenetrava-se com sua inauguração à mesma data histórica (21 de abril), do também mineiro Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes) – personagem muitas vezes mitificado pela historiografia oficial como um dos heróis do movimento dos *Inconfidentes* (1789), durante o Período Colonial – e, ao ser erguida arquitetonicamente entre os anos de 1956 e 1960, refletiu não apenas a *singularidade dos traços de seus prédios e monumentos* como também, pelo *esforço concentrado coletivo* que garantiu a realização da obra com considerável brevidade.

A construção de uma nova capital federal e, conseqüentemente, a troca da localização da administração política do país foi sustentada pelo governo JK sob os argumentos da *necessidade de descentralização do desenvolvimento nacional* – visando primordialmente o avanço das regiões norte, nordeste e centro oeste. Outra argüição daquele governo em defesa da construção de Brasília reforçava a *preocupação por segurança*, diante do clima beligerante no auge da *Guerra Fria* envolvendo os paradigmas: capitalista (EUA) e comunista (URSS). E, finalmente, a nova capital havia sido projetada sob normas de engenharia que tornasse o traçado de ruas e avenidas em *vias públicas*

⁴⁹ KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 3ª ed revista e ampliada. Cotia: Ateliê Editorial, 2009, ps. 107 e 108.

⁵⁰ Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-1976) foi eleito pelo voto popular presidente do Brasil para governar entre os anos de 1956 a 1961. Uma das características consistente do seu mandato foi desenvolvê-lo a partir de um plano de governo previamente traçado que ficou conhecido como Programa de Metas no qual destacavam-se as metas: transporte; energia; saúde; educação; agricultura; indústria; entre outras - <http://www.memorialjk.com.br> (acessado em 10/11/2012)

seguras e protegidas de eventuais manifestações que transformasse o Estado refém de atividades golpistas que teriam marcado a história recente do país.

A inauguração de Brasília, como era possível esperar, transformava-se em acontecimento nacional. Os grandes periódicos do país buscavam a melhor manchete ou a melhor imagem fotográfica que seriam transformadas na *representação daquele evento singular*. *Folha de S. Paulo* e *Última Hora* não fugiram do evidente clichê.

Estreia Desastrosa do Flamengo em Sofia: Combinado Búlgaro Ganhou de 6 a 0 VEJA NA PÁGINA 5

LÍDERES DE TODOS OS PARTIDOS DECIDEM: CÂMARA REÛNE-SE A 2 DE MAIO VEJA NA PÁGINA 4

EQUIPE DE "UH" REVELA: NEM CAOS, NEM FOME, NEM PÂNICO NA NOVA CAPITAL VEJA NA PÁGINA 4

UDN ADERE EM MASSA A BRASÍLIA!

■ A UDN foi o primeiro partido a voltar ao Brasil (antes) uma reunião do seu Conselho Nacional, de caráter consultivo, para discutir, entre outras coisas, a possibilidade de se reunir em Brasília. "Não há a dúvida, e deve ser a UDN", disse o Sr. Magalhães Pinto, "O importante aqui não é a maioria, mas a permanência", disse o Sr. João Agripino. E o Sr. José Magalhães foi eleito por um voto a favor que possibilitou Brasília, enquanto o Sr. Manoel Cavalo, líder paulista, venceu um voto de favor.

PRIMEIRA REUNIÃO

■ A reunião, realizada no Hotel de Brasília, teve como presidente o Sr. Manoel Cavalo, ex-ministro da Justiça, e como secretário o Sr. João Agripino, ex-ministro da Justiça. O Sr. João Agripino foi eleito por um voto a favor que possibilitou Brasília, enquanto o Sr. Manoel Cavalo, líder paulista, venceu um voto de favor.

STE E PIONEIROS

■ Entre os pioneiros em Brasília a UDN foi a primeira a se estabelecer no Brasil. O Sr. João Agripino foi eleito por um voto a favor que possibilitou Brasília, enquanto o Sr. Manoel Cavalo, líder paulista, venceu um voto de favor.

A GRANDE CRISE

■ Enquanto isso, ainda em Brasília, os dirigentes da UDN, em uma reunião, decidiram que a UDN não se reuniria em Brasília, mas sim em São Paulo. O Sr. João Agripino foi eleito por um voto a favor que possibilitou Brasília, enquanto o Sr. Manoel Cavalo, líder paulista, venceu um voto de favor.

Juraci Apostou e Perdeu: Gravata Para JK



ANO 28 — Dia de Junho, Sábado, 22 de maio de 1960 — Nº 2.871

Última Hora



CANTANDO E DANÇANDO CRIANÇAS SAUDARAM O BRASIL DE AMANHÃ!



Mais de 4 mil crianças cantaram, dançaram e profetizaram o futuro do Brasil, sob o comando do Sr. João Agripino, em uma reunião realizada no Hotel de Brasília, em São Paulo, no dia 21 de maio. Foi uma reunião importante, pois a UDN decidiu reunir-se em Brasília, e não em São Paulo, como se acreditava.

ADEUS DO LEGADO PAPAL A ALVORADA



A comunidade de São Jorge, no Estado da Guanabara, realizou sua primeira festa religiosa, em homenagem ao Senhor São Jorge, no dia 20 de maio. A festa foi realizada no local onde se encontra o túmulo do santo, e contou com a presença de muitos fiéis.

PÁTRIA DE GINA (AGORA) E O CANADÁ



A Sra. Gina, ex-ministra da Educação, viajou para o Canadá, onde irá visitar sua família. Ela foi acompanhada por um grupo de amigos e familiares.

Sette Voltou: Nada Sobre Secretariado



O Sr. Sette, ex-ministro da Justiça, retornou ao Brasil, onde irá visitar sua família. Ele foi acompanhado por um grupo de amigos e familiares.

Zero Hora

Crimes em Brasília

Dois crimes foram cometidos em Brasília, no dia 21 de maio. Um homem foi assassinado e outro ferido gravemente.

Os crimes ocorreram no centro da cidade, perto do Hotel de Brasília. As autoridades estão investigando os casos.

Os suspeitos foram identificados e estão sendo mantidos em prisão preventiva.

Os familiares das vítimas estão sendo atendidos e recebem apoio psicológico.

Os crimes são considerados graves e as autoridades estão tomando medidas para evitar mais casos.

Os responsáveis pelos crimes estão sendo julgados e podem receber penas de prisão.

Os crimes em Brasília são uma preocupação para a população e as autoridades.

Os crimes em Brasília são uma preocupação para a população e as autoridades.

Os crimes em Brasília são uma preocupação para a população e as autoridades.

Os crimes em Brasília são uma preocupação para a população e as autoridades.

Os crimes em Brasília são uma preocupação para a população e as autoridades.

Os crimes em Brasília são uma preocupação para a população e as autoridades.

Os crimes em Brasília são uma preocupação para a população e as autoridades.

Os crimes em Brasília são uma preocupação para a população e as autoridades.

Os crimes em Brasília são uma preocupação para a população e as autoridades.

Os crimes em Brasília são uma preocupação para a população e as autoridades.

SÃO JORGE: PRIMEIRA FESTA RELIGIOSA DO ESTADO DA GUANABARA VEJA NA PÁGINA 2

Contudo, a *inauguração* representava para a *imprensa nacional*, em particular para *Folha* e *Última Hora*, um significativo contraponto na linha editorial quando observamos suas manchetes principais: enquanto o *diário paulista* apenas referencia a inauguração (***Brasília: trabalho ainda mais acelerado na arrancada final para a transferência***) o *periódico fluminense*, usa a publicação para atacar os *udenistas* (***UDN adere em massa à Brasília!***) - responsáveis por intermitente oposição ao governo JK e, em alguns momentos, chegando a duvidar do cumprimento do prazo fixado para o término da obra, quando da inauguração os políticos udenistas aderiram prontamente à comemoração. Para o político daquela legenda, Juraci Magalhães, o custo material da compra de uma *gravata* foi infinitamente menor do que o custo político.



1.1. – Superando o estigma de vira-latas

“Desenvolvimentismo”. A transição dos anos 50 para os 60 seria marcada por uma profusão de adjetivos conceituais voltados para o entusiasmado momento em que qualquer definição para aquele presente, impregnava-se de um *ufanismo* correspondente à agradável sensação e, muitas vezes, ilusionista constatação de que chegara a hora do *grito retumbante: chegou o progresso!*

Os chamados *anos JK* (1956-1961) chegavam ao fim no início de 1961 com a transmissão constitucional do Poder Executivo ao novo presidente eleito. Fora um quinquênio cercado de dados estatísticos que permitiam conclusões tão heterogêneas quanto aquelas que diziam que ali estava *o maior estadista do país* – usada por seus seguidores – e, para seus retratadores, tudo que se afirmava sobre ele carecia de verdade, pois aquele era *o governo que endividara definitivamente o país*. Utilizando-se de expressões populares e/ou gírias evocadas abundantemente nos grandes centros urbanos da época, os *anos JK* foram para alguns *anos de chulé* (ótimo); já para outros, foram *anos de lasciar o cano* (ruim, péssimo).

Tratava-se do período emblematicamente marcado pelo *slogan: 50 anos em 5*, no qual o *mineiro de Diamantina*, obteve como resultado prático um salto quantitativo e qualitativo no desenvolvimento do país, sustentado nas várias *obras de infra-estrutura; educação; energia; transporte*; entre outras⁵¹, que em

⁵¹ SANTOS Joaquim Ferreira dos. *Feliz 1958 – o ano que não devia acabar*. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1997: “*Obras de JK em 1958: ponte de 4km sobre o estuário do Rio Guaíba e o delta do Jacuí [...] A Usiminas começa a ser construída para produzir 500 mil toneladas de lingotes [...] Cumprimento do preceito constitucional de 1946 que destina 10% do orçamento, cerca de Cr\$ 3 bilhões, para a educação [...] A Petrobrás que produzia 6 mil barris em 56, passa para 45 mil em 58, economizando 200 milhões de dólares em divisas [...] Construção de 86 açudes contra a seca no nordeste [...] Inauguração de um reator constitucional de 1946 que destina 10% do orçamento, cerca de Cr\$ 3 bilhões, para a educação [...] A Petrobrás que produzia 6 mil barris em 56, passa para 45 mil em 58, economizando 200 milhões de dólares em divisas [...] Construção de 86 açudes contra a seca no nordeste [...] Inauguração de um reator*

pleno funcionamento contribuía para o clima de aprovação popular ao *Programa de Metas do Governo (Plano de Metas)* propulsor do surgimento de um *moderno modo de vida social*, repleto de ícones a representá-lo no cotidiano das principais cidades: *rádio de pilha; lambreta; bambolê; camisa volta ao mundo; vestido trapézio; maio catalina; DKW-Vemag;* entre outros. Para os *juscelinistas* aquele era um governo às *pampas* (muito), *batuta* (exímio)!

Deve-se lembrar que através de um simples recuo horizontal ao passado, é possível identificar a longa trajetória da economia brasileira convivendo forçosamente com mais de três séculos de domínio colonial, cujo principal papel desempenhado fora o de acomodar-se ao *modelo agrário-exportador* promotor da imediatista proposta *mercantilista* voltada para a necessidade constante de obtenção de *balança comercial favorável (lucro)* com usufruto exclusivo da metrópole. Sendo que, nas demais décadas do pós-independência política e proclamação republicana, as poucas iniciativas visando alterar a *tradição agrícola do país* – tais como: *Era Mauá (pós-1850); Projeto de Rui Barbosa (pós-1889); contexto da Primeira Guerra Mundial (pós-1914);* e, outros eventuais empreendimentos públicos e/ou privados – resultaram apenas em *incipientes surtos industriais* sustentados efemeramente pelas facilidades dos respectivos períodos e, subseqüentemente, esgotados diante do consistente e, às vezes necessário, retorno do país à *agricultura de exportação*.

Afora o *período nacional-industrialista* combinável com a presença de Getúlio Vargas no poder (1º período: 1930-1945; 2º período: 1951-1954) responsável pela instalação da *indústria de base* – *Companhia Siderúrgica Nacional (CSN); Companhia Vale do Rio Doce (CVRD); Fábrica Nacional de Motores (FNM); Petrobrás;* entre outras -, nos chamados *anos JK*, que os números tradutores da nossa performance industrial serão robustamente agigantados através do “*progresso/desenvolvimentismo*”⁵² – *contraditoriamente nacional/dependente* – sob controle de uma *política de Estado* (JK) e com substancial *financiamento do capital multinacional* (participação externa).

atômico em São Paulo. A meta consistia em elevar para 5 milhões de kw os 3 milhões existentes [...] Inauguração de uma fábrica de autopeças ou de automóveis por mês. (p. 20)

⁵² BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política* – vol 2. 7ª ed. Brasília: UNB, 1983: “Progresso – definição: A idéia de progresso pode ser definida como idéia de que o curso das coisas, especialmente da civilização, conta desde o início com um gradual crescimento do bem estar ou da felicidade, com uma melhora do indivíduo e da humanidade, constituindo um movimento em direção a um objetivo desejável [...] O progresso no século XX: devemos, no entanto, observar que, no século XX, assistimos a uma verdadeira crise da idéia de progresso [...] por isso hoje há muitos que rejeitam a idéia do progresso, a crença no bem estar e na auto-suficiência do homem, a fé no poder da ciência como meio de banir o sofrimento” (ps. 1009-1010-1013).

Embora o genial compositor Adoniran Barbosa⁵³ - exímio observador e cronista do cotidiano paulistano – musicasse aquele período de forma brilhante, ora lamentando a inoportuna necessidade de interromper *o colóquio amoroso* – “*não posso ficar, mais nem um minuto com você / sinto muito amor, mas não pode ser / moro em Jaçanã, se perder esse trem / que sai agora, só amanhã de manhã*”⁵⁴ – ou mesmo lastimando o trágico fim de Iracema na grande cidade – “*Iracema eu bem que dizia / cuidado ao atravessar essas ruas / eu falava mas você não me escutava não / Iracema, você atravessou contramão*”⁵⁵ – as conseqüências históricas do projeto econômico-financeiro do presidente Juscelino Kubistchek, não apenas inspirava reflexões condizentes – musicais ou não – sobre aqueles anos, mas também conspirava contra seus opositores promovendo irrefutáveis estatísticas do crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), alavancando um efetivo período de transformações para *um país que mais acostumara a equilibrar-se do que avançar*.

Juscelino era mais pragmático do que nacionalista [...] depois de uma incipiente vaga industrializante, financiada pelo café paulista, o Brasil tentava deixar de ser ‘essencialmente agrícola’ ao sabor das crises internacionais e guerras que o forçavam a produzir o que não podiam importar, num processo de substituição de importações mais espontâneo do que planejado [...] JK não sonhava com mudanças sociais radicais: buscava o investimento estrangeiro público e privado para satisfazer as necessidades que lhe eram subjacentes. Sabia que dependia das exportações agrícolas tradicionais para aumentar as reservas em moeda estrangeira, necessárias a um crescimento rápido [...] A modesta economia brasileira, em 1955, pode ser traduzida em alguns números. O produto interno bruto do Brasil, de cerca de US\$ 12 bilhões, era a metade do indiano, um terço do italiano, a trigésima quinta parte do americano. Nosso comércio não passava de 0,5% do total mundial [...] Entre 1956 e 1960, a economia teve taxa média de crescimento de 8,1% ao ano, inédita na história brasileira, chegando ao percentual recorde de 10,8% em 1958. A transformação estrutural da economia foi espetacular: a participação da indústria no PIB passou

⁵³ Adoniran Barbosa: nome artístico de João Rubinato (1910-1982), filho de italianos nascido na cidade de Valinhos/SP. “*O cunho descritivo e a reprodução perfeita dos linguajares caipira e paulistano italianado, próprios dos ambientes em que viveu Adoniran Barbosa, são as características básicas do estilo que o tornou o compositor mais popular da cidade de São Paulo [...] espontâneo, espirituoso, personagem ele mesmo de alguns de seus sambas, Adoniran é um dos melhores intérpretes de sua obra, só igualado, talvez, pelos Demônios da Garoa [...]*” (SEVERIANO, Jairo; MELLO, Zuza Homem de. *A canção no tempo – 85 anos de músicas brasileiras*. vol. 1. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 1997 (p. 315).

⁵⁴ *Trem das Onze* (1965) samba de Adoniran Barbosa: (SEVERIANO, Jairo; MELLO, Zuza Homem de. *A canção no tempo – 85 anos de músicas brasileiras*. vol. 2 – 1958-1985. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 1999 (p. 91).

⁵⁵ *Iracema* (1956) samba de Adoniran Barbosa: (SEVERIANO, Jairo; MELLO, Zuza Homem de. *A canção no tempo – 85 anos de músicas brasileiras*. vol. 1 – 1901-1957. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 1997 (p. 325).

de 20,4% em 1955 para cerca de 25,6% em 1960. A fabricação de automóveis e de material elétrico ultrapassou os 25% ao ano.⁵⁶

Na obra *O processo civilizador*⁵⁷ encontra-se a afirmação:

*Quanto mais profundamente penetramos na riqueza de fatos particulares a fim de descobrir a estrutura e regularidades do passado, mais solidamente emerge um contexto firme de processos dentro dos quais são reunidos os fatos dispersos*⁵⁸

Evidencia-se assim que o *fazer do historiador* deve também sustentar-se no seu intermitente e regular *pertencimento ao fato ocorrido*, assim como, para que a *visualidade de certo passado* possa tornar-se minimamente compreensível, devemos observá-lo a *contrapelo* num *permanente diálogo presente-passado e passado-presente*:

Isto porque o perfil das passadas mudanças no tecido social se torna mais visível quando visto contra os eventos de nossa própria época. Neste caso, também, como tão freqüentemente acontece, o presente ilumina a compreensão do passado e a imersão neste ilumina o presente.⁵⁹

Diante disto, o retorno ao *presente* sob a presidência de JK, produziu *indícios e indagações* com vários *sujeitos* que, naquela mesma conjuntura, se manifestaram em contraposição as estruturas utilizadas para a sustentação do modelo “desenvolvimentista” do chefe de governo.

A eleição de 1955 resultava na composição vitoriosa – *presidente e vice* – de uma chapa política que trazia no seu interior divergências partidárias traduzidas na rivalidade entre JK - representando a *elite política tradicional* – e, João Goulart – representando o *trabalhismo* – que, respectivamente, pertenciam ao *Partido Social Democrático (PSD)* e ao *Partido Trabalhista Brasileiro (PTB)*, sendo que tal construção política explicava-se pela separação dos votos para estes cargos do Executivo, vigente desde a Constituição de 1946. Completando tal cenário, alicerçava-se na oposição o *setor conservador*

⁵⁶ BOJUNGA, Cláudio. *JK - O artista do impossível*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001, ps. 402, 403 e 405.

⁵⁷ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador – formação do Estado e civilização* – vol 2. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1993

⁵⁸ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador – formação do Estado e civilização* – vol 2. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1993, p. 263.

⁵⁹ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador – formação do Estado e civilização* – vol 2. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1993, p. 263.

representando a dita burguesia nacional (*União Democrática Nacional – UDN*) que, perfeitamente alinhada aos interesses do *capitalismo internacional*, promovia uma vigorosa política de enfrentamento ao *PSD/PTB* e suas *tradições nacionalistas*.

Durante o seu quinquênio no poder (1956-1961), o presidente Kubistchek, ostentava permanentemente discurso que promoveria um *projeto de crescimento acelerado* ao país, sem, às vezes, demonstrar preocupações sobre a quantidade ou, até mesmo, a origem de tais investimentos e, por isso, foi por vezes acusado de conduzir a administração financeira sob *influência do FMI; voltada para os interesses internacionais; de não conter a instabilidade monetária; de manter difícil convívio com as taxas inflacionárias em alta. Com o crescente endividamento externo* os opositores de JK denunciavam a política do *Ministério da Fazenda*, sob o comando de *Lucas Lopes*, como o responsável pelo *alargamento do abismo* entre os *mais e menos favorecidos na estrutura de classes*, por *abastecer a combustão social* inquestionavelmente desestabilizadora para aquele “*país equilibrista*”:

O povo está financiando, com o seu sacrifício, o desenvolvimento econômico. Esse povo pode e sabe suportar privações para que o país se mantenha independente e se desenvolva, mas é necessário que esse sacrifício não recaia apenas sobre os menos afortunados, mas sobre todas as classes, proporcionalmente, e que ao mesmo tempo se adotem medidas de reforma social tendentes a impedir que uma pequena minoria, nadando em luxo e na ostentação, continue afrontando as privações e a miséria de milhares e milhares de brasileiros (pronunciamento de João Goulart – provavelmente em 1959)⁶⁰

Até 21 de abril de 1960, a capital política do Brasil esteve oficialmente sediada na cidade do Rio de Janeiro. Naquela data o presidente JK inaugurava Brasília, a nova capital no Planalto Central, confirmando, na prática, aquela que ficava conhecida como sua “*meta síntese*”. A efetiva transferência dos órgãos administrativos para a nova capital mostrava-se lenta e gradual com alguns *departamentos públicos e suas burocracias* sustentando uma embaraçosa duplicidade de localização, parte no Rio de Janeiro e parte em Brasília.

Quanto à cidade do Rio de Janeiro, naqueles anos de transição de décadas, vivenciava grande *momento de pluralidade cultural – Bossa Nova; Cinema Novo; CPC da UNE; Teatro Opinião*; entre outros – mantendo-se com destacada importância para o país. A efetiva transformação em ex-capital federal ocorrerá apenas formalmente, pois a *prática e a representação* ali

⁶⁰ BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *O governo João Goulart – as lutas sociais no Brasil – 1961-1964*. 8ª ed revista e ampliada. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 141.

gestadas, prolongavam o efetivo *papel hegemônico* que a cidade possuía, resultando em centro convergente de *resistência e manutenção* de cultura.

Se a ambição democrática de projetar-se sobre o *comando* muitas vezes parece comparar-se com a dificuldade de instalar-se no *poder*, pode-se compreender porque *coligações, partidos e políticos* sucessivamente submetem-se à tão indigesta experiência prática a fim de obter quantificação/qualificação necessária para não só conquistá-lo, mas também manter-se *hegemônico no “Olímpo” adquirido*. Encerram-se apenas no *segmento político-econômico* as estratégias para garantir *hegemonia? Vestígios e sujeitos* produzidos através da *História Cultural/Artes* possuem correlação com *hegemonia de poder? Controladores do poder político-econômico* mantêm-se *isolados da culturalidade ou deslocam-se por/com ela?*

O pensamento de Hall passa por convicções democráticas e pela aguçada observação da cena cultural contemporânea. A maioria de seus textos teóricos responde a uma conjuntura específica, incluindo aí um momento da discussão teórica sobre a cultura [...] Deslocamento, aliás, é a imagem que Hall faz da relação da cultura com estruturas sociais de poder; pode-se fazer pressões através de políticas culturais, em uma ‘guerra de posições’, mas a absorção dessas pressões pelas relações hegemônicas de poder faz com que a pressão resulte não em transformação, mas em deslocamento; da nova posição fazem-se novas pressões.⁶¹

Efetivamente, no Brasil dos primeiros anos da década de 60, escancarava-se ampla disputa por *hegemonia de poder* e compreendê-la tornava-se exercício para infiltrar-se densamente no convívio daquele *lugar social*; para interagir com os variados e as variantes produzidas pelos *sujeitos e suas culturas*: “*se a arte é parte da sociedade, não existe unidade sólida fora dela, para a qual nós concedemos prioridade pela forma de nosso questionamento. A arte existe aí como uma atividade, juntamente com a produção, o comércio, a política, a criação de filhos*”.⁶²

A efervescente atividade cultural produzida concomitantemente com o acelerado crescimento urbano – particularmente, nas capitais do sul e sudeste – explicitava o desejo dos mais diversos candidatos à controladores de poder em *estretar relações e extrair vantagens* ou *estretar perseguições e subtrair liberdades* para que suas experiências de comando prevalecessem naquela

⁶¹ HALL, Stuart; SOVIK, Liv (org). *Da diáspora – identidades e mediações culturais*. 1ª ed atualizada. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 11.

⁶² WILLIAMS, Raymond. *The long revolution*. Harmondsworth: Penguin, 1965, p. 61 apud HALL, Stuart; SOVIK, Liv (org). *Da diáspora – identidades e mediações culturais*. 1ª ed atualizada. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 127.

conjuntura, na qual a *luta de classe* decodificava alguns dos principais enfrentamentos espalhados pelo mundo.

Naquele momento, entorpecido pelo suave acorde que *conduz ao novo* e ao *transformador*, a *música* produzida no país enfileirava pelas vitrines novos compositores que logo se acomodaram na *galeria dos bambas*. A produção de Vinicius de Moraes⁶³ apresentava-se como um referencial de *ruptura* ao alterar profundamente a *linguagem temática* abordada nos *sucessos de canções bossa-novistas de sua co-autoria*. O *deslocamento temático de suas letras*, no recorte temporal de 1959 a 1964, se propunha através do diálogo com o *contexto político – defesa ou mudança do estado vigente* – a problematizar e/ou conceituar as questões apresentadas pelos grupos sociais que, mesmo se dizendo democratas, pareciam dispostos a desdourar tal conceito.

Em *Eu sei que vou te amar*⁶⁴ a linguagem temática é direta, sensível, exacerbadamente romântica e grandiloqüente, *problematizando individualidades amorosas daquele sujeito* – “*Eu sei que vou te amar / por toda a minha vida eu vou te amar / a cada despedida, eu vou te amar / desesperadamente, eu sei que vou te amar [...]*”. Enquanto em *Berimbau*⁶⁵ a ruptura com a linguagem temática anterior é flagrante, pois sustenta-se de versos indiretos, metafóricos, realistas e ideologizados, *problematizando questões sociais e econômicas de sujeitos/coletivos* – “*Quem é homem de bem, não trai / o amor que lhe quer seu bem / [...] o dinheiro de quem não dá / é o trabalho de quem não tem / [...] capoeira me mandou / dizer que já chegou / chegou para lutar / berimbau me confirmou / vai ter briga de amor / tristeza, camará*”.

O que importa são as rupturas significativas – em que velhas correntes de pensamento são rompidas, velhas constelações deslocadas, e elementos novos e velhos são reagrupados ao redor de uma nova gama de premissas e temas. Mudanças em uma problemática transformam significativamente a natureza das questões propostas, as formas como são propostas e a maneira como podem ser adequadamente respondidas⁶⁶

⁶³ Vinicius de Moraes (1913-1980), diplomata, poeta, compositor musical bissexto, letrista, entre outros. - <http://www.viniciusdemoraes.com.br/site> (acessado em 10/11/2012)

⁶⁴ *Eu sei que vou te amar* (1959) samba-canção composto por Vinicius de Moraes e Antônio Carlos Jobim; (SEVERIANO, Jairo; MELLO, Zuza Homem de. *A canção no tempo – 85 anos de músicas brasileiras. vol. 2 – 1958-1985. 2ª ed.* São Paulo: Editora 34, 1999 (p. 29).

⁶⁵ *Berimbau* (1964) samba composto por Vinicius de Moraes e Baden Powell (SEVERIANO, Jairo; MELLO, Zuza Homem de. *A canção no tempo – 85 anos de músicas brasileiras. vol. 2 – 1958-1985. 2ª ed.* São Paulo: Editora 34, 1999 (p. 73).

⁶⁶ HALL, Stuart; SOVIK, Liv (org). *Da diáspora – identidades e mediações culturais. 1ª ed atualizada. 1ª reimpressão.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 123.

A história republicana brasileira – que naquele momento já percorrera mais de meia dúzia de décadas do século XX – mostrava-se envolvida no interior dos setores sócio-econômico-político, os quais eram identificados através das *práticas eleitorais fraudulentas* às *tradições agrárias ruralistas*, bem como do gritante *isolacionismo regional* daquele *federalismo em construção* aos *avanços dos meios de comunicação* envolvendo em progressão o *selo postal*; o *telégrafo*; o *rádio e a televisão* que, até mesmo para os mais pessimistas, denotava a agradável sensação que parecia pairar sobre todos: *progresso!* Experimentava-se a *auto-degustação* de um país dito *em desenvolvimento*.

Expressões cada vez mais popularizadas como: *o país é um grande canteiro de obras*, demonstrava com razoável possibilidade de acerto que o *êxodo rural* então vivenciado era a personalização mais palpável da chegada do chamado “progresso” outras tantas vezes anunciado com pompa por outros governantes. Indiferentes – uma considerável parcela da população, entusiastas daqueles *anos dourados* do final dos anos 50 – pareciam não querer acreditar ou visualizar a também edificação dos *custos da obra*, todavia, inevitavelmente haveria de chegar o momento para tentar fechar aquele *balanço de pagamento, creditando ou debitando os resultados àquela república*.

Mesmo assim, havia no ar uma agradável sensação de superação, de satisfação correspondida, afinal éramos ganhadores! Aquela maioria de brasileiros que aprendera a conviver com parcas e raras vitórias, parecia redimida de frustrantes derrotas recentes e, notoriamente ansiosa por novas conquistas que aplacassem de uma vez por todas aquele flagelo do *Maracanã de 1950*⁶⁷.

Naquele início de década, mais do que qualquer período passado, conseguia-se congregiar em um só corpo social, características definidoras de tradicionais sociedades desenvolvidas: *consistente crescimento urbano*; *fortalecimento da classe média*; *acelerado avanço do setor social e, conseqüentemente, do consumo*; *destacada instalação da indústria de bens duráveis através de empresas multinacionais*; *programas para o crescimento e*

⁶⁷ LANCELOTTI, Sílvio. *Almanaque da Copa do Mundo*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1998: Estádio do Maracanã, Rio de Janeiro, em 16/07/1950, 174.000 espectadores amargaram a derrota do selecionado brasileiro comandado por Flávio Costa que, com gol de Friaça aos 47 minutos, pôs-se à frente do marcador. Porém, os uruguaios Schiaffino (aos 66 minutos) e Ghiggia (aos 79 minutos) decretaram a vitória da ‘celeste olímpica’ (p. 56)

descentralização regionais; investimentos energéticos (hidroelétricas) e de transporte rodoviário; entre outros.

Para os brasileiros, nunca fora tão agradável a discussão do quase inquestionável tema: *futebol!* Por aqueles dias, do ano corrente de 1962, completaria o quarto ano do inédito e retumbante subjugar dos adversários nos longínquos campos da Suécia. Com isso, alcançavam-se quase quarenta e oito meses; quase mil, quatrocentos e sessenta dias e, para a alegria do agora “povo ganhador”, dezenas de milhares de minutos e, sei lá, infinitos segundos. Isso porque no dia 30 de maio de 1962, em Viña Del Mar, no Chile, o selecionado brasileiro de futebol iniciaria a, quem sabe, venturosa jornada para a conquista do bi-campeonato mundial de futebol⁶⁸.

Mais do que nunca, agia-se com tamanha desenvoltura e confiança que, parecia superado o verdadeiro *choque de realidade* imposto aos brasileiros por *Nelson Rodrigues*⁶⁹ quando, na crônica:

COMPLEXO DE VIRA-LATAS

Hoje vou fazer do escrete o meu numeroso personagem da semana. Os jogadores já partiram e **o Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética**. Nas esquinas, nos botecos, por toda parte, há quem esbraveje: - "O Brasil não vai nem se classificar!". E, aqui, eu pergunto: - **não será esta atitude negativa o disfarce de um otimismo inconfesso e envergonhado?**

Eis a verdade, amigos: - desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma **humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar**. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: menos a dor-de-cotovelo que nos ficou dos 2 x 1. E custa crer que um escore tão pequeno possa causar uma dor tão grande. O tempo em vão sobre a derrota. Dirse-ia que foi ontem, e não há oito anos, que, aos berros, Obdulio arrancou, de nós, o título. Eu disse "arrancou" como poderia dizer: - "extraíu" de nós o título como se fosse um dente. (grifos nossos)

⁶⁸ LANCELOTTI, Sílvio. *Almanaque da Copa do Mundo*. L&PM Editores, Porto Alegre, 1998: Resumo da Copa de 1962 – Chile – resultados do Brasil/bicampeão: jogos: 6 / vitórias: 5 / empate: 1 / derrota: 0 / gols pró: 14 / gols contra: 5 / pontos: 11. (p. 99)

⁶⁹ Nelson Falcão Rodrigues (1912-1980) Autor. Ao longo de sua trajetória artística, Nelson Rodrigues é alvo de uma polêmica que o faz conhecer tanto o sucesso absoluto, como em *Vestido de Noiva*, 1943, cuja encenação por Ziembinski marca o surgimento do teatro moderno no Brasil, quanto a total execração, como em *Anjo Negro*, 1948, ousada montagem para a época pelo Teatro Popular de Arte. Distante de qualquer modismo, tendência ou movimento, cria um estilo próprio e é hoje considerado um dos maiores dramaturgos brasileiros. - <http://www.itaucultural.org.br/> (acessado em 10/11/2012).

Com uma linguagem objetiva, direta e contundente, a crônica rodriguiana personaliza com requinte o sofrimento e dor – “*extrair de nós o título como se fosse um dente*” – que, os mais de 150 mil torcedores brasileiros passaram ao constatarem a vitória do Uruguai sobre o Brasil no Campeonato Mundial de Futebol, em pleno Estádio do Maracanã - RJ, em 1950.

E, hoje, se negamos o escrete de 58, não tenhamos dúvidas: - é ainda a frustração de 50 que funciona. Gostaríamos talvez de acreditar na seleção. Mas o que nos trava é o seguinte: - o pânico de uma nova e irremediável desilusão. E guardamos, para nós mesmos, qualquer esperança. Só imagino uma coisa: - **se o Brasil vence na Suécia, e volta campeão do mundo! Ah, a fé que escondemos, a fé que negamos, rebentaria todas as comportas e 60 milhões de brasileiros iam acabar no hospício.**

Mas vejamos: - o escrete brasileiro tem, realmente, possibilidades concretas? Eu poderia responder, simplesmente, "não". **Mas eis a verdade: - eu acredito no brasileiro, e pior do que isso: - sou de um patriotismo inatual e agressivo,** digno de um granadeiro bigodudo. Tenho visto jogadores de outros países, inclusive os ex-fabulosos húngaros, que apanharam, aqui, do aspirante-enxertado Flamengo. Pois bem: - não vi ninguém que se comparasse aos nossos. Fala-se num Puskas. Eu contra-argumento com um Ademir, um Didi, um Leônidas, um Jair, um Zizinho.

A pura, a santa verdade é a seguinte: - qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. (grifos nossos)

Com um indisfarçável sabor *agridoce* na boca, a lhe impor indigestas lembranças e, ao mesmo tempo, agradáveis expectativas para a nova disputa futebolística que se avizinhava; essa crônica parecia ter o poder de dimensionar a extensão do “*pânico*” e “*desilusão*” ou, em contrapartida, a “*fantasia, de improvisação, de invenção*” que estaria por vir, diante das futuras apresentações do selecionado em *campos da Suécia*.

Em suma: - temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de "complexo de vira-latas". Estou a imaginar o espanto do leitor: - "O que vem a ser isso?". Eu explico.

Por "complexo de vira-latas" entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos "os maiores" é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: - e

perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: - porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos.

Eu vos digo: - o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. **É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas** e que tem futebol para dar e vender, lá na Suécia. Uma vez que se convença disso, ponham-no para correr em campo e ele precisará de dez para segurar, como o chinês da anedota. Insisto: - **para o escrete, ser ou não ser vira-latas, eis a questão.**⁷⁰ (grifos nossos)

Comentar tal crônica é colocar-se diante da conclusão que, insofismavelmente, Nelson Rodrigues duvidava do potencial do país para suplantar positivamente situações limites e levado por um realismo embaraçador sugeriu eventual semelhança entre o *comportamento do brasileiro* ao do *cão vira-latas* diante da *necessidade de superar grandes dificuldades* que lhe são impostas no dia a dia.

Afora as diversas novidades produzidas pelo *setor social* que especialmente transitavam do *crescimento urbano ao aumento da oferta de novas vagas de emprego*; ou aquelas do *setor cultural das representações musicais bossa-novistas* ao sucesso internacional do *Cinema Novo*; do incontestável crescimento do *teatro alternativo* – originalmente de formação universitária – que, qualificado pelo surgimento de novos atores e autores e, principalmente, pela abordagem social realista de oposição refletida em boa parte do público espectador; também as do *setor esportivo* através de inéditos títulos conquistados pelo *futebol*⁷¹, *basquete*⁷², e em especial as vitórias do *tênis feminino* em Wimbledon⁷³.

Sabe-se que aquele clima de vitórias do início da década de 60, endossaria expectativas alvissareiras para o *setor político-administrativo* a ser entregue ao novo presidente eleito: *Jânio da Silva Quadros* que chegara

⁷⁰ (Texto editado na revista *Manchete* esportiva, a 31 de maio de 1958, e republicado em *À sombra das chuteiras imortais - crônicas de futebol* (organização de Ruy Castro para a Cia. das Letras, São Paulo, 1993). Trata-se da última crônica antes da estréia do Brasil na Copa de 1958, que, como se sabe, foi a primeira vencida pela Seleção brasileira. Nelson mantinha, nesta publicação, uma coluna chamada "Personagem da semana", o que explica o começo do texto.) - <http://www.ufrgs.br/cdrom/rodrigues03/rodrigues3.pdf> (acessado em 12/10/2012)

⁷¹ Bi-campeão mundial de futebol em 1958 (Suécia) e 1962 (Chile).

⁷² Bi-campeão mundial de basquete Masculino em 1959 (Chile) e 1963 (Brasil) <http://globoesporte.globo.com/> e http://www.solbrilhando.com.br/Espportes/Basquete/No_Brasil/ - (acessados em 10/11/2012)

⁷³ MARIA ESTHER BUENO: considerada a primeira mulher não americana a vencer o torneio de Wimbledon. Foi classificada como número 1 do mundo em 1959, 1960, 1964 e 1966, período durante o qual ela ganhou o título simples de Wimbledon três vezes e os EUA National título quatro vezes - <http://www.mariabueno.org/> (acessado em 12/10/2012)

legitimamente ao poder sustentado por quase seis milhões de votos – números inéditos e superlativos para o currículo de qualquer político da época, bem como na história republicana do país.

1.2. – De fenômeno político às forças terríveis.

A eleição para a escolha do novo comando do Executivo federal, realizada em outubro de 1960, apresentava-se à nação como um jacto portentoso de rivalidade partidária sucessivamente alimentada nos pleitos anteriores – 1945, 1950 e 1955 – quando a coligação PSD + PTB lograva-se vitoriosa impondo desconfortáveis derrotas aos udenistas, seus implacáveis opositores. Diante de um cenário internacional de evidente contraponto de

culturas políticas (capitalistas *versus* comunistas) – apontando perigosamente para a possibilidade da deflagração de um conflito generalizado – a conjuntura nacional, por sua vez, reverberava com grande semelhança àquele quadro carente de solidez e estabilidade.

A primeira página do periódico *Última Hora* (23/09/1960) – jornal apoiador da campanha do Mal. Henrique Teixeira Lott (PSD), candidato à presidência da República tendo João Goulart (PTB) na coligação como pleiteante à vice-presidência – atacava com veemência ações truculentas do governador do Rio de Janeiro Carlos Lacerda – um dos destacados líderes udenista, partido que apoiava Jânio Quadros à presidência – chamado de “novo Hitler”, quando determinava a ocupação militarizada de órgão do funcionalismo público simpático à candidatura da chapa PSD + PTB.

**EIS O GOVERNO QUE
AMEAÇA A CIDADE!**



PRIMEIROS RESULTADOS DAS ELEIÇÕES EM TODO O PAÍS: LOTT - 3.976; ADHEMAR - 3.691; JÂNIO - 3.134

Dispersão do Voto Popular: Única Ameaça à Vitória da Democracia

POVO FLUMINENSE DEU LIÇÃO DE CIVISMO NA BATALHA DAS URNAS

JK: Democracia já funciona no Brasil



JK em companhia de outros dirigentes da UDR, no momento da abertura da urna na noite de domingo de 15 de outubro de 1964, em São Paulo. A foto foi tirada por um jornalista da imprensa internacional. JK está ao lado de um dos membros da UDR, o senhor João de Deus. À esquerda, o senhor João de Deus. À direita, o senhor João de Deus.



ABSOLUTA CALMA NO ESTADO DO RIO

Em todo o Estado do Rio de Janeiro, a noite de domingo de 15 de outubro de 1964, foi marcada por uma absoluta calma e ordem. Os eleitores compareceram às urnas em massa, demonstrando o seu interesse e participação no processo eleitoral. A segurança foi mantida em todo o Estado, e não houve qualquer incidente que pudesse comprometer a lisura das eleições.

Primeira Urna no Maracanã

Na noite de domingo de 15 de outubro de 1964, a primeira urna foi aberta no Maracanã, em São Paulo. O momento foi marcado por uma grande presença de jornalistas e fotógrafos, que registraram o evento com muita atenção. JK, acompanhado de outros membros da UDR, participou da abertura da urna, demonstrando a transparência do processo eleitoral.



Última Hora

ADHEMAR CONTRA LOTT: FRAUDE EM SÃO PAULO!



A grande notícia é a retirada de Adhemar de Barros da disputa por São Paulo. O governador do Rio de Janeiro, Adhemar de Barros, anunciou oficialmente a sua desistência da candidatura a governador de São Paulo. A decisão foi tomada após uma longa e difícil campanha, durante a qual Adhemar enfrentou diversas acusações de fraude e manipulação. A sua saída do cenário eleitoral abre caminho para a vitória de Juscelino Kubitschek e a consolidação da democracia no Brasil.

Zero Hora
LOTT E JÂNIO NA FRENTE

ENTUSIASMO POPULAR ACOMPANHOU CANDIDATOS AS URNAS



JK em campanha eleitoral, em São Paulo, em 1964. A foto mostra JK em um momento de interação com o povo, demonstrando o seu compromisso com a democracia e o desenvolvimento do Brasil.



Uma multidão de eleitores aguardando a abertura das urnas em São Paulo, em 15 de outubro de 1964. A foto demonstra o grande interesse e participação popular no processo eleitoral.



Uma multidão de eleitores aguardando a abertura das urnas em São Paulo, em 15 de outubro de 1964. A foto demonstra o grande interesse e participação popular no processo eleitoral.

NOVO MÍNIMO: EXCEPCIONALIDADE VAI SER DECIDIDA AMANHÃ

SHOLY FALA DO BRASIL!

Sholy fala do Brasil! O momento é histórico e emocionante. O povo brasileiro está unido e determinado a construir um futuro melhor para o nosso país. A vitória de Juscelino Kubitschek e a consolidação da democracia são o resultado do esforço conjunto de todos os brasileiros. Vamos seguir em frente, com coragem e determinação, para superar todos os desafios e alcançar o desenvolvimento e a prosperidade para todos.

**ADHEMAR CONTRA LOTT:
FRAUDE EM SÃO PAULO!**

Outra manchete acompanhada de imagem fotográfica que não parece oferecer dúvida sobre o clima eleitoral de enfrentamento e duras críticas partidárias, ajuda a compor a *primeira página* do *Última Hora* (04/10/1960). Referindo-se diretamente ao candidato à presidência Adhemar de Barros (PSP) que, segundo aquele jornal, utilizava-se das páginas do periódico *O Dia*, de forma inverídica e apócrifa apregoava a/o “renúncia/abandono” do candidato Lott à disputa presidencial às vésperas do pleito, visando obter vantagens eleitorais – a eventual desistência de Lott poderia suscitar a transferência de votos para Barros – que, afinal, também concorria ao cargo e sua disputa com Lott (PSD + PTB) era das mais acirrada.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL



Por outro lado, impondo uma imagem voltada unicamente para o *caráter informativo* que cabe à imprensa, a *Folha de S. Paulo* (02/10/1960), às vésperas da votação, apresentava ao leitor/eleitor uma seqüência de fotografias com a objetiva pretensão de identificar os candidatos à presidência e vice-presidência, através da manchete: **“Chamados às urnas amanhã em todo o país mais de 15 milhões e meio de brasileiros”**.

No rodapé da página, cumprindo o caráter de prestadora de serviços, que também cabe à imprensa, o jornal estampava chamamento com viés próximo aos pertencentes ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE): **“O Brasil conta com você. Não deixe de votar!”**

O BRASIL CONTA COM VOCÊ. NÃO DEIXE DE VOTAR!

Desta forma, a identificação através da *visualidade jornalística* de alguns dos muitos *sujeitos pertencentes à conjuntura político-cultural* do início da década de 60, daquele cenário brasileiro, enquadrava o historiador no contexto das muitas produções artísticas – neste caso, especialmente o *fotojornalismo* – redimensionando a amplitude que estes *novos documentos/fontes* podiam oferecer⁷⁴, transformando *aquele presente vivido* em acontecimento “congelado pelo registro fotográfico”:

⁷⁴ SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens – ensaios sobre a cultura visual na Idade Média*. 1ª ed. Bauru: EDUSC, 2007. “Alargou o ‘território do historiador’ e o obrigou a refletir sobre objetos e valores, notadamente o valor estético, que não estava habituado a levar em conta. Conclamou de seu lado o historiador da arte a interrogar-se os conteúdos e o futuro de sua própria disciplina e, inversamente

As fotografias, em geral, sobrevivem após o desaparecimento físico do referente que as originou: são os elos documentais e afetivos que perpetuam a memória. A cena gravada na imagem não se repetirá jamais. O momento vivido, congelado pelo registro fotográfico, é irreversível.⁷⁵

Naquele momento – referindo-se especialmente ao período entre as décadas de 30 a 60 – o *cenário cultural* do país, particularmente aquele que envolvia a *produção musical*, mostrava-se merecedor de suas características mais tradicionais e destacadas: *diversificação de ritmos e criatividade inovadora*.

Desde a década de 30, a popularização e a profusão da comunicação através do *rádio*, contribuía imensamente para a divulgação de *variados ritmos* – *tango; valsa; bolero; samba; samba-canção; marchinhas; xote; xaxado; baião; bossa nova*; entre outros – bem como, uma quase imensurável *criatividade temática* na construção dos textos musicados que, decididamente, alimentavam a idolatria sobre seus criadores. De Francisco Alves a João Gilberto; de Noel Rosa a Luis Gonzaga ou, de Carmem Miranda a Emília Borba, produziam-se sempre mais do mesmo cobiçado chavão: *rei ou rainha do rádio!*

Afora os meses dedicados ao período carnavalesco com a picardia de suas marchinhas e de algumas composições esporádicas de cunho sócio político, o gênero musical fundamentado na *sátira política* poderia ser classificado não só como *bissexto* ou, por vezes, iniciativa personalizada de algum “inconveniente menestrel”.

Na transição dos anos 50 para os 60 – especificamente na passagem de JK para JQ – o contexto político ofertava uma abundância de temas a serem explorados: *progresso; modernidade; recursos financeiros externos; “velhacap” (Rio de Janeiro); “novacap” (Brasília); personalismo; popularidade eleitoral; impopularidade eleitoral; o jogador da moda; a mulata sensação; a vedete do momento; animais exóticos “cacareco” que ganhava apelo popular*; entre outros. Talvez por isso, o sucesso da composição: *Presidente bossa-nova*⁷⁶.

talvez às novas exigências com as quais o historiador se defronta, sobre a dimensão social das obras de arte. O desejo e a necessidade de uma colaboração parecem, hoje em dia, admitidos”. (p. 25)

⁷⁵ KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 3ª ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2002, p. 139.

⁷⁶ Jurandyr Czaczkes, nome artístico Juca Chaves, nascido em 1938 no Rio de Janeiro, compositor, cantor e humorista. Entre suas composições mais conhecidas encontram-se *Caixinha, obrigado; A Cúmplice*;

Bossa nova mesmo é ser presidente / desta terra descoberta por Cabral / para tanto basta ser tão simplesmente / simpático, risonho, original / Depois desfrutar da maravilha / de ser o presidente do Brasil / voar da velhacap pra Brasília / ver alvorada e voar de volta ao Rio / voar, voar, voar, voar / voar, voar pra bem distante / até Versalhes onde duas mineirinhas valsinhas / dançam como debutantes, interessante! / mandar parente a jato pro dentista / almoçar com tenista campeão / também poder ser um bom artista exclusivista / tomando com Dilermando umas aulinhas de violão / isto é como se aprova / é ser um presidente bossa nova / bossa nova, muito nova / nova mesmo, ultra nova!⁷⁷

A *música popular* amalgamada a *popularização do rádio* – veículo de comunicação quase obrigatório nos lares do país desde as décadas de 30 e 40 – ganhava importante espaço a partir da década de 50 na recém inaugurada *televisão* e, não muito raro, o horário nobre ocupava sua programação com musicais que contribuíram para a consagração dos seus diversos estilos que proliferaram ao longo dos anos 60⁷⁸.

Com efeito, retornando a abordagem desta dissertação ao contexto político e interpenetrando-se na historicidade da época – na qual a *redemocratização* finalizada em 1946 com a promulgação da 4ª Constituição Republicana que projetava eleições presidenciais, para aquele mesmo ano, com duração de cinco anos para cada mandato – iniciava-se ali uma seqüência de vitórias nas urnas da coligação PSD + PTB (Partido Social Democrata + Partido Trabalhista Brasileiro) tendo como “cabeças de chapa” daquelas conquistas: Eurico Gaspar Dutra (1946); Getúlio Dornelles Vargas (1951); e, Juscelino Kubistchek de Oliveira (1956).

Sucessivamente derrotada em todos aqueles pleitos, a UDN (União Democrática Nacional) – representante do segmento *conservador* que incorporava desde setores da referida *burguesia nacional* até setores do

Menina; Presidente Bossa Nova. - <http://www.dicionariompb.com.br/juca-chaves/biografia> (acessado em 12/10/2012)

⁷⁷ Juca Chaves – *Presidente Bossa Nova*. 78 RPM Chantecler, 1957. -

<http://www.dicionariompb.com.br/juca-chaves/discografia> (acessado em 12/10/2012)

⁷⁸ SEVERIANO, Jairo; MELLO, Zuzá Homem de. *A canção no tempo – 85 anos de músicas brasileiras – vol. II – 1958-1985*. 2ª. ed. São Paulo: Editora 34, 1999. “Sucessos de 1960: *Me dá um dinheiro aí* (marchinha) de Homero Ferreira, Glauco Ferreira e Ivan Ferreira; *Súplica Cearense* (baião-toada) de Gordurinha; *Corcovado* (bossa nova) de Antonio Carlos Jobim. Sucessos de 1961: *Índio quer apito* (marchinha) de Haroldo Lobo e Milton de Oliveira; *Tenho ciúme de tudo* (bolero) de Valdir Rocha; *Boato* (samba) de João Roberto Kelly; *Fica comigo essa noite* (samba-canção) de Adelino Moreira e Nelson Gonçalves; *O barquinho* (bossa nova) de Roberto Menescal e Ronaldo Bôscoli. (ps. 37, 43, 47, 48, 49, 50 e 51)

militarismo – alicerçada na sua representatividade institucional e financeira, obstinadamente clamava pela chance de vitória e posterior instalação no poder. Para além das regras constitucionais, os udenistas – por vezes – escancaravam um perfil político pouco afeito ao convívio democrático e, de forma truculenta, postavam-se a *arquitetar/praticar* tentativas *golpistas* como: *no conturbado período pós-suicídio de Vargas (1954); nos primeiros meses do governo do vice João Café Filho (1955); na tentativa de impedir a posse de Juscelino Kubistchek (1955-1956); quarteladas militares (1956-1959);* entre outras; atitudes pouco usuais para seguidores de regras constitucionais, contudo, impavidamente reprisada por aquele grupo político.

Diante deste cenário político, a retumbante vitória de Jânio da Silva Quadros (PDC – Partido Democrata Cristão), partido político de pequeno porte que, lograva êxito eleitoral notadamente apoiado no prestígio pessoal do candidato e, principalmente, com o decisivo apoio da UDN (União Democrática Nacional) – partido financeiramente melhor estruturado e organizado do país – bem como com a complementar participação de outros partidos menores que transformavam aquela coligação em vitoriosa na eleição de 1960:

Eleição para presidente do Brasil em 1960		
Candidato	Votos	Porcentagem
Jânio Quadros (UDN/PR/PL/PDC/PTN)	5.636.623	48,27%
Henrique Teixeira Lott (PSD/PTB/PST/PSB/PRT)	3.846.825	32,93%
Adhemar de Barros (PSP)	2.195.709	19,56%
Votos nominais		11.679.157
Votos brancos		433.391
Votos nulos		473.806
Votos apurados		12.586.354
Fonte:www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores – acessado em 24/11/2012		

Com posse prevista para 31 de janeiro de 1961, tal interregno foi aguardado com um misto de *euforia e expectativa*, pois aquela vitória transformava-se na primeira e efetiva forma dos udenistas chegarem ao comando do país em administração que seria sustentada pela marca da improbabilidade. Afinal, aguardava-se uma difícil coexistência entre os udenistas e o personalismo de Jânio. Os meses subseqüentes daquele ano, não subestimaram em nenhum momento a incompatibilidade política ali existente e, o que se assistiu em pouco menos de seis meses, foi o anunciado

rompimento de relações. Perguntava-se: *onde acomodar os milhares de vassouras que simbolizavam a coligação vitoriosa?*

De estilo *falastrão*, *auto-suficiente*, *moralizador* e com indubitável apoio popular, o *janismo* rapidamente extrapolava as cercanias do estado de São Paulo – Jânio já exercera os cargos de vereador, deputado, prefeito e governador de paulistanos e paulistas – e, com seu símbolo de combate à corrupção: *a vassoura*, *projetava-se* nacionalmente com o indisfarçável perfil de “*salvador da pátria*”.

Para o jornalista Mário Magalhães⁷⁹, ao oferecer a percepção que Carlos Mariguella⁸⁰ teve de Jânio Quadros ao longo de sua trajetória política e, particularmente, durante o processo eleitoral de 1960, quando afirmou:

Mariguella caminhava pelo centro paulistano em 1960, ao lado do responsável pelo setor militar do PCB, Almir Neves. Deram com Jânio e o observaram em campanha. O ex-governador entrou num bar, virou a cachaça e apalpou os bolsos. Não encontrou um único tostão e, para gáudio dos pinguços no local pediu socorro para pagar: ‘é que o candidato de vocês está sem dinheiro’. Mariguella reconheceu o talento na encenação e lamentou: ‘o homem está eleito’.⁸¹

Ainda, para o jornalista citado, ao passar a sua impressão sobre Jânio Quadros, complementa:

Com os cabelos oleosos em desalinho e a caspa derramada sobre os ombros, o vereador avesso a gravata, ascendeu como deputado, prefeito e governador. Apoiava as reivindicações dos trabalhadores e malhava a corrupção – seu símbolo era a vassoura com que varreria a roubalheira. Sentado à calçada com operários e se lambuzando ao mastigar a mortadela, parecia um cidadão comum, na impressão do dirigente sindical comunista Geraldo Rodrigues dos Santos. Bom de copo, Geraldão compartilhara a caninha com Jânio. ‘Bebe como gente grande’, reparou. Era o começo da trajetória de Jânio Quadros, que não demorou a distanciar dos comunistas. Em outubro de 1960, ele

⁷⁹ MAGALHÃES, Mário. *Mariguella – o guerrilheiro que incendiou o mundo*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

⁸⁰ Carlos Mariguella – 1911-1969 – considerado um efetivo militante do comunismo no Brasil ao longo do século XX, juntamente com outros ícones como Luis Carlos Prestes e Carlos Lamarca. Foi líder e criador da ALN (Ação Libertadora Nacional) grupo armado opositor à ditadura militar dos anos 60 e, por ela, foi executado.

⁸¹ MAGALHÃES, Mário. *Mariguella – o guerrilheiro que incendiou o mundo*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 251.

disputou a presidência pelo Partido Democrata Cristão com o suporte da UDN.⁸²

Emblemático e revelador, o discurso proferido por Jânio Quadros – recém empossado – através do noticioso radiofônico oficial: *A voz do Brasil*, em 31 de janeiro de 1961, declinava com indistigável clareza o *espírito de enfrentamento entre a administração juscelinista que se esvaia e o janismo que naquele momento se instalava para comandar o país*. Mesmo com negativas de práticas revanchistas, a fala de Quadros evidenciava o contrário:

Candidato, não revidei. Presidente, não tenho compaixões a comprazer nem adversários a alcançar. Derrogarei, até o extremo limite das minhas forças, a contrafacção do sistema político-administrativo que infelicitou a Pátria em alternâncias de ações irresponsáveis e de omissões inseqüentes. No combate a essa adulteração, a essa corrupção, que infecciona e debilita o regime, não darei quartel [...] A vassoura que o povo me confiou nas assembléias, trago-a comigo para os serviços empreitados. Usá-la-ei em consonância com o que prometi e com o que me reclamam, mas em caráter da mais estrita impessoalidade (A Voz do Brasil – 31/01/1961)⁸³

Poder-se-ia afirmar que o comportamento político do presidente empossado, declaradamente pairava entre a *constatação e a reação* diante do indesejável momento de *encarar/saldar* os débitos herdados da administração passada. Afinal, todos deveriam estar conscientes que inevitavelmente haveria de chegar o momento que os *novos créditos* que ajudaram a sustentar o “*desenvolvimentismo*” dos anos JK, se transformariam em *novos débitos com juros e prazos* para serem honrados.

Ainda, utilizando seu discurso pela *A voz do Brasil*, Jânio explicitava números de sua herança financeira:

É terrível a situação financeira do país. De lado a centenas de milhões, nos últimos cinco anos o meio circulante passou de 57 bilhões para 206 bilhões de cruzeiros. Faltam-me as cifras do aluvião de papel moeda relativas ao primeiro mês deste ano, não me causaria

⁸² MAGALHÃES, Mário. *Mariguella – o guerrilheiro que incendiou o mundo*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 252.

⁸³ PINHEIRO, Luiz Adolfo. *Jânio, Jango & Cia*. 1ª ed. Brasília: Editora Eco, 1988, p. 9.

estranheza que a tabela complementar denunciasse fluxo ainda mais incontinente. Desdenhadas as centenas de milhares, ao estrangeiro devemos 3 bilhões e 802 milhões de dólares, o que marca, só a este título e naquele período, a elevação de 1 bilhão e 435 milhões de dólares sobre o passivo anterior. E a situação é tanto mais séria quando se sabe que, somente durante meu governo, deverei saldar compromissos em moeda estrangeira no total de cerca de 2 bilhões de dólares. E só no corrente exercício, de 600 milhões de dólares (A Voz do Brasil – 31/01/1961)⁸⁴

Cabe aqui lembrar que a condução política das *relações internacionais*, envolvendo o Brasil e os demais países caracterizava-se por conturbada inconstância, indefinição e desalinhamento diante do cenário evidentemente *bipolarizado (capitalismo versus comunismo)* instalado e consolidado no decorrer dos anos pós-1945, quando norte-americanos e soviéticos se auto declaravam *potências hegemônicas* e se ameaçavam belicamente na busca desta comprovação. Oficialmente, desde o final dos anos 40, ainda durante o governo Eurico Gaspar Dutra, a política externa brasileira retroalimentava-se próxima à *cultura política* de Washington.

Desta forma, concomitantemente ao avanço temporal dos meses de 1961 sob a condução presidencial de Jânio, consolidavam-se exemplos de que aquela administração cortejava indistintamente aos dois blocos, transparecendo um evidente desejo de firmar-se alojado ao *pequeno espaço reservado aos países que preferiam a neutralidade* diante daquele embate:

Atravessamos horas das mais conturbadas que a humanidade já conheceu. O colonialismo agoniza, envergonhado de si mesmo, incapaz de solver os dramas e as contradições que engendrou. Ao Brasil cabe estender as mãos a esse mundo jovem, compreendendo-lhes os excessos ou desvios ocasionais, que decorrem da secular contenção de aspirações enobrecedoras. Abrimos nossos braços a todos os países do continente. Abrimo-los, também às velhas coletividades européias e asiáticas, sem prevenções político-filosóficas. Os nossos portos agasalharão todos os que conosco queiram comerciar. Somos uma comunhão sem rancores ou temores. (A Voz do Brasil, 31/01/1961)⁸⁵

Passados onze anos dos acontecimentos que surpreenderam o cenário político nacional, com a constatação da inesperada suspensão do seu

⁸⁴ PINHEIRO, Luiz Adolfo. *Jânio, Jango & Cia*. 1ª ed. Brasília: Editora Eco, 1988, ps. 9 e 10.

⁸⁵ Discurso de posse de Jânio Quadros *apud* PINHEIRO, Luiz Adolfo. *Jânio, Jango & Cia*. 1ª ed. Brasília: Editora Eco, 1988, p. 21.

mandato, Jânio Quadros publicava *Os dois mundos das três Américas*⁸⁶, obra que ele classificava como uma *resenha política*, na qual se propunha a inventariar o surgimento dos EUA como potência e suas inter-relações com os demais países do continente. Desde a aplicação da *Doutrina Monroe* (pós-1823); passando pela criação da *Organização dos Estados Americanos – OEA* (1889-1890); pelo *Big Stick* (pós-1898); pela *Política da Boa Vizinhança* (pós-1940); pela *Aliança para o Progresso* (pós-1960); foram alguns dos principais temas abordados por Jânio naquela obra, na qual se obtém diversos exemplos da importância que se atribuía à participação norte-americana no resto do continente, bem como da permanente necessidade dos países latinos – entre os quais se incluía o Brasil – de, muitas vezes, submeter-se as interferências geradas em Washington:

A integração dos Estados Unidos, a criação de um centro de consumo de proporções impressionantes, a abundância de capitais, a agressividade de sua indústria, a espantosa produção agrícola, a alta produtividade nacional, o vigor e a atualização de sua tecnologia e de sua ciência possibilitaram também sua penetração, rápida, cômoda e segura nas repúblicas latino-americanas de estrutura econômica primária. Sua hegemonia é indiscutível; indiscutível é sua influência. Se se analisarem os quadros do comércio mundial do rio Bravo para baixo, e o dos investimentos, verificar-se-á a inteira dependência em que todos se encontram em relação àquele vizinho, quase onipotente e, em muitos casos, onipotente.⁸⁷

Todavia, enquanto Presidente da República do Brasil, naqueles meses de 1961, Jânio agia com desenvoltura descompromissada tanto para os norte-americanos, como para os soviéticos, buscando referendar de forma ampla o *ecletismo* da sua política de *relações internacionais* no qual destacaria a *neutralidade*, embora o período fosse notadamente marcado pela *rigidez dos alinhamentos de culturas políticas*.

A administração janista inovava uma vez mais, logo no amanhecer, eram sete horas da manhã do sábado, 19 de agosto de 1961, com considerável simpatia e cordialidade recebia e condecorava no Palácio do Planalto Ernesto Che Guevara⁸⁸, então ministro das Indústrias e do Comércio de Cuba, um dos

⁸⁶ QUADROS, Jânio. *Os dois mundos das três Américas*. 1ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1972.

⁸⁷ QUADROS, Jânio. *Os dois mundos das três Américas*. 1ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1972, p. 144.

⁸⁸ PINHEIRO, Luiz Adolfo. *Jânio, Jango & Cia*. 1ª ed. Brasília: Editora Eco, 1988: “Sábado, 19 de agosto de 1961. Às sete horas da manhã, pontualmente, o ministro das Indústrias e do Comércio da República de Cuba, Ernesto Che Guevara, chega ao Palácio do Planalto em carro oficial do governo brasileiro,

ícones da Revolução naquela ilha transformada comunista e declaradamente adversária do governo do presidente Kennedy⁸⁹:

“Ministro Guevara: V. Excelência manifestou, em várias oportunidades, o desejo de estreitar relações econômicas e culturais com o governo e o povo brasileiros. Esse é também o nosso propósito e foi a deliberação que assumimos em nossos contatos com o governo e o povo cubanos. E, para manifestar a V. Excelência, ao governo e ao povo cubanos, o nosso apreço e o nosso respeito entrego a V. Excelência esta alta condecoração do Governo e do povo brasileiros.”⁹⁰

procedente do Brasília Palace Hotel, onde passara a noite com sua comitiva. [...] às 7h20m, no antigo Salão Verde do Palácio do Planalto, local de solenidades, realiza-se uma cerimônia que leva surpresa ao homenageado e a todo o mundo. Com pompa, Jânio Quadros condecora o ministro cubano com a mais alta comenda brasileira, a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul.” (p. 29)

⁸⁹ John Fitzgerald Kennedy (1917-1963), 35º Presidente dos Estados Unidos com mandato no período de 20 de janeiro de 1961 a 22 de novembro de 1963. (<http://educacao.uol.com.br/biografias/john-f-kennedy.jhtm> - acessado em 01/12/2012)

⁹⁰ PINHEIRO, Luiz Adolfo. *Jânio, Jango & Cia*. 1ª ed. Brasília: Editora Eco, 1988, p. 29.

A oposição lusa pede o restabelecimento das liberdades democraticas

Assuntos Diversos
4 Adm. Pública
5 Política
6 Economia e Finanças
7 Conjuntos

1ª FOLHA DE S. PAULO
Um jornal a serviço do Brasil
ANO XXXVI São Paulo - Terça-feira, 7 de fevereiro de 1961 Nº 11.072

PREVISÃO DO TEMPO
(Por favor, não confundir com o boletim de previsão de tempo da ANPUH, que é publicado em separado.)

NESTA EDIÇÃO
Em alto mar, o bordo do Santa Maria...

Elevação do capital da CAMT

O café como estímulo da inflação

Falta de vagas nas escolas primárias

Pré-história já tem novidades

Notas Esportivas

BOSSA OPINIO

PREMI MOJICA EM ESTADO GRAVE

JQ DESFECHARÁ OFENSIVA: O BRASIL NA VANGUARDA DO BLOCO NEUTRALISTA



BRASILIA, 6 (FSP) — O presidente João Goulart deverá desfechar, a partir de meados do ano, uma ofensiva visando colocar o Brasil na vanguarda do chamado bloco neutralista. Os chefes dos governos da Índia, Iugoslávia, República Árabe Unida e mais dois líderes africanos, (a serem excluídos entre os da Indonésia, Gana, Tânie e Etiópia) serão convidados a visitar Brasília e partir de junho. Os círculos oficiais têm como certa a vinda do mal. Tito, do gen. Nasser e do espanito Nasser. Quanto aos dois últimos a serem convidados, sobre a possibilidade de o presidente Sukarno e que o imperador Selassie já manifestou desejos de renunciar ao Brasil e cancelar a visita interrompida pela revolução em seu país. Não está afetada, entretanto, a hipótese de serem mais de 5 visitantes.

INSPIRADO PELO PROGRAMA LUCAS LOPES O NOVO PLANO DE ESTABILIZAÇÃO MONETARIA

BRASILIA, 6 (FSP) — Embora seja ainda impossível afirmar-se se o novo plano de estabilização monetária será inspirado pelo programa de Lucas Lopes, o fato é que o novo plano de estabilização monetária apresenta características semelhantes ao plano de Lucas Lopes. O novo plano de estabilização monetária prevê a criação de uma comissão de estabilização monetária, a ser presidida pelo presidente da República, com o objetivo de estudar e propor medidas para a estabilização da moeda nacional. O plano também prevê a criação de um fundo de estabilização monetária, a ser financiado pelo Tesouro Nacional, com o objetivo de garantir a liquidez necessária para a execução das medidas propostas.

100.000º veiculo Willys

Em comemoração ao 100.000º veículo Willys produzido no Brasil, a Willys-Overland anunciou que o veículo número 100.000 foi produzido em São Paulo, no dia 22 de fevereiro de 1961. O veículo é um modelo Willys-Overland, produzido em São Paulo, no dia 22 de fevereiro de 1961. O veículo é um modelo Willys-Overland, produzido em São Paulo, no dia 22 de fevereiro de 1961.

Mariani anuncia a posição oficial sobre a política cafeeira

BRASILIA, 6 (FSP) — O ministro da Fazenda, Antonio Mariani, anunciou oficialmente a posição do governo sobre a política cafeeira. Mariani afirmou que o governo não pretende alterar a política atual de controle de exportações de café, mas que está aberto a negociações com os produtores para melhorar a situação econômica do setor. Mariani também afirmou que o governo não pretende alterar a política atual de controle de exportações de café, mas que está aberto a negociações com os produtores para melhorar a situação econômica do setor.

Dia 17 a reunião do Ministério

BRASILIA, 6 (FSP) — O ministro da Fazenda, Antonio Mariani, anunciou que a reunião do Conselho Monetário Nacional será realizada no dia 17 de fevereiro de 1961. A reunião terá como pauta principal a discussão do novo plano de estabilização monetária. Mariani também afirmou que o governo não pretende alterar a política atual de controle de exportações de café, mas que está aberto a negociações com os produtores para melhorar a situação econômica do setor.

Grande roubo de diamantes em Londres

LONDRES, 6 (FSP) — Uma quantidade de diamantes avaliada em 10 milhões de libras foi roubada de um armazém em Londres, no dia 5 de fevereiro de 1961. O roubo ocorreu no armazém de diamantes de um dos maiores negociantes de diamantes do mundo. Os ladrões são considerados especialistas em roubo de diamantes. O roubo ocorreu no armazém de diamantes de um dos maiores negociantes de diamantes do mundo.

Será reiniciado dia 20 o leilão de dolares

BRASILIA, 6 (FSP) — O leilão de dólares para a compra de títulos do Tesouro Nacional será reiniciado no dia 20 de fevereiro de 1961. O leilão será realizado no Banco do Brasil, em São Paulo. O leilão será realizado no Banco do Brasil, em São Paulo.

Paulista o presidente do IBC

BRASILIA, 6 (FSP) — O presidente do Instituto Brasileiro de Comércio Exterior (IBC) foi eleito o paulista João de Deus. O presidente do IBC foi eleito o paulista João de Deus. O presidente do IBC foi eleito o paulista João de Deus.

Janio: "Cuidadoso exame e rigorosos critérios para o problema da importação sem cobertura cambial"

BRASILIA, 6 (FSP) — O presidente João Goulart revelou hoje em uma reunião do Conselho Monetário Nacional que o governo está realizando um "cuidadoso exame e rigorosos critérios" para o problema da importação sem cobertura cambial. Goulart afirmou que o governo não pretende alterar a política atual de controle de exportações de café, mas que está aberto a negociações com os produtores para melhorar a situação econômica do setor.

Aqui será julgado Eichmann

BRASILIA, 6 (FSP) — O presidente João Goulart anunciou que o julgamento de Adolf Eichmann será realizado no Brasil. Goulart afirmou que o Brasil não pretende alterar a política atual de controle de exportações de café, mas que está aberto a negociações com os produtores para melhorar a situação econômica do setor.

JANIO REAGE A INJURIAS AO GOVERNO

BRASILIA, 6 (FSP) — O presidente João Goulart reagiu hoje às injúrias ao governo feitas por Janio Quadros. Goulart afirmou que o governo não pretende alterar a política atual de controle de exportações de café, mas que está aberto a negociações com os produtores para melhorar a situação econômica do setor.

Equipa de Mariani no sexto-feira

BRASILIA, 6 (FSP) — O ministro da Fazenda, Antonio Mariani, anunciou que a equipe de trabalho para a elaboração do novo plano de estabilização monetária será formada no dia 6 de fevereiro de 1961. A equipe será formada por especialistas em economia e finanças.

Seleção de litopos

BRASILIA, 6 (FSP) — O presidente João Goulart anunciou que a seleção de litopos para o selo postal será realizada no dia 10 de fevereiro de 1961. A seleção será realizada no Banco do Brasil, em São Paulo.

KUBITSCHKEK EM GENEBRA

GENEVA, 6 (FSP) — O ministro da Fazenda, Antonio Mariani, anunciou que o ministro da Economia, Kubitschek, viajou para Genebra, na Suíça, no dia 5 de fevereiro de 1961. Kubitschek viajou para Genebra, na Suíça, no dia 5 de fevereiro de 1961.

Com a mão na cabeça

WASHINGTON, 6 (FSP) — O presidente John F. Kennedy anunciou que o Brasil não pretende alterar a política atual de controle de exportações de café, mas que está aberto a negociações com os produtores para melhorar a situação econômica do setor.



Com a mão na cabeça. Janio Quadros, presidente do Brasil, é visto aqui com outros membros do governo em uma reunião.





Com a mão na cabeça

Washington — O presidente John F. Kennedy, o primeiro-ministro britânico Harold Wilson e o primeiro-ministro francês Charles de Gaulle se reuniram em uma reunião trilateral em 1961, no Palácio da Paz em Genebra, Suíça.

Uma reunião trilateral entre o presidente John F. Kennedy, o primeiro-ministro britânico Harold Wilson e o primeiro-ministro francês Charles de Gaulle em 1961, no Palácio da Paz em Genebra, Suíça.

Enquanto, oficialmente a *política externa brasileira* confirmava sua posição de *neutralidade* e movimentava as *peças de seu jogo* nesta direção – *Folha de S. Paulo* (07/02/1961), manchete principal: **JQ desfechará ofensiva: o Brasil na vanguarda do bloco neutralista** – a *prática e representação* que se constatava naquela primeira página observada através dos *recursos imagéticos*, demonstrava uma efetiva presença internacional do bloco capitalista produzindo veículos automotivos no país, confirmando que às vezes o discurso tinha um posicionamento, mas na prática era diferente: *Folha de S. Paulo* (07/02/1961), manchete: **100.000^o veículo Willys**.

Aquela mesma edição da *Folha de S. Paulo* (07/02/1961), também através do *fotojornalismo*, utilizava-se de um flagrante para captar – no *intrincado contexto da Guerra Fria* – um gesto público pouco usual de *grandes dirigentes/chefes de Estado*. A manchete: “**com a mão na cabeça**” cooptada pela lente da máquina fotográfica, produzia uma imagem que poderia ser associada a diferentes conclusões, pois para além da “mão na cabeça” a cena revelaria também uma: “dor de cabeça”.

Compondo um dos segmentos do enfrentamento por *fortalecimento hegemônico* envolvendo norte-americanos e soviéticos, as *primeiras páginas*

da *Folha de S. Paulo* (05/02/1961) e do *Última Hora* (17/02/1961), através de *fontes visuais*, contribuíam identificando *outros sujeitos* presentes no *tabuleiro de força e dominação* que na forma de *propaganda estatal*, visavam a concretude de suas respectivas *representações* entre os países já alinhados ou, entre aqueles – caso brasileiro – que *titubeantes* pregavam *neutralidade*.

Assuntos Diversos - I

Suplemento	4	Magistério	7
Jurídico	5	Administração	9
Economia	6	Tribunais	10
Medicina	8	Notas	11

1ª FOLHA DE S. PAULO

Um jornal a serviço do Brasil



PREVISÃO DO TEMPO
Previsão pelo Instituto Nacional de Meteorologia e Hidrografia do Brasil para o Estado de São Paulo:
Vento: forte, com rajadas de 40 a 60 km/h.
Temperatura: máxima, 22°C; mínima, 15°C.

ANO XXXVII • São Paulo - Domingo, 2 de fevereiro de 1961 • Nº 12.291

A URSS LANÇA O MAIOR SATELITE ARTIFICIAL (6 TONELADAS E MEIA)



LONDRES, 4 (UPI) — A União Soviética lançou ao espaço sideral um satélite de seis toneladas e meia, maior do que qualquer outro lançado até agora por qualquer país.

O anúncio da Agência Tass, transmitido pelo Rádio Moscou, dizia que o «Sputnik» foi lançado mediante um foguete melhorado de várias etapas. O «Sputnik» pesa 6.483 quilos, sem contar o peso da última etapa do foguete portador.

O lançamento, segundo a Tass, foi uma demonstração de força e passo de grande importância para o desenvolvimento da ciência espacial da União Soviética.

O satélite do espaço pesa 6 toneladas e meia, maior do que qualquer outro lançado até agora por qualquer país.

NESTA EDIÇÃO

Mercado alemão de café

Do café da manhã ao jantar, o mercado alemão de café está em expansão. O consumo per capita anual é de 100 quilos, o maior da Europa Ocidental.

Cidade Universitária

As obras de construção da Universidade de Brasília estão avançando rapidamente. Já foram concluídas as obras de infraestrutura e o início das aulas está previsto para setembro.

Disputa cambial em torno do sebo e sabão

Os produtores de sebo e sabão estão disputando ferozmente o mercado internacional. A disputa é especialmente acirrada em relação ao sebo, produto essencial para a indústria de sabão.

Superprodução de açúcar na Europa

A Europa está produzindo muito mais açúcar do que o mercado mundial consegue absorver. Isso tem causado uma queda nos preços e preocupação com o futuro da indústria açucareira.

Notas Esportivas

Os atletas brasileiros estão se preparando para os próximos jogos internacionais. Há expectativa de uma boa performance em relação ao futebol e ao basquete.

ROSSA OPINÃO

Opiniões e comentários sobre os acontecimentos da atualidade. Uma seção que oferece uma visão crítica e independente dos fatos.

Aprovada a Carta Magna do Espaço

MOSCU, 4 (UPI) — A União Soviética aprovou uma carta magna do espaço, que estabelece as regras para o uso pacífico do espaço sideral.

Tormentas de neve causam 49 mortes nos EUA

NOVA YORK, 4 (UPI) — Uma tempestade de neve causou a morte de 49 pessoas nos Estados Unidos, segundo o Serviço Meteorológico Nacional.

EXONERADA A COCICON

BRASÍLIA, 4 (UPI) — O Sr. João Quadros foi exonerado do cargo de diretor-geral da Comissão de Inquérito da Câmara de Vereadores de São Paulo.

Bezerro "buldogue"

Um bezerro chamado "buldogue" foi encontrado morto em um campo. O animal apresentava características físicas semelhantes às de um bulldog.

Grupos armados atacam três prisões em Angola

LUANDA, 4 (UPI) — Um ataque armado realizado por grupos armados em Angola resultou na morte de três presos em três prisões diferentes.

O "OSSERVATORE" COMENTA A POSSE DE JANIO QUADROS

ROMA, 4 (UPI) — O jornal italiano "L'Espresso" comenta a posse de Janio Quadros como presidente da Câmara Municipal de São Paulo.

DC-3 TERIA CAIDO NA INDONÉSIA COM 26 PESSOAS

JAKARTA, 4 (UPI) — Um avião DC-3 da Garuda Indonésia caiu no oceano Índico com 26 pessoas a bordo, segundo autoridades locais.

Sem dolares os leilões de cambio da proxima semana

BRASÍLIA, 4 (UPI) — O Banco Central anunciou que não haverá leilões de câmbio com dólares para a próxima semana.

Pinnos para a ONU REFORÇA SUAS POSIÇÕES NO CONGO

LEOPOLDOVILLE, 4 (UPI) — O envio de pinnos para a ONU reforça suas posições no Congo, segundo fontes diplomáticas.

Proibição de rifas em todo o Brasil

BRASÍLIA, 4 (UPI) — O Sr. João Quadros decretou a proibição de rifas em todo o Brasil, visando a moralização da administração pública.

Montanha solterra causa 20 mortes

LAGOS, 4 (UPI) — Uma montanha solterra causou a morte de 20 pessoas em Lagos, Nigéria, durante um terremoto.

Agredido o padre cubano German Lence

HAVANA, 4 (UPI) — O padre cubano German Lence foi agredido por um grupo de pessoas em Havana, Cuba.

FALLECEU ALFONSO ARAUJO

NOVA YORK, 4 (UPI) — O Sr. Alfonso Araujo morreu em Nova York, Estados Unidos.



VITÓRIA DE BEN GURION CONTRA LAVON

TEL-AVIV, 4 (UPI) — Ben Gurion venceu a eleição para o cargo de primeiro-ministro da Israel, derrotando o líder da oposição, Golda Meir.

Os URSOS AMANHÃ e COTA EXTRA de açúcar de Tráfico

WASHINGTON, 4 (UPI) — O Sr. John Edgar Hoover anunciou que os URSOs serão usados para a distribuição de açúcar extra.

Mohamed V felicita JFO

LAGOS, 4 (UPI) — O Sr. Mohamed V, presidente da Argélia, felicita o Sr. João Figueiredo pela sua eleição para presidente do Brasil.

Galvão e comandados irão para o Rio; Recife volta à normalidade

RECIFE, 4 (De Nô Ferreira e Antonio Agostinho) — Galvão e seus comandados irão para o Rio de Janeiro, enquanto Recife volta à normalidade.

BRASÍLIA, 4 (UPI) — O Sr. João Quadros anunciou que Galvão e seus comandados irão para o Rio de Janeiro.



Planos para a paz no Leão

Os planos para a paz no Leão são os planos para a paz no Congo. O Brasil, através da ONU, está trabalhando para a paz no Congo. O Brasil, através da ONU, está trabalhando para a paz no Congo.

Proibição de rifas em todo o Brasil

A proibição de rifas em todo o Brasil é uma medida que visa a reduzir a arrecadação de recursos para o governo. A proibição de rifas em todo o Brasil é uma medida que visa a reduzir a arrecadação de recursos para o governo.

A ONU REFORÇA SUAS POSIÇÕES NO CONGO

A ONU reforça suas posições no Congo, buscando a paz e a estabilidade no país. A ONU reforça suas posições no Congo, buscando a paz e a estabilidade no país.

A ONU reforça suas posições no Congo, buscando a paz e a estabilidade no país. A ONU reforça suas posições no Congo, buscando a paz e a estabilidade no país.

Destacavam-se nestas *primeiras páginas a corrida espacial* ou *Guerra no Espaço* (*Folha de S. Paulo, 05/02/1961, manchete principal: A URSS lança o maior satélite artificial (6 toneladas e meia)*), bem como outro importante viés do embate de paradigmas identificado na proliferação de diversas *guerras periféricas regionalizadas, captadas e antenadas pelos blocos hegemônicos* que as alimentavam financeira e tecnologicamente, fomentando o estratégico e lucrativo mercado da *indústria bélica: Folha de S. Paulo (05/02/1961), manchete: Planos para a paz no Laos* e *Última Hora (17/02/1961) manchete: Terror no Congo:*

Os 45 anos que vão do lançamento das bombas atômicas até o fim da União Soviética não formam um período hegemônico único na história do mundo [...] Apesar disso, a história desse período foi reunida sob um padrão único pela situação internacional peculiar que o dominou até a queda da URSS: o constante confronto das duas superpotências que emergiram da Segunda Guerra Mundial na chamada 'Guerra Fria' [...] A URSS controlava uma parte do globo, ou sobre ela exercia predominante influência – a zona ocupada pelo Exército Vermelho e/ou outras Forças Armadas comunistas no término da guerra – e não tentava ampliá-la com o uso de força militar. Os EUA exerciam controle e predominância sobre o resto do mundo capitalista, além do hemisfério norte e oceanos, assumindo o que restava da velha hegemonia imperial das antigas potências coloniais. Em troca, não intervinha na zona aceita de hegemonia soviética.⁹¹

⁹¹ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos – O breve século XX – 1914-1991*. 2ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, ps. 223 e 224.



O chamado *universo da política* – mesmo com toda a pretensão exclusivista que a expressão procura cooptar – viu-se com a necessidade de abrir espaço para alojar um novo e inesperado acontecimento: *O Presidente da República eleito e recordista em votos, renunciou!*

Cabe aqui lembrar que ao longo de seu brevíssimo mandato – 31 de janeiro a 25 de agosto de 1961 – Jânio não deixava de exercitar o tom contestador e denunciador que adotou logo após a posse e, por várias vezes, apoiada em seus discursos, a imprensa enumerava as dificuldades administrativas herdadas do quinquênio JK que, na prática, transformaram-se decisivas para a instabilidade dos anos janistas.

Contudente, dramático, prolixo e teatral o chamado *homem da vassoura* não só identificava nas suas falas uma irremediável crise interna, como também a projetava como um obstáculo com múltiplos seguimentos que contribuía para acentuar diferenças e dificuldades entre classes sociais:

“Se me afigura a crise moral, administrativa e político-social em que mergulhamos. Vejo, por toda parte, escândalos de toda natureza. Vejo o favoritismo, o filhotismo, o compadrio sugando a seiva da Nação e obstando o caminho aos mais capazes. Na vida pública, mal se divisa a distinção entre o que é sagrado e o que é profano. Tudo se consente ao poderoso, nada se tolera ao sem fortuna.”⁹²

Embora a conjuntura nacional demonstrasse que as dificuldades vividas por Jânio na condução do país se agravavam na mesma proporção que aumentavam as pressões contrárias ao seu mandato: incluindo os *udenistas*, principais apoiadores durante a eleição, que insatisfeitos bandeavam gradualmente para a oposição a quem se somavam no plano parlamentar aos representantes da coligação PSD + PTB – apesar da presença do petebista João Goulart na vice-presidência; também se apresentavam detratores no plano institucional os *setores sociais organizados* – *sindicatos, entidades estudantis, segmentos religiosos*; e, também, parte da *população em geral*.

⁹² Jânio Quadros *apud* FERREIRA, Jorge. *João Goulart uma biografia*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 219..

A revelação da potencialidade destas forças contrárias ao governo dava-se, com alguma ironia, quando a *surpresa*⁹³ da *renúncia*⁹⁴ consumava-se ao longo do feriado militar do *Dia do Soldado* (25/08/1961):

"Fui vencido pela reação e assim deixo o governo. Nestes sete meses cumpro o meu dever. Tenho-o cumprido dia e noite, trabalhando infatigavelmente, sem prevenções, nem rancores. Mas baldaram-se os meus esforços para conduzir esta nação, pelo caminho de sua verdadeira libertação política e econômica, o único que possibilita o progresso efetivo e a justiça social, a que tem direito seu generoso povo. Desejei um Brasil para os brasileiros, afrontando nesse sonho a corrupção, a mentira e a covardia, que subordinam os interesses gerais aos apetites e às ambições de grupos ou indivíduos, inclusive do exterior. Sinto-me, porém, esmagado. Forças terríveis levantam-se contra mim e intrigam ou difamam, até com a desculpa da colaboração. Se permanecesse não manteria a confiança e a tranquilidade ora quebradas e indispensáveis ao exercício da minha autoridade. Creio, mesmo, que não manteria a própria paz pública. Encerro, assim, com o pensamento voltado para a nossa gente, para os estudantes e para os operários, para a grande família do país, esta página da minha vida e da vida nacional. A mim não falta a coragem da renúncia. Saio com um agradecimento e um apelo. O agradecimento é aos companheiros que, comigo, lutaram e me sustentaram dentro e fora do governo e, de forma especial, às Forças Armadas, cuja conduta exemplar, em todos os instantes, proclamo nesta oportunidade. O apelo é no sentido da ordem, do congraçamento, do respeito e da estima de cada um dos meus patrícios para cada um. Somente assim seremos dignos de nossa herança e da nossa predestinação cristã. Retorno agora a meu trabalho de advogado e professor. Trabalhem, todos. Há muitas

⁹³ FERREIRA, Jorge. *João Goulart uma biografia*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011: "A renúncia tomou o país de surpresa. Embora sem comprovações empíricas, as análises, quase unânimes, concordam que Jânio planejara um golpe de Estado. Sua atitude, imaginara ele, provocaria a reação popular e, principalmente, a militar. Retornando com o apoio do povo e dos generais, governaria sem o Congresso Nacional. O envio de João Goulart à China certamente fez parte de seus planos." (p. 227)

⁹⁴ TOLEDO, Caio Navarro de. *O governo Goulart e o golpe de 64*. 1ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982: "Quadros não formulou uma única razão convincente para explicar e justificar o seu teatral gesto. Se, naquele momento, a denúncia do golpe janista soava como uma mera especulação, hoje restam poucas dúvidas a esse respeito. A rigor, a renúncia constituía-se no primeiro ato de uma trama golpista. Julgava o demissionário que os ministros militares não apenas impediriam a posse de João Goulart, como também procurariam impor, juntamente com o massivo e sonoro 'clamor popular', o retorno do 'grande líder'. Na sua fantasia, Quadros voltaria, pois, nos 'braços do povo'. As ilusões do renunciante, contudo, logo se desvaneceram. Nem os ministros militares e, menos ainda, as massas populares tomaram qualquer iniciativa no sentido de reivindicar a volta de Quadros. Em várias partes do país, os setores populares e democráticos saíram às ruas para defender, isto sim, a posse de João Goulart, ameaçada por um arbitrário veto militar, plenamente respaldado pela UDN e demais setores conservadores.

formas de servir nossa pátria. Brasília, 25 de agosto de 1961. Jânio Quadros."⁹⁵

Entretanto, a motivação para os enfrentamentos ocorridos não defendiam eventual retorno triunfal de Jânio Quadros ao poder, mas à necessidade constitucional do vice João Goulart, vir ocupá-lo legalmente. O cenário assim descrito, no capítulo: *A legalidade traída: os dias sombrios de agosto e setembro*⁹⁶, dimensiona – a partir da ex-capital da República a cidade do Rio de Janeiro – as escaramuças de *golpe e/ou contragolpe* conduzido de ambas as partes, sob o signo da imposição forçada:

No Rio de Janeiro, diversos sindicatos – como os dos alfaiates, bancários, mestre arraes, marceneiros, gráficos, ferroviários, metalúrgicos e radiotelegrafistas – foram invadidos pela polícia, fechados e seus líderes presos. A diretoria do Sindicato dos Aeronautas, em conjunto com outros líderes de trabalhadores, conseguiu *habeas-corpus*, acautelando-se contra as prisões arbitrárias. Mesmo assim, e desconhecendo o documento judicial, foram presos os diretores dos sindicatos dos ferroviários, dos professores, dos foguistas da marinha mercante e dos metalúrgicos [...] ainda no dia 25 de agosto, grupos de policiais invadiram a rádio Guanabara e depredaram seus transmissores. Logo depois, com a leitura do manifesto do marechal Lott pela rádio Continental, a polícia passou a controlar e a censurar todas as emissoras da cidade. O chefe da polícia, sob as ordens de Lacerda, praticou, abertamente, a censura telefônica, telegráfica e radiotelegráfica no estado da Guanabara. À exceção dos sindicatos, a instituição que mais sofreu com a violência da polícia carioca foi a imprensa. A primeira vítima foi o Diário Carioca por se atrever a publicar o manifesto do marechal Lott. No dia 26, toda a edição foi recolhida pelos policiais. No dia seguinte, as forças de repressão invadiram e interditaram as oficinas de Última Hora e apreenderam as edições do Jornal do Brasil, Correio da Manhã, Diário da Noite e Gazeta da Noite. As redações de A Notícia também foram ocupadas. O único jornal livre da censura foi Tribuna da Imprensa, de propriedade do governador.⁹⁷

Entremostrando com rara felicidade e utilizando da fração da magnitude do segundo diante do *fato* e do seu *sujeito*, o *fotógrafo da notícia – fotojornalista* -, às vezes, pode transformar a quase automatização do contato de seu dedo no disparador da câmera, *em certeza manifesta impondo ao leitor*

⁹⁵ Carta Renúncia *apud* PINHEIRO, Luiz Adolfo. *Jânio, Jango & Cia*. 1ª ed. Brasília: Editora Eco, 1988, ps. 19 e 20.

⁹⁶ FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista – getulismo, PTB e cultura política popular – 1945-1964*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

⁹⁷ FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista – getulismo, PTB e cultura política popular – 1945-1964*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, ps. 298 e 299.

da imagem a ilusão daquilo que não resta dúvida: “as imagens fotográficas têm o apelo da evidência, que é, por si mesma, capaz de nos persuadir”⁹⁸.



*“Essa fotografia do Presidente **Jânio Quadros** com os pés enviesados foi feita em 1961, pelo fotógrafo **Erno Schneider**, do Jornal do Brasil, durante uma visita do ex-presidente Jânio Quadros à cidade de Uruguaiana para um encontro com o então presidente argentino Arturo Frondizi. “Enquanto o Jânio ia encontrar o Frondizi na ponte, no meio da ponte, eu resolvi ir a pé. Eu tava andando, acompanhando ele do lado. De repente, deu um tumulto. Um tumulto muito grande. O Jânio levou um susto e se virou. Na hora eu vi que ele tava todo estranho, todo torto. Eu senti que tinha uma foto diferente. Aí eu fiz o click. Foi*

⁹⁸ NEIVA Jr, Eduardo. *A imagem*. 2ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Editora Ática, 2006, p. 67.

um só também”, afirmou o fotógrafo em entrevista ao Fantástico em 2002. Só algum tempo depois Erno Schneider se deu conta de que tinha feito, na realidade, um retrato do momento político do país. “Estava aquela confusão. O Jânio não sabia se ia pra esquerda, se ia pra direita, ou se ficava no centro. Meses depois, ele renunciou”. A foto venceu o Prêmio Esso de Jornalismo de 1962.”⁹⁹

Afora, o inegável resultado fotográfico alcançado com o *instantâneo do ex-presidente brasileiro em Uruguiana-RS* e, o imensurável poder das diferentes mídias – cada qual com suas especificidades – de *informar/formatar* imagens; de *criar/consolidar* pautas de prioridades para diferentes situações na sociedade; de *introdutora/formadora de opinião*; de *analista/comentarista de indícios e seus sujeitos* ainda no *imediato do ocorrido*; entre outros, especialmente esta imagem em questão ao aplacar em um único negativo o inesperado posicionamento corporal e, ao mesmo tempo, a inesperada definição imagética do *político contorcionista*, tornava-se *portadora/conduutora* de síntese possível de *prática e representação do janismo*.

A particularidade da fotografia está em capturar aquilo que é tão imediato que quase escapa ao registro técnico. A imagem fotográfica produz uma representação pela qual se acredita que as linhas e formas fotográficas caracterizam-se por ter uma semelhança nativa com elas mesmas.¹⁰⁰

Conjuntamente encravado ao temor de um novo conflito armado entre potências mundiais, o ano de 1961 no qual se daria a foto aludida, integraria o período entre as décadas de 50 a 80 quando as relações internacionais – em sobressalto – exigiam dos chefes de Estado negociações diplomáticas, ao mesmo tempo *sensível e intransigente; contundente e negociável; com autoridade e sem autoritarismo*; enquadradas no cenário de *sintonia fina* imposto pela época.

O chamado “*Homem da Vassoura*” implementava no Brasil, durante sete meses daquele ano, um estilo de administração marcado por indefinições, contradições, personalismo e busca por neutralidade política que, por excesso de vertentes, caminhava para a ausência de vértice e, ironicamente, determinava um outro simbolismo para a sua principal marca política: *a vassoura seria um instrumento de “limpeza daquela realidade” ou “veículo para*

⁹⁹ Posted 28th August 2010 by Fernando Rabelo-Editor - Labels: fotógrafos brasileiros especial JB <http://imagesvisions.blogspot.com.br/2010/08/fotografia-de-janio-quadros-com-os-pes.html#/2010/08/fotografia-de-janio-quadros-com-os-pes.html> (acessado em 01/12/2012)

¹⁰⁰ NEIVA Jr, Eduardo. *A imagem*. 2ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Editora Ática, 2006, p.66.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

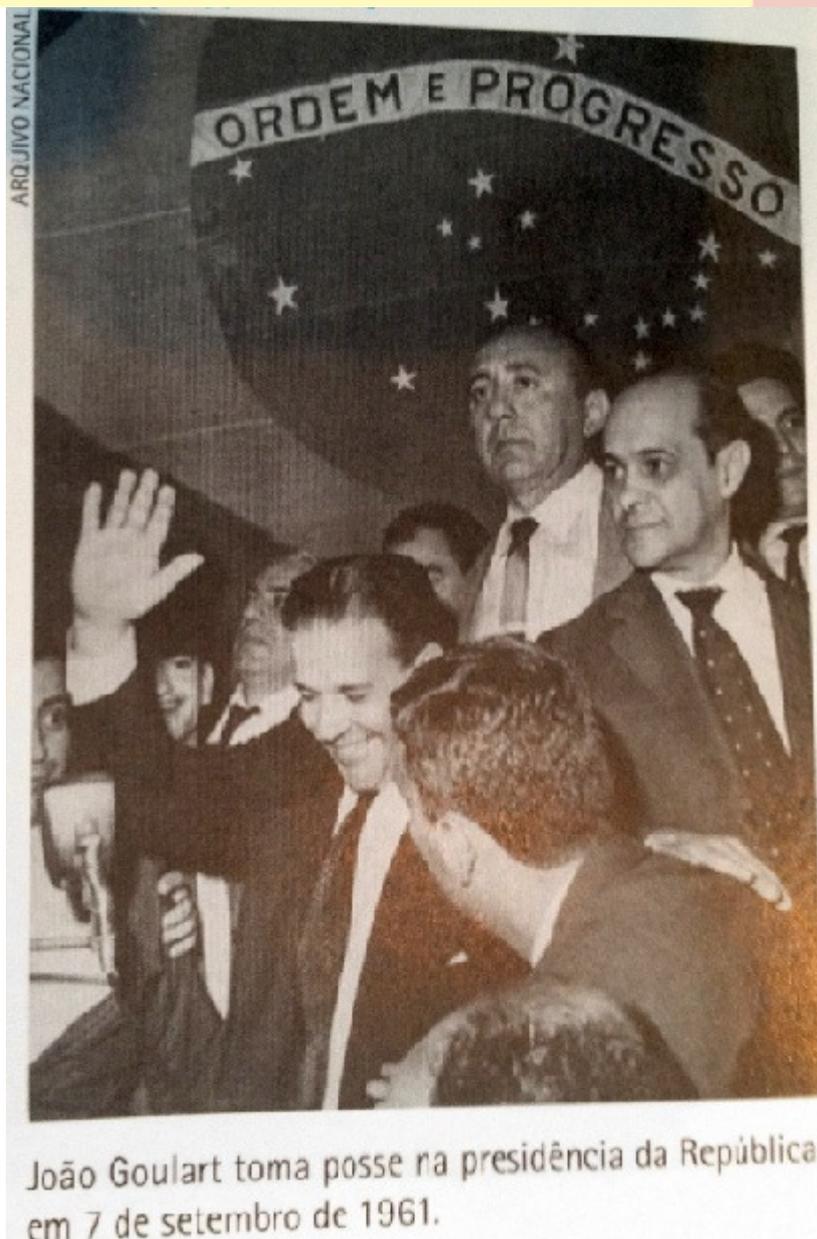
ausentar-se – programadamente – daquela realidade”? A imagem construída por Erno Schneider, ainda impacta a todos.

1.3. – Pobre denunciismo rico.



Era o mês de agosto, dia 25, naquele momento, envolvidos por um cenário repleto de variantes singulares até para os mais experimentados – o

Presidente renunciou; o vice-presidente – seu natural sucessor – momentaneamente em Pequim; feriado nacional – Dia do Soldado, 25 de agosto; a nação e o Congresso usufruindo da folga; contra o renunciante, suspeita de golpista; contra o empossante, suspeita de futuro golpista; ministros militares declarando-se acima da constitucionalidade vetam a posse do vice; Congresso dá posse ao Presidente da Câmara; polícia civil do Estado da Guanabara, armada investe contra populares desarmados apoiadores do vice-presidente; governador do Rio Grande do Sul distribui armas à populares apoiadores do vice-presidente; e, sob intenso estado de beligerância a conjuntura mundial temia a eclosão da hecatombe personificada no conflito dos paradigmas – assim, o Brasil preparava-se para encerrar aquele oitavo mês do ano de 1961.



A posse de João Goulart resguardava constitucionalmente a legalidade preservando a decisão popular sufragada no pleito eleitoral. Contudo, o país aproximava-se perigosamente do radicalismo de posturas políticas antagônicas sob o impacto do gesto da renúncia de Quadros que, num cenário de extrema intransigência, poderia até redundar em conflito armado. A solução pacífica encontrada para a superação do conflito eminente, apresentava-se muito mais como uma *solução de passagem* do que um vigoroso e consistente *pacto nacional* em nome do continuísmo democrático.

Em tal contexto criaram-se as imagens acima – algumas de uma numerosa produção sobre o período – as quais, mesmo promotoras de uma *variedade de evidências* e, muitas vezes, sem a pretensão de transformar-se em *fontes acadêmicas* são atualmente *revisitadas como resgates culturais imagéticos daquele lugar social*:

Naturalmente, como no caso de textos, qualquer um que queira usar imagens como evidência, necessita estar constantemente em guarda para o aspecto – muito obvio, ainda que algumas vezes esquecido – de que a maioria delas não foi produzida com este propósito. Algumas delas foram, como já vimos, mas a maioria foi feita para cumprir uma variedade de funções, religiosas, estéticas, políticas e assim por diante. Elas, freqüentemente, tiveram seu papel na ‘construção cultural’ da sociedade. Por todas estas razões, as imagens são testemunhas dos arranjos sociais passados e acima de tudo das maneiras de ver e pensar do passado.¹⁰¹

Agosto de 1961, a nova da velha *conjuntura golpista* da última década estava de volta.

Estupefato com a informação que dava conta da renúncia do presidente, a milhares de milhas distante do Planalto Central brasileiro, o vice-presidente e comitiva preparavam o retorno para o país. Qual seria o plano de vôo?

Para alguém que deveria ser empossado imediatamente no cargo de Presidente do Brasil, o trecho aéreo que João Belchior Marques Goulart deveria percorrer seria Pequim-Brasília, respeitando as naturais escalas para abastecimento de combustível que as aeronaves da época exigiam. Contudo, visando preservar sua *segurança pessoal e constitucional*, o trajeto da volta ao Brasil – respeitando os dados técnicos do vôo – foi sinuoso e programadamente retardado – passando pela Ásia, Europa, América do Norte e Uruguai na América do Sul – até se completar com a chegada a cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Em Brasília, os ministros militares do antigo governo, falavam novamente em *golpe*.

Aquele cenário repetia a *impressão de já ter sido visto – déjà vu* – dado que, ao longo da década de 50 aqueles mesmos personagens entabularam tentativas e/ou resistências às situações golpistas ali criadas.

Em uma atenta pesquisa aos principais *periódicos* do país – propagadores das historicidades daquele presente que pulsava

¹⁰¹ BURKE, Peter. *Testemunha ocular – história e imagem*. 1ª ed. Bauru: EDUSC, 2004, p. 234.

concomitantemente naquelas *páginas diárias* – constata-se que representantes da UDN – conservadores dos segmentos empresarial, militar, religioso e outros – haviam incorporado às suas insatisfações a *viabilização golpista como alternativa para resguardar e proteger o que eles entendiam como Pátria*.

Desde a década de 50, é possível projetar os desentendimentos diante das conturbadas semanas de enfrentamento, desordem, quebra-quebra, perseguições e de desobediência civil¹⁰² que se seguiram pelo país – particularmente, na então capital da República, a cidade do Rio de Janeiro. Um destacado exemplo daquele cenário dava-se com o anúncio da morte/suicídio de Getúlio Vargas, naquele 24 de agosto de 1954 que dado a magnitude da reação popular, inibiu a imediata possibilidade de golpe udenista na esteira da inesperada morte do político de São Borja:

Ainda bem cedo, por volta das oito horas, o tráfego em direção ao centro da cidade mostrava-se lento. As rádios, alterando a programação normal, alardeavam notícias da maior gravidade. Na praia do Flamengo, as pessoas abandonavam os carros, os taxis e os ônibus e procuravam, umas com as outras, confirmar o noticiário radiofônico, como se resistissem em acreditar nos locutores nervosos que falavam através dos painéis dos automóveis [...] A indignação, a amargura e a revolta popular que tomaram conta do país com o desaparecimento de Vargas, contudo, têm sido subestimadas diante das atitudes e decisões tomadas pelos grandes atores políticos que participaram da crise de agosto de 1954. Na escassa literatura sobre o tema, personagens como Getúlio Vargas, Carlos Lacerda, Rubens Vaz, Gregório Fortunato e instituições como a UDN, a Força Aérea e o Clube Militar teriam sido os protagonistas centrais dos acontecimentos, cujo desfecho terminaria com o suicídio do presidente. Os trabalhadores, os pobres e as pessoas comuns somente surgiriam em cena após o encerramento da crise, sem nenhuma capacidade de intervenção, e mesmo assim para conturbarem ainda mais aquele momento: tumultos, arruaças, perturbações, atitudes desesperadas e sem objetivos políticos definidos.¹⁰³

¹⁰² VIEIRA, Evaldo. *O que é desobediência civil*. 1ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984: “Aqui entre nós, falar de desobediência não soa bem nos ouvidos da maioria das pessoas. E sendo desobediência civil, mais parece que se está ocupando de assunto explosivo, prejudicial e até proibido [...] a desobediência civil representa a desobediência dos cidadãos em sua sociedade, diante de certas condições ou de diversas leis, em particular porque elas os ofendem, elas os agridem. São pessoas atuando como cidadãos, isto é, como indivíduos possuidores de direitos e de obrigações perante o Estado.” (ps. 7 e 8)

¹⁰³ FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista – getulismo, PTB e cultura política popular – 1945-1964*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, ps. 165, 166 e 167.

Sabe-se, meses depois, especificamente durante o intervalo entre o anúncio e a posterior posse do presidente eleito no pleito de 1955 – JK superava os candidatos Juarez Távora (UDN) e Plínio Salgado (PRP), em votação apertada – que, de outubro a janeiro, o cenário de denúncia, enfrentamento e ameaça de *novo golpe político* reaparecia com força na sociedade da época, trazido pelo protagonismo dos mesmos atores: *udenistas (novamente derrotados nas urnas) versus a coligação PSD+PTB que os suplantava*.

“Uma ampla campanha favorável ao rompimento institucional, abrindo caminho para uma ditadura, foi desencadeada por setores civis e militares direitistas, sobretudo identificados com o udenismo lacerdistas”¹⁰⁴, que lograva instalar-se no comando do país por algumas horas quando o Presidente em exercício João Café Filho pediu afastamento do cargo por razões da sua debilitada saúde, Carlos Luz – Presidente da Câmara dos Deputados – que, ao assumir, adotava um discurso político que teoricamente acompanhava a proposta golpista dos udenistas. Sua presença na presidência da República foi breve, pífia e decepcionante: apenas três dias:

A campanha golpista, embora vitoriosa por um breve momento, foi desarticulada por uma intervenção militar liderada pelo general Henrique Teixeira Lott que, por trinta e duas horas, impôs-se como a única autoridade de fato. Contragolpe ou golpe preventivo, o evento permitiu a aproximação do PTB com setores do Exército, definidos pelos trabalhistas como ‘nacionalistas’ e ‘legalistas’. Após 11 de novembro de 1955, a UDN deixou de ter monopólio político nos quartéis [...] do *Tamandaré*, Carlos Luz enviou mensagens para o almirante Amorim do Vale e para o brigadeiro Eduardo Gomes: que cessassem qualquer resistência. Encerrava-se, assim, a tentativa de rompimento constitucional com a vitória do grupo legalista do exército.¹⁰⁵

Assim, a reconstrução de uma conjuntura de suspensão forçada da via constitucional, em agosto de 1961 – simultânea e imediatamente atrelada ao auto-afastamento de Quadros – reverberava no país como o *novo do velho desejo de setores conservadores direitistas de tomar de assalto as instituições*, até então resguardadas pela *Carta Magna* promulgada em 1946.

¹⁰⁴ FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista – getulismo, PTB e cultura política popular – 1945-1964*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 217.

¹⁰⁵ FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista – getulismo, PTB e cultura política popular – 1945-1964*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, ps. 217 e 255.

Desta forma, avaliar uma vez mais o tema da viagem de retorno de Goulart para o Brasil pós-renúncia de Jânio, utilizando-se de rota aérea incomum, justifica-se pelo contexto interno de *sublevação civil e militar* e, pela segurança pessoal daquele que se tornaria o novo Presidente da República.

Leonel de Moura Brizola, então governador do estado do Rio Grande do Sul – também cunhado de João Goulart – interpenetra-se neste contexto destacando-se como mentor da construção de uma *frente nacional* que reivindicava o estrito cumprimento da Constituição – *Campanha da Legalidade* – que, ao mesmo tempo, transformava-o em *símbolo da resistência e detrator dos que pregavam a sublevação*. Acusado pelos opositores de criar e tentar implantar a *cultura socialista* no país – “*socialismo moreno*” – o então governador gaúcho, foi implacavelmente transformado em alvo preferencial das acusações dos udenistas.

O *legalismo* defendido a partir do sul do país alcançava consistência contando com apoio do Comando do III Exército – general Machado Lopes, depois de intermitente negociação¹⁰⁶; de instituições organizadas como a CGT, OAB, UNE, e outras; promovendo em Porto Alegre distribuição de armas para a população, que naquele momento mostrava-se inflamada e jubilosa:

“Avante brasileiros de pé.
Unidos pela liberdade.
Marchemos todos juntos de pé.
Com a bandeira que prega a igualdade.
Protesta contra o tirano.
Se recusa à traição.
Que um povo só é bem grande.
Se for livre como a nação.”
(Hino da legalidade.
Laura de Lemos/Paulo César Pereio)¹⁰⁷

¹⁰⁶ FERREIRA, Jorge. *João Goulart uma biografia*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011: “O general Machado Lopes, acompanhado de todos os generais do III Exército, chegou à praça em um jipe. A multidão, calculada em 100 mil pessoas, gritava compassadamente ‘Brizola’, ‘legalidade’, ‘resistência’. Saindo do jipe, os militares caminharam para o Piratini, mas agora ouvindo insultos e ofensas proferidos pela população. Um profundo silêncio se seguiu. Mas bastou uma única pessoa começar a cantar o primeiro verso do Hino Nacional para toda a multidão, em uma mesma voz, acompanhá-la. Neste momento, o general Machado Lopes interrompeu sua caminhada nas escadas do Piratini e, emocionado e trêmulo, ao lado de seus oficiais, também cantou, junto com o povo. A atitude do general havia sido entendida por aqueles milhares de pessoas. [...] Esperava-se que o comandante, obedecendo ao ministro da Guerra, comunicasse ao governador sua deposição. [...] Porém, contrariando todas as expectativas, Machado Lopes rompeu com Denys e, entendendo-se com o governador gaúcho, concordou que a ordem legal deveria ser preservada, garantindo-se a posse de Goulart.” (ps. 238 e 239)

¹⁰⁷ FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista – getulismo, PTB e cultura política popular – 1945-1964*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 279.

Comunicando-se com o resto do Brasil através da recém organizada *Cadeia Radiofônica da Legalidade*, sob a liderança da Rádio Guaíba de Porto Alegre, cerca de 150 emissoras pelo país e nos países vizinhos da região do Prata, constituíram o segmento de brasileiros que prometiam ir às últimas conseqüências em nome da posse do vice-presidente.

Com efeito, deve se ressaltar que o crescente fortalecimento da *urbanização* entre os brasileiros – fenômeno social que experimentava contínua ascensão entre as décadas de 20 a 40 e, decididamente, consolidava-se no início dos anos 60, produto entre outros da *industrialização em marcha* do sul-sudeste, pós anos JK – projetava um permanente e ativo segmento social sob/sobre influência de movimentos organizados, sindicatos, partidos, culturas políticas que reverberavam no cotidiano das grandes metrópoles através de consistentes manifestações populares – apoiando ou se opondo – as diferentes administrações governamentais. Foram anos em que os *verbos enfrentar ou sucumbir*, eram constantemente conjugados.

Tudo se passava sob implacável fazer fluir dos diferentes meios de comunicação – informando ou formatando – aquela conjuntura repleta de incompatibilidade; de oposição de culturas políticas; de acirramento entre os interesses de classe, rotineiramente abordados por aquelas mídias. Observe-se o clima existente pós renúncia de Jânio:

Lembrando que, na noite anterior, o ministro da Guerra declarara no 'Repórter Esso' que a posse ou o impedimento de Goulart na presidência da República significava a escolha entre o comunismo e a democracia, Brizola qualificou a declaração do general como 'pueril': "Não nos encontramos neste dilema. Que vão essas ou aquela doutrinas para onde quiserem. [...] Nada temos com os russos. Mas nada temos também com os americanos, que espoliam e mantêm nossa Pátria na pobreza, no analfabetismo e na miséria".¹⁰⁸

"Num tempo e num contexto gráfico em que fotógrafo e jornalista se *equivaliam*"¹⁰⁹, aquela transição entre os anos 50 e 60, coexistiu com o prestígio editorial e a influência política exercida pelas *revistas semanais ilustradas* – destaque para *O Cruzeiro* e *Manchete* – que, diante da consistente

¹⁰⁸ FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista – getulismo, PTB e cultura política popular – 1945-1964*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 282.

¹⁰⁹ BLOCH, Arnaldo. *Os irmãos Karamabloch. Ascensão e queda de um império familiar*. 4ª reimpressão. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 204.

popularidade reafirmada nos índices de vendagem e, quase sempre transmutada em *formadora de opinião*, tais publicações amalgamavam-se aos diferentes acontecimentos daquele *lugar social* sugerindo – direta ou indiretamente – a necessidade de *implantar um diálogo com autoridades estabelecidas*; com as *regras*, os *costumes*, o *modismo* e *comportamento*; reverberando os eventos sensacionalistas e os grandes feitos nacionais produzidos com um quase perfeito equilíbrio palatável entre a *linguagem textual e a visual*.

Um dos grandes assuntos do início da década, foi a inauguração de Brasília, em abril de 1960, logo transformado em tema obrigatório para aquelas publicações:

A obra de Juscelino seria, dali em diante, uma pauta permanente [...] o primeiro passo foi a edição especial de 500 mil exemplares. O gaúcho Justino Martins, então diretor de *Manchete*, avesso a tanto entusiasmo, no qual via um interesse além do jornalismo, foi cético, achou que era revista demais. Em dois dias, estava tudo esgotado [...] foi para entregar a edição especial ao presidente, com um agradecimento: sabia que, a partir daquele momento, *Manchete* se tornaria uma revista verdadeiramente nacional. E foi assim: com a euforia de Brasília, as tiragens se multiplicaram a ponto de, enfim, fazer frente ao *Cruzeiro* nas bancas e se firmar como o futuro do gênero semanal ilustrado.¹¹⁰

Outro importante segmento da comunicação, consolidado como veículo ainda nas décadas de 30 e 40, o *Rádio* adentraria aos próximos decênios – pós anos 50, acompanhado da embrionária instalação da *Televisão* – como o mais *contundente e popularizado meio de penetração e integração nacional através das ondas radiofônicas*. Observe-se o exemplo do programa *Curiosidades Musicais* do radialista Almirante:

Algumas semanas depois, o programa tratou dos cantos de trabalho, também baseado na contribuição dos ouvintes. E não deixava de pedir:

- Lembre-se de que este programa é transmitido no Norte, no Centro e no Sul e é o melhor veículo para que as 'curiosidades musicais' de cada estado venham a ser conhecidas em todo o Brasil. Mandem-me, portanto, tudo que houver de interessante por aí, desde cantigas de roda até cantigas de cego que pedem esmolas, desde a música dos

¹¹⁰ BLOCH, Arnaldo. *Os irmãos Karamabloch. Ascensão e queda de um império familiar*. 4ª reimpressão. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, ps. 200 e 202.

benditos até as toadas dos cantadores populares. Alô Delmiro Freire, prefeito de Rio Branco, Pernambuco: muito obrigado pelos quatro cânticos de aboio que me mandou.

Choviam as contribuições, enriquecendo o programa e, naturalmente, o arquivo de Almirante.¹¹¹

Atrela-se à longevidade do sucesso do Rádio naqueles anos o pioneirismo e a criatividade de produtores e apresentadores; ao admirável poder de oferta de entretenimento; a convivência com uma extraordinária geração de músicos, compositores e intérpretes; a prontidão e a rapidez da exposição da informação; entre outras.

Todavia, o impreterível salvo-conduto financeiro para sustentar a amplitude do funcionamento da atividade radiofônica e os eventuais ganhos que viessem projetar a obtenção de lucro para os envolvidos somente foi vislumbrado com a crescente aceitação dos *anúncios de propaganda*, os quais dotados de uma produção com tecnicismo primário, mas profundamente constituído por *peças – na época chamada de reclame – calcadas no humor e na perspicácia do coloquial*, incrivelmente referendada e aplaudida pelo público¹¹².

Tal modelo tornava-se ainda mais opulento e consagrado durante o crescimento urbano das décadas de 50 e 60, concomitantemente acoplado ao *avanço da classe média* e da *sociedade de consumo* que ali se projetavam:

Gemada em pó Kibon – ‘rica em cálcio, fósforo, ferro e vitaminas. Cada copo da gemada em pó Kibon contém 200 gramas de leite, 2 gemas de ovos e 240 calorias. A gemada Kibon é o único alimento concentrado à venda no Brasil que dispensa adicionar leite... porque já vem com leite’.

Alpargatas 7 vidas – ‘o calçado de lona e sola de borracha de durabilidade extraordinária, grande flexibilidade e belíssima apresentação’.

¹¹¹ CABRAL, Sérgio. *No tempo de Almirante. Uma história do Rádio e da MPB*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1990, p. 178.

¹¹² CABRAL, Sérgio. *No tempo de Almirante. Uma história do Rádio e da MPB*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1990: “*Só a publicidade do ‘Programa Casé’ constituiria um capítulo importante na história do Rádio. Eram necessários, de fato, muitos redatores, porque os textos mudavam a cada programa. ‘Sente-se mal? Pois compre uma cadeira de balanço da Casa Nova Aurora e sente-se bem’ [...] ‘No dia em que fores minha, juro por Deus, coração. Te daria uma cozinha que eu vi ali no O Dragão’ [...] ‘Morros do Pinto e Favela, são musas do violão. Louça, cristal e panela, só se compra no O Dragão’*” p. 98.

Cashmere Bouquet – ‘pó de arroz, talco e água de colônia. O aristocrata dos produtos de qualidade. Não deixe faltar em seu toucador.’¹¹³

Outro meio de comunicação de insofismável apreciação na sociedade, a *música popular*, ainda no início daquela década, na qual *Vinícius de Moraes - declinante diplomata e ascendente poeta e compositor* - iniciava com Carlinhos Lyra¹¹⁴, uma nova e fértil parceria que, entre outras criações, geraria o musical: *Pobre menina rica*, no ano de 1961.

Repleto de belas melodias e com vários *temas românticos*: “*aroma de beleza perfumando a natureza numa forma de mulher*” (Você e eu); *temas feministas*: “*homem acaba de chegar / ta com fome / a mulher tem que olhar / pelo homem / e é deitada, em pé / mulher tem é que trabalhar*” (Maria Moita); *a questão migratória*: “*eu peguei e juntei um restinho de coisa que eu tinha / duas calça velha, uma violinha / e num pau-de-arara toquei para cá.*” (Pau-de-arara)¹¹⁵; e, acima de tudo, com *propostas temáticas* suficientemente independentes para descolar-se conscientemente daquela euforia coletiva “desenvolvimentista” ao propor a permanência do *embate social*, característico da cidade do Rio de Janeiro, envolvendo a dicotomia: *morro e o asfalto*. Tal situação conflitante foi descrita pelo poeta através do colóquio amoroso entre a *menina rica* e o *menino pobre*:

É a alma do poeta. Capaz de colocar na boca da pobre menina rica palavras ainda mais simples em respostas àquelas que ouvira sobre o amor: “*Não há amor sozinho / é juntinho que ele fica bom / eu queria dar-lhe todo o meu carinho / eu queria ter felicidade.*”¹¹⁶

Contudo, naquele 1961, a cena que arrebatou multidões não surgiu do brilhantismo interpretativo de um ator profissional e, tampouco, pertenceu a um

¹¹³ SANTOS Joaquim Ferreira dos. *Feliz 1958 – o ano que não devia acabar*. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1997, ps. 50, 51 e 54.

¹¹⁴ PECCI, João Carlos. *Vinícius sem ponto final*. 2ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1994: “*Quando Vinícius recebeu Carlos Lyra em seu apartamento, no Parque Guinle, em 1961, deve ter notado naquele jovem afoito por letras de música, apesar do topete à James Dean, um ar de rapaz bem-comportado. E se o poeta se detivesse com mais atenção, perceberia também no rapaz uma certa timidez arraigada na rígida educação dos jesuítas. Que, afinal, ele mesmo, Vinicius, recebera nos mesmos bancos do colégio Santo Ignácio, onde os alunos eram entupidos de Deus até o pescoço. Em contrapartida, havia a possibilidade de se cantar no coro, uma forma de soltar a voz pelo menos.*” (p. 297).

¹¹⁵ http://www.viniciusdemoraes.com.br/site/rubrique.php3?id_rubrique=9 (acessado em 03/01/2013)

¹¹⁶ PECCI, João Carlos. *Vinícius sem ponto final*. 2ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1994, p. 303.

texto ficcional em exibição num espetáculo cultural. Um realismo Kafkaniano¹¹⁷ pareceu exigir pertencimento às frases que compuseram a *carta renúncia de Jânio*. Uma estranha *regra de 4 – renúncia, resistência, denúncia, revela –* aflorou como protagonista naquela ribalta.

Renunciante, o presidente Quadros, abarcou com sua surpreendente decisão um sério e desconfortável desalinho nas estruturas institucionais, políticas e populares do país. Embora sob forte pressão e vigilância internacional em função da postura de *neutralidade* diante do cenário marcado pela chamada *Guerra Fria* e do *isolamento político interno*, gerador da gradual perda de apoio no Congresso – particularmente dos udenistas –, a extremada opção pela renúncia pairava no ar sustentada pela estupefação da improbabilidade.

As conseqüências para o país foram desastrosas. Como bem define Cláudio Bojunga, 'ao desacreditar o sistema político, ao cultivar artificialmente o impasse, ao condenar como inviáveis as instituições e a Constituição de 1946, Jânio dera importante contribuição à desestabilização política do país e ao descarrilamento final do sistema partidário e eleitoral que até então funcionava relativamente bem'. Afonso Arinos foi sarcástico: 'Jânio foi a UDN de porre'.¹¹⁸

Resistindo, o general Henrique Teixeira Lott – naquele momento já não ocupando patentes da ativa na hierarquia militar, porém reconhecido e respeitado na conjuntura política – mais uma vez adotava com insofismável clareza sua postura em defesa da *legalidade constitucional* como já o fizera quando interveio para oferecer garantias à posse de JK. Premido por udenistas e militares conservadores que não aceitavam a derrota do seu candidato à presidência – general Juarez Távora – Lott emitiu *manifesto à Nação* momentos depois dos acontecimentos de 25 de agosto de 1961:

¹¹⁷ “Franz Kafka (1883-1924), escritor tcheco de língua alemã [...] fez parte, junto com outros escritores da época, da chamada Escola de Praga. Esse movimento era basicamente uma maneira de criação artística alicerçada em uma grande atração pelo realismo, uma inclinação à metafísica e uma síntese entre uma racional lucidez e um forte traço irônico. Além do realismo, seu estilo é marcado pela crueza e pelo detalhamento com que escreve situações incomuns [...] em seus livros, é constante o confronto entre os personagens e o poder das instituições, demonstrando a impotência e a fragilidade do ser humano.” - http://pensador.uol.com.br/autor/franz_kafka/biografia (acessado em 04/01/2013)

¹¹⁸ FERREIRA, Jorge. *João Goulart uma biografia*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 228.

‘Conclamo todas as forças vivas do país, as forças da produção e do pensamento, os estudantes e os intelectuais, os operários e o povo em geral para tomar posição decisiva e enérgica no respeito à Constituição, em preservação integral do regime democrático brasileiro, certo, ainda, de que os meus camaradas das Forças Armadas saberão portar-se à altura das tradições legalistas que marcam a sua história no destino da Pátria’.¹¹⁹

Denunciante, o segmento oposicionista a eminente posse do vice-presidente Goulart ao poder, capitaneado entre outros pelo udenista e governador do estado da Guanabara Carlos Lacerda, reativava prontamente o discurso anticomunista, no qual figuravam como *argumentos para um eventual rompimento da ordem constitucional* conhecidas frases feitas: *perigo vermelho; cubanização da América; república sindicalista*; e, surpreendentemente, até algumas inconcebíveis como a que foi utilizada diante da frustrada tentativa de prender o general Lott logo após a publicação pela imprensa do *Manifesto à Nação* em defesa da legalidade sucessória:

Mas, à saída, o chefe do Policiamento Ostensivo da Guanabara, coronel (do Exército), Ardovino Barbosa, avisou num berro:

- Fiquem sabendo, seus comunistas filhos da puta, que às 6 h da manhã volto para arrombar a porta do Lott.

[...] De um lado, o anticomunismo primário típico daqueles tempos de Guerra Fria, usado como pecha e estigma. (Ideologicamente, Lott era um acirrado anticomunista, e o proclamava em público, mas – como não discriminava nem perseguia os comunistas – passava a ser ‘um comunista’.) De outro lado, o medo de mostrar que feriam e ultrapassavam a lei, mesmo numa premeditada arbitrariedade: a partir das 6 h da manhã, poderiam entrar ‘legalmente’ domicílio adentro e prender com uma ‘ordem disciplinar’ na mão!¹²⁰

Revelia. Aqueles últimos dias do final do mês de agosto de 1961, especificamente aqueles sob impacto da vacância de poder produzida pela inesperada renúncia, foram geridos pela obstinação, pela insurgência, pela revolta *daqueles que recusavam qualquer outro arranjo político que não fosse o imperativo cumprimento da legislação*.

Destacadamente, a localização do *cenário das operações* de resistência a uma *manobra golpista* que inviabilizasse a posse de Goulart, pulsava

¹¹⁹ FERREIRA, Jorge. *João Goulart uma biografia*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 230.

¹²⁰ TAVARES, Flávio. *1961 – o golpe derrotado – luzes e sombras do Movimento da Legalidade*. 1ª ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2011, p. 32.

freneticamente a partir do Rio Grande do Sul, onde Leonel Moura Brizola desafiava – “*Podem atirar. Que decolem os jatos! Que atirem os armamentos que tiverem comprado à custa da fome e do sacrifício do povo! Joguem essas armas contra este povo.*”¹²¹ – as ameaças do general Odílio Denys que prometia bombardear aquela – classificada por ele – rebelião:

Tudo foi espontâneo, nada foi programado. A renúncia do estrepitoso Jânio Quadros, porém, foi tão inesperada que parecia nos libertar da letargia e, como um empurrão ou um tapa, nos levava naturalmente a organizar o que nunca fora organizado e a ordenar o que jamais tivera ordem. Esta foi a característica do Movimento da Legalidade [...] num país e num continente onde as coisas espontâneas e improvisadas costumam levar ao desastre ou se dilaceram em si mesma, a rebelião iniciada em Porto Alegre alastrou-se pelo Rio Grande do Sul e chegou ao Brasil inteiro numa sucessão de fatos que se armavam uns sobre os outros e iam adiante, multiplicados por um fio condutor, como se fosse resultado de uma longa programação anterior, que jamais ocorreu. O fio condutor foi a audácia.¹²²

A crise político-institucional do final de agosto e início de setembro de 1961, oficialmente deixava de existir quando da posse de João Belchior Marques Goulart na presidência da República – a seu pedido no emblemático dia da comemoração da independência política do país: 07 de setembro. Porém, o *arranjo político* para encontrar tal *solução pacífica* contaria com a viabilização da *troca do sistema de governo presidencialista para parlamentarista*¹²³ que, na prática, foi uma *alternativa imediatista* para o conflito. Suspendia temporariamente o perigo do confronto armado, mas *quebradiça e inconstante para o antagonismo dos envolvidos*, para a posterioridade, apenas recolheram e não depuseram suas “armas”.

II- BIBLIOGRAFIA E FONTES

¹²¹ FERREIRA, Jorge. *João Goulart uma biografia*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 235.

¹²² TAVARES, Flávio. *1961 – o golpe derrotado – luzes e sombras do Movimento da Legalidade*. 1ª ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2011, p. 27.

¹²³ FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista – getulismo, PTB e cultura política popular – 1945-1964*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005: “O principal argumento era o de que ele poderia chegar à presidência da República de duas maneiras: no regime parlamentar ou com todos os seus poderes presidenciais, mas com as botas manchadas de sangue [...] de fato, o país estava passando por gravíssima crise militar e as fraturas políticas poderiam resultar em sérios conflitos. Foi o quadro de muitas mortes que dobrou a resistência de Jango.” (p. 309).

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *O governo João Goulart – as lutas sociais no Brasil – 1961-1964*. 8ª ed revista e ampliada. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

BLOCH, Arnaldo. *Os irmãos Karamabloch. Ascensão e queda de um império familiar*. 4ª reimpressão. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BOAL, Augusto; GUARNIERI, Gian Francesco. *Arena conta Tiradentes*. 1ª ed. São Paulo: Editora Sagarana, 1997.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política – vol 2*. 7ª ed. Brasília: UNB, 1983.

BOJUNGA, Cláudio. *JK - O artista do impossível*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

BURKE, Peter (org). *A escrita da história – novas perspectivas*. 1ª ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular – história e imagem*. 1ª ed. Bauru: EDUSC, 2004.

CABRAL, Sérgio. *No tempo de Almirante. Uma história do Rádio e da MPB*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1990.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e história do Brasil*. 1ª ed. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CHARTIER, Roger. *A história cultural – entre práticas e representações*. Tradução: Maria Manuela Galhardo. 1ª ed. São Paulo: Editora Difel, 1990.

CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa in Projeto História 35 – História e Imprensa*. São Paulo: Editora da PUCSP, 2007.

DREIFUSS, René Armand. *1964 – A conquista do Estado – Ação política, poder e golpe de classe*. 7ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador – formação do Estado e civilização – vol 2*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1993.

FERREIRA, Jorge. *João Goulart uma biografia*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista – getulismo, PTB e cultura política popular – 1945-1964*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

HALL, Stuart; SOVIK, Liv (org). *Da diáspora – identidades e mediações culturais*. 1ª ed atualizada. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos – O breve século XX – 1914-1991*. 2ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWM, Eric. *Tempos interessantes – uma vida no século XX*. 1ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 3ª. ed revista e ampliada. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 3ª ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários – nos tempos da imprensa alternativa*. 1ª ed. São Paulo: Scritta Editorial, 1991.

LANCELOTTI, Sílvio. *Almanaque da Copa do Mundo*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1998.

MAGALDI, Sábado; VARGAS, Maria Thereza. *Cem anos de teatro em São Paulo (1875-1974)*. 1ª ed. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

MAGALHÃES, Mário. *Mariguella – o guerrilheiro que incendiou o mundo*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NEIVA Jr, Eduardo. *A imagem*. 2ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Editora Ática, 2006.

PARANHOS, Kátia Rodrigues; LEHMKUHL, Luciene; PARANHOS, Adalberto (orgs.) *História e imagens: textos visuais e práticas de leitura*. 1ª ed. Campinas: Mercado de Letras Edições, 2010.

PECCI, João Carlos. *Vinícius sem ponto final*. 2ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1994.

FERNANDES, Millôr. *PIF PAF - quarenta anos depois*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Argumento Editora, 2005.

PILAGALLO, Oscar. *História da imprensa Paulista – Jornalismo e poder de D. Pedro I a Dilma*. 1ª ed. São Paulo: Editora Três Estrelas, 2011.

PINHEIRO, Luiz Adolfo. *Jânio, Jango & Cia*. 1ª ed. Brasília: Editora Eco, 1988.

PIRES, Elaine Muniz. *Imprensa, ditadura e democracia: a construção da auto-imagem dos jornais do Grupo Folha (1978-2004) in Projeto História n. 35 - História e imprensa*. 1ª ed. São Paulo: Editora PUC/SP, 2007.

PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história* 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

QUADROS, Jânio. *Os dois mundos das três Américas*. 1ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1972.

RAMOS, Fernão (org.) *História do cinema brasileiro*. 2ª ed. São Paulo: Art Editora, 1990.

SANTOS Joaquim Ferreira dos. *Feliz 1958 – o ano que não devia acabar*. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1997.

SARACENI, Paulo César. *Por dentro do cinema novo – minha viagem*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1993.

SAUNDER, Francis Stornor. *A guerra fria cultural. A CIA e o mundo das letras e das artes*, The New York Press, 1999.

SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens – ensaios sobre a cultura visual na Idade Média*. 1ª ed. Bauru: EDUSC, 2007.

SEVERIANO, Jairo; MELLO, Zuza Homem de. *A canção no tempo – 85 anos de músicas brasileiras*. vol. 1. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 1997.

SEVERIANO, Jairo; MELLO, Zuza Homem de. *A canção no tempo – 85 anos de músicas brasileiras*. vol. 2 – 1958-1985. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio a Castello (1930-64)*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TAVARES, Flávio. *1961 – o golpe derrotado – luzes e sombras do Movimento da Legalidade*. 1ª ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2011.

TOLEDO, Caio Navarro de. *O governo Goulart e o golpe de 64*. 1ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

VIEIRA, Evaldo. *O que é desobediência civil*. 1ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

e-bibliografia

http://memoria.bn.br/?bib=030015_028pasta=ano1963pesq=-030015_02 –
(acessado em 09/04/2012)

www.diariosassociados.com.br/linhadotempo/abertura.html (acessado em
08/07/2012)

http://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml (acessado em
01/09/2012)

http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/samuel_wainer
(acessado em 01/09/2012)

<http://hemerotecadigital.bn.br/jornal-do-brasil/030015> (acessado em
01/09/2012)

<http://www.justicaeleitoral.jus.br/arquivos/referendo-de-1963> (acessado em
01/09/2012)

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

http://www.gonzaguinha.com.br/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=34&Itemid=56 (acessado em 01/09/2012)

<http://www.chicobuarque.com.br/construcao/index.html> (acessado em 01/09/2012)

<http://www.viniciusdemoraes.com.br/site> (acessado em 10/11/2012)

<http://www.itaucultural.org.br/> (acessado em 10/11/2012)

<http://www.ufrgs.br/cdrom/rodrigues03/rodrigues3.pdf> (acessado em 12/10/2012)

<http://globoesporte.globo.com/> e (acessado em 10/11/2012)

http://www.solbrilhando.com.br/Esportes/Basquete/No_Brasil/ (acessado em 10/11/2012)

<http://www.mariabueno.org/> (acessado em 12/10/2012)

<http://www.ufrgs.br/cdrom/rodrigues03/rodrigues3.pdf> (acessado em 12/10/2012)

<http://www.dicionariompb.com.br/juca-chaves/biografia> (acessado em 12/10/2012)

<http://www.dicionariompb.com.br/juca-chaves/discografia> (acessado em 12/10/2012)

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

<http://educacao.uol.com.br/biografias/john-f-kennedy.jhtm> (acessado em 01/12/2012)

<http://imagesvisions.blogspot.com.br/2010/08/fotografia-de-janio-quadros-com-os-pes.html#!/2010/08/fotografia-de-janio-quadros-com-os-pes.html> (acessado em 01/12/2012)

http://www.viniciusdemoraes.com.br/site/rubrique.php3?id_rubrique=9 (acessado em 03/01/2013)

http://pensador.uol.com.br/autor/franz_kafka/biografia (acessado em 04/01/2013)

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_teatro/index.cfm (acessado em 19/01/2013)

<http://www.centrocultural.sp.gov.br> (acessado em 19/01/2013)

http://www.ifch.unicamp.br/ael/banco_imagens/galeria_ael.php?codigo_acervo=9 (acessado em 19/01/2013)

http://www.abril.com.br/noticia/esportes/no_284931.shtml (acessado em 19/01/2013)

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Imagens

- Folha de S. Paulo: Primeiras Páginas (1961 a 1964) -
<http://acervo.folha.com.br/fsp>

- Última Hora: Primeiras Páginas (1961 a 1964) - <http://memoria.bn.br>

(Bibliografia em construção)